VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHÃO,

Escrita por elle mesmo:

Com as Obras quantas compôz em prosa, e verso, até ao Anno de 1789: e solemne da sua Formatura, semeadas pelo corpo da Obra nos seus respectivos lugares, com as Rubricas mais competentes: e com as posthumas de seu Irmão, Antonio Gomes da Silveira Malhão.

TOMO III.

LISBOA: 1823.

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHÃO,

Escrita por elle mesmo:

Com as Obras quantas compôz em prosa, e verso, até ao Anno de 1789: o solemne da sua Formatura, semeadas pelo corpo da Obra nos seus respectivos lugares, com as Rubricas mais competentes; e com as posthumas de seu Irmão, Antonio Gomes da Silveira Malhão.

TOMO III.

LISBOA: 1823.

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

Ruim seja o que por ruim se tem.

Bento Pereira no Thes. da Ling. Portug. P. II. p. 237.

AOS LEITORES.

AMigos, a razão da demora deste III. Tomo, eu vo-la faço saber nas Cartas que recebi, e na resposta que dei.

CARTA AO AUTHOR.

Amigo Malhão.

DE ha muito a esta parte, e não sem alvoroço, esperamos a sahida de teu III. Tomo: tu não deves enganar o Público, e os teus Amigos desejão anciosos ver-te já formado, e acabadas tuas Aventuras até esse instante, na fórma que o annunciaste: eu sei que tem tido extracção grande: e assim não sei que motivo possa haver, para que tu te descuides tanto: ora não nos trates de modo que não correspondas á nossa amisade, malogrando os nossos desejos.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

RESPOSTA DO AUTHOR.

Amigo.

RExebi a tua Carta, e a fallar-te com o coração nas mãos, assentei fixamente que nem tu, nem os outros terião já lembrança deste Condiscipulo; mas ainda bem, que morrendo para alguns, ainda vivo para muitos: Vamos ao caso.

Eu já levava em boas alturas o meu III. Tombo, ou boleo: li porém o Jornal de Maio, e tomei tedio a ser Escritor, reconhecendo haver-me enganado, pois a frase de que me sirvo, e de que me pagava, como propria da Obra, he o que ahi principalmente se ataca: não nego que por outra parte este Critico me prodigalisa louvores, mas sempre são suspeitos á vista do menoscabo, com que os entrelaça por entre a censura magistral com que me falla: nestes termos, assento ser pezado ao Público, e devo em consequencia alliviá-

lo deste dispendio, bem que voluntario: em Agosto nos veremos, e mais largamente trataremos desta materia.

Amigo, e verdadeiro Amigo.

Francisco Malhão.

Resposta desta Carta pelo mesmo Amigo.

Meu rico Malhão.

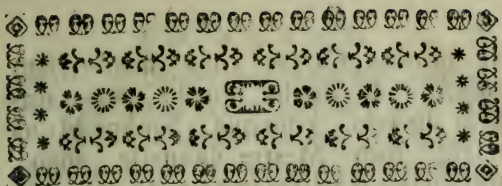
NÃo te suppunha ainda tão restricto a opiniões vagas, nem tão amante da tua reputação scientifica, que chegues ao ponto de não querer que haja quem te censure: enganas-te, e pelo contrario observarás que não ha livro com geito, de que se não ralhe. Tu a estas horas imaginas, que os Authores do Jornal tem em si o pensar do mundo inteiro, ou que são como huns Almotacés deste genero? não he assim, pensão como querem, e dos seus discur-

cursos tambem cada hum pensa como lhe parece: elles tem alguma razão na hypothese, de que tu imaginaste huma Novella, e não sabem que tu contas factos, bem que da vida commum, com tudo, acontecidos, e presenciados por nós outros que lhes achamos a graça, que elles não podem achar-lhes; e com effeito o ser a tua vida huma producção da fantasia, então era certamente huma fantasia pobre. Não deve a meu ver ser este o motivo de nos privares de ver completa a Obra, muito principalmente, quando tu a tomaste de empreitada, e os teus censores trabalhão de jornal: de maneira, que tu trabalhas para te utilisar, e elles com o mesmo fim fórmão os seus juizos sobre as Obras dos outros. Lembra-te que quem entende não precisa da lição do Jornal, e quem por ella se guia, então faz pouco vulto o negar-te o teu voto, pois que hum conto que do Jornal aprendêo, não tem mais pezo do que o mesmo Jor-

nal;

nal; e quando á frase, sou de voto que sigas a mesma em que começaste, salvando sempre a opinião dos Criticos; e o Diccionario que elles appetecem para a sua intelligencia, cá se lhes fará. Regala-te, e continua, e para Agosto te espero com elle.

Teu Amigo.

J. J. B. L.

EPOCA VII.

CAPITULO I.

§ I.

REalisada por Ordem Regia aquella mesma ordem, e arranjamento, em que me havia illegitimamente constituido no terceiro anno de Leis da maneira, e modo que hia historiando no Tomo II. Epoca VI. Cap. III. §. XVIII. com o qual abotôa quanto agora se segue, cada assim a razão de ordem, e carencia de fugitivos; cuidei seriamente em fazerme digno do favor, e em sustentar o posto que havia tomado, temperando os frios das manhãs com as boas esperanças de vir huma, em que acordasse vanglorioso conductor

de minhas Cartas: não fiando isto sómente de minha tenção, mas tambem do zelo, com que o Senhor Monteiro; meu Mestre daquelle anno, sollicitava o adiantamento de seus discipulos, certo por huma traição constante, de que elle se não abalava, nem a rogos, nem a caramunhas: pelo que posso affoitamente jurar, que neste anno estudei mais, do que nos outros dois antecedentes, tomadós ambos pelo grosso.

§. II.

Nunca se me fez violento, que me pedissem lição: era-me suave huma Dissertação até por Semana; e sem espanto ouvia o meu nome, resmungado pelos Bedeis, em occasiões de Sabatina: consistia o meu incómmodo, em me levantar tão cedo, com o frio com que o clima de Inverno presentêa a quem alli vive: e por isso não escapei a ser apontado em aquelles dias, nos quaes cheirava a impiedade por hum homem o corpo de porta a fóra, embrulhado em huma ba-

batina, cujos fios andavão em divorcio huns com outros, e debaixo de hum chapeo de Sol, e chuva, que á boca de cada rua, era desenfado do vento, riso de quem passava, e consumição de quem o conduzia.

§. III.

Em fim com huma no cravo, outra na ferradura, hia eu levando o meu anno direitinho, sem que jà se escrupulisasse àcerca de minha Deutorice; se bem que não houvesse de todo apostado de funções caseiras, furias de campo, e rio, e das mais farofias, em que o meu estabelecimento tinha as pedras fundamentaes, e sem que eu não podia firmar passo, sem que me arriscasse a deixar rasto.

§. IV.

Além dos amigos que sempre me ajudárão, e de que tenho tratado, contei de novo a Antonio Reiz: Caldas, José Pereira Caldas, Antonio de Sousa Caldas, Filippe de Sousa

Canavarro, D. Diogo, e D. Luiz de Sousa, que todos me recebêrão em protecção, aggregado pelo meu estimavel amigo José Calheiros, Mathematico-Fysico, homem digno de maior fortuna, e que ao presente não sei como della lhe vai, e nas mesmas circumstancias o considero a respeito da minha: mas vamos andando.

§ V.

Ainda que eu de todo não tinha arrumado a guitarra, sempre me eximia quanto era possivel de funções, por me haverem avisado, de que meu Mestre não olhava bem para Poetas, não obstante serem citados no corpo do Direito, e haverem com a sua melodia arrebanhado os primeiros homens, levando-os dos desertos, para se arrancharem nas Cidades: por isso me lembro de fugir a estes ataques, e muito bem me recordo, que o primeiro gazeo, que fiz no 3.° anno, foi por ir assistir ao Noivado de certa menina, hum tan-

tos

to bella, por nome Joaquina, aonde foi muita gente, e aonde eu depois de improvisos, encaixei, como feito alli de repente hum Soneto, o qual a hum igual assumpto tinha sido Obra dos meus dias da Torre d'Aguilha: foi elle muito applaudido, e copiado, e he o que se segue:

SONETO.

No regaço de Venus reclinando
 Amor o lindo rosto, suspirava,
 A mãi no amargo pranto, que espalhava,
 O candido sendal hia ensopando.

Da frente as loiras tranças arredando,
 Nas faces rubicundas o beijava;
 A causa de seu pranto perguntava,
 Ao que Amor respondia soluçando.

Choro, querida Mãi, meu proprio damno,
 Pois o rosto perdi mais delicado,
 Com que dos corações me fiz tyranno:

Liguei Josina em Hymeneo sagrado,
 E por fazer feliz hum só humano,
 Fiz o resto dos homens desgraçado!

§. VI.

Neste anno houve Abbedeçado em Sendelgas, em que se não dispensou a minha assistencia, e ahi, além da função ordinaria, houve máquina aerostatica, ordenada por huns curiosos, e a mais feliz do que todas daquelle anno, sendo então este o frenesi, que produzio infinidade destes papagaios, a que huns davão o nome de balões, outros de manicas e os rapazes de monicas: prégou de arraial, com o seu costumado espirito, José Pedro da Silva Nolasco, e glosou com geral applauso Joaquim Baiana, Poeta, que então appareceo naquelle outeiro, assim como os trabalhos, que facilmente surgem debaixo dos pés; e a final houve joguinho em que pela vez primeira sahi de lucro.

§. VII.

Tornado a Coimbra, e no meio de minha fervorosa applicação appareceo Henrique José de Castro com a sua primeira Tragedia intitulada

Pria-

Priamo; e como gostei della atanazei-o, para que melhor a gostassemos posta em Scena: apparecêrão difficuldades, como v. g., vestidos, casa còmmoda, e personagens: a tudo se derão sahidas; e como elle se não pouvava a gastos, nem o Pai se lhe dava delles, mettemos mãos á obra, tirárão-se, e repartirão-se as partes, e muito em segredo se começou a agenciar a representação: fiquemos aqui porque o resto pertence a outro lugar.

§. VIII.

Tinha meu irmão ficado em mais descanço das Musas, em consequencia de molestia que lhe sobreveio; e se bem que o estro lhe não tinha affracado, com tudo, os mais apaixonados dos seus versos lhe quartavão os improvisos, e affastavão de excessos; e por isso tambem eu me escapolia de andar tanto na marcemba: ás vezes porém era precizo comparecer nas funçanatas, e tanto, que estando elle não pouco doente, assim

sim mesmo nos não podémos dispensar do obsequio a certo Fidalgo aportado a Coimbra, e foi então, que elle parece ou advinhava que pouco tempo lhe restava para versos, ou a sua Musa tomou especial partido no festejo daquelle dia; por que apparecendo depois de outros assumptos o Verso: *O teu rosto encantador*, depois de hum extenso, e assisado improviso, rematou com a Decima seguinte:

Quiz hum dia a Natureza
Fazer huma cousa rara,
E consta que meditàra
Mais d'huma vez nes'ta empreza:
Da branca neve á belleza
Juntou do carmim a cor;
Poz-lhe fogo abrazador;
Tudo o que he bello lhe unio,
E desta massa sahio
O teu rosto encantador.

§. IX.

Indo as cousas como tenho dito; e

e chamando-me Anarda com choradeiras amorosas, chegado o tempo do Natal, com anticipação de alguns dias, marchei para Obidos, levando no primeiro a marcha a Pombal, e no segundo a Leiria, aonde fiz a minha entrada ás quatro para as cinco horas da tarde.

§. X.

Como eu quando alli representei vim ao theatro no fim da peça armado de guitarra, e entre alguns versos sobre que fiz quadras, foi hum delles: *O Malhão faz a folia*, apenas os rapazes me vìrão entrar, ao som dos estallos da minha retumbante manobla, começárão de seguir-me, portando-se huns pela frente, e outros á estribeira arremedando o meu tom de improviso, e invertendo o verso, pois que na confusa vozaria, sómente lhes escutava: *O Malhão vai na folhinha*. Assim me acompanhárão até ao Terreiro, sitio da casa do meu bom amigo Miguel Luiz da Silva e Ataide,

de, aonde fui recebido, com alvoroço, e ahi se fizerão versos à roda de hum excellente brazeiro, com que se resiste ao frio de simillhante estação.

§. XI

Nessa noite ourinárão as nuvens diabeticamente, e se eu de madrugada não abalasse sem dar palavra, certamente ficaria de morada, e tarde me chegaria a hora de fazer o meu rompante de estalo, dando assim aviso a Anarda, de que era aportado aos Paizes natalicios, a fim de gozar os saborosos, posto que acanhados prazeres de a ver ao largo, e tratar de longe pela frase subsidiaria dos acenos, na vaga de escrever, e ler escriptos, saudavel pasto dos namorados.

§. XII.

Vencendo hia eu os lamaçaes que se alojão todos os Invernos, no plano que se extende entre a Galpilheira, e a Batalha, aqui esbarro, alli me atolo, influindo ao cavalinho o ani-

aninho possivel, quando, ò Santa Virgem, entrou a zunir-me pelas orelhas a chuva mais fria, e grossa, que o meu capote agasalhou nos muitos annos em que me servio, em jornadas desta categoría, dei de picar o potro sem alma, nem consciencia; mas quando cheguei á Batalha, não levava enxuto, se não a parte do corpo, e do fato, que assentava em cima da sella, e por felicidade a mala, por ser nova, e cahir-lhe o capote por coberta, sem fazer dobra, e não ter buracos por aquella parte.

§. XIII.

Pertendi mudar de vestimenta, mas achei a estalagem tão desprovída de lume, e de cousa que a elle se pozesse, que tomei por melhor partido, ir atirando comigo para S. Jorge, a cuidar da humanidade com mais commodo: e depois de outra igual fadiga, pela ladeira que se segue àquella Villa, dei finalmente fundo na appetecida estalagem; aon-

aonde até achei para almoçar hum porco morto de fresco: dei as ordens necessarias, e fui cuidar da alimaria, que estava como sahida de hum banho.

§. XIV.

Mudei de roupa, e feito isto me assentei á meza, cara a cara com huma frigideira de carne de porco, recem-falecido, namorando ao mesmo tempo hum azado pichel de vinho branco; e engolindo estava eu, quando de repente appareceo á porta huma patrulha de Soldados, e no meio delles hum Mocetão bem fornido, sentado em huma egoa de albarda, porém com os pés adereçados com robustos grilhões; apeárão-no, e conduzírão para dentro, e elle me saudou com hum ar muito desenfastiado, e com bastante pachorra se assentou, mas sempre com dois camaradas á vista.

§. XV.

Offereci-lhe do que tasquinhava; e por signal que elle nenhuma duvi-

da

da pôz em aceitar, do que nada se me deo, não só porque nunca offereço por comprimento, mas tambem porque o almoço era grande, e me achava hum tanto nauseado, pois ás duas por tres fui descobrindo mais gorduragem do que carne magra, cousa que nunca arranjou bem no meu estomago: e pelo contrario o meu hospede de meza, levava-se por ella com todo o desenfastio, quer fosse que lho pedisse o seu paladar, quer lho rogasse a fome daquelle dia.

§. XVI.

Lá vai, cá corre; e entre mais a mim, e mais ati, pedio-me elle licença para dar hum copo de vinho a hum Soldado, ao qual sómente tratou pelo nome de Lopes: e me disse que daquella patrulha era o unico a quem devia obrigações, pois só elle o tratava com caridade no seu infortunio.

§. XVII.

Isto deo asos a que eu lhe pergun-

guntasse a causa de ir a ferros, e debaixo de huma tão escrupulosa segurança: ao que elle me satisfez com huma energia, e desenfastio, que nas palavras reluzia a verdade de quem as articulava: e ao passo que eu me entristecia com a narração, se surria elle, fazendo-me reflectir, que quem está no mundo, ainda póde passar por cousas maiores, e que outros conhecêra em peior estado, do que elle se via: e o caso he o seguinte, segundo elle contou, e os guardas não contradisserão; o qual escrevo *parum*, *ve minus ve*, para instrucção do que póde hum inimigo.

§. XVIII.

Nascí de Pais honrados, me disse elle, e nunca fui de fazer cortezias, nem bajulações, acompanhadas de caretas, e torcicólos, nem de peccar contra a Lei em prodigalizar tratamentos que exigem certos fantasmas, que amanhão Fidalgos com mais facilidade do que hum olleiro

faz

faz huma pucara na sua roda. Por morte de meus Pais fiquei Adminisrrador de huma pequena Capella, proveniente da parte de minha Mãi: ha perto da minha habitação, hum Cavalheiro, que he realmente o dizimo do que pertende, e como a minha lingua não lhe atinava com o postiço tratamento os aduladores lhe dão, tomou-me que em odio tão mortal, que manejando que o seu dinheiro, e valimentos fez apparecer hum filho de meu Avô materno, maior em nascimento do que minha Mãi, ao qual posto que natural fez julgar Administrador da Capella de que eu me mantinha em fartura, e independencia, porque não excluia bastardia, gastando para isso tanto, quanto poderia tirar-me, com o unico fim de cevar a raiva que me professava: clamavão que se guisse o pleito, porque a prova da naturalidade nos era concludente: eu porém que vivia desgostoso, e me chamava hum Tio paterno, que tinha no Serro do frio, dei-

deixei tudo, e fui para elle, a gozar da tranquillidade que sempre amei: dispuz a minha jornada, e fiz a despedida ás poucas pessoas, com quem convivia, e chegado ao Porto, embarquei-me logo, e fiz a minha passagem para a America, com vento favoravel.

§. XIX.

No dia seguinte á noite da minha retirada aconteceo achar-se morto hum rapaz, que havia sido creado do Cavalheiro: e este ainda não contente de me privar da fazenda, aproveitou o indicio de minha partida, comprou testemunhas, e me fez pronunciar author daquelle delicto, deixando-se assim ficar, com aquell punhal, que a todo o tempo podésse desembainhar contra o meu socego.

§. XX.

Passados dezoitos annos, e morto meu Tio, herdeiro de seu cabedal, e saudoso da Patria, embarquei-me para o Reino; e quando cuidei que vinha ter em frugal descanço o resto de

de meus dias, e achei pela proa á Sua Senhoria, o qual apenas soube de minha chegada, mecheo o crime que me havia engendrado, e deo comigo prezo, na mesma noite em que tornei a recolher-me no meu albergue.

§. XXI.

Entrei a querer patentear a minha innocencia, mas vi que a empreza era difficultosa á testa de hum tal inimigo, cheio de valimentos por o ser de dinheiro, e para obstar a tantas difficuldades, eu mesmo implorei ser removido para Lisboa, a fim de que em huma terra, aonde aquelle gigante fica sendo hum Pigmêo, melhor, e mais azadamente faça concludente a minha defeza, não só pelo que respeita á liberdade, mas tambem para remover a suspeita, de que fora capaz de perpetrar hum homicidio, pois que a honra, e boa reputação se fazem tão estimaveis ao homem de bem, como a propria vida.

§. XXII.

Veja vosse, me dizia elle, brandindo o garfo; veja vosse o que póde, e a quanto obriga a negação de huma Senhoria! Tenho com tudo a optima quartada, de que na noite da minha jornada, e a da morte que se me attribue, entrei para huma casa ás Ave-Marias, aonde estive effectivamente na companhia de doze pessoas, e della, por felicidade sómente sahi, para montar a cavallo, a tempo que rompia o dia, sendo até meia legua acompanhado de quatro dellas, accrescendo de mais a mais, que ao morto não se acharão, nem feridas, nem contusão de qualidade alguma.

§. XXIII.

Com esta historia nos entretivemos, até que o Guardião da comitiva, disse que era tempo de partir, e nisso foi elle cuidando, e eu; e ouvido *o faça-lhe bom proveito* da estalajadeira o fui acompanhando, até onde o caminho ss divide para Lis-

boa,

boa, e Alcobaça; ahi lhe disse o *vale*, e vim picando para Aljobarrota, cujá ladeirolá desci com o Credo na boca, chapinhando barro, e por entre nuvens de agua.

§. XXIV.

Foi esta segunda molha de tal natureza, que precisei novamente de mudar de fateota; mas porque nunca fui de trastes superfluos, em attenção a alguns delles por alagados, foi preciso socorro da cama, entrementes, que os dei a enxugar á fogueira; e por isso foi tambem consequencia forçosa, amalhar alli o dia, e a noite, ouvindo os effeitos da chuva que apanhei, no embate do rio com a ponte visinha, e no espalhafato do telhado por muito mistico: e como me achava com tanto vagar, lembrando-me destes fracassos, e de outros, e tambem do miseravel prezo, cuja historia tinha filada nos ouvidos; roguei hum tinteiro, e produzi o seguinte que não pude rimar, segundo o meu costu-

me, pois creio que a Musa se me des-
encrespou com a chuva, assim como
os caracoes de meu cabello,

Ao dito.

Discordes lutão na nublada esfera
Os rijos ventos, e rodando as Pleidas
Do alto envião o choveiro espesso
Que o monte alaga.

Rajadas frias' encanadas correm
Por entre os valles, e soberbo o rio
Montando as moutas, derribando os troncos
A terra escava.

Fadigas perde, os suores frusta,
E tu, Colono, do portal espreitas,
Pàllido o rosto, malogrado o fructo
De teus trabalhos.

Assim se afflije pela noite escura
Pastor que escuta o oivar tremendo
Da féra brava que ciladas urde
A's rezes mansas.

Ninguem respira sem temor na terra
Debalde busco hum seguro asylo
São tudo tramas, e no mundo todos
Tem seus contrarios.

Por enrre as flores de mimoso cheiro
Nevados dedos descuidados achão
O dente agudo de letal serpente,
Que astuta morde.

Onde mais doce verde relva paste
Tenro cordeiro, que ao pastor se alonga,
Ahi nas garras de faminto lobo
A vida perde.

No porto amado que ancioso busca
Depois d'as Circes, e os escolhos duros
Vencer possante, marigavo lenho
Ao fundo desce.

Assim me encontro alguns outros acho,
E sempre o tempo nos descobre a todos
Que he monstro enorme, he desgraça horrivel
Hum inimigo.

§. XXV.

No dia seguinte appareceo a Aurora com aspecto mais favoravel, e feito o bico ao sacho, por meio de mastigar, trepei a mizela, e desenrolando quatro estalos, virei proa á vestiaria, cavalguei a sélla, e por ascapar ás areias cégas do rio Xarnais, descambei sobre Alfazirão, passei Tornada, palrei nas Caldas, e finalmente entrei na minha Patria, quando o Sol começava a descahir para a parte de sua tumba.

CAPITULO II.

§. I.

AO passar pela porta de Anarda, appareceo ella, mas no encontrão das nossas vistas, não descobrí aquelle prazer, com que o seu rosto costumava apparecer-me; entrou logo a doer-me o cabello, e escancarou-se a porta á justa desconfiança, de que a minha retirada tinha feito abrigar em seu coração algum objecto mais

fixo na terra, e não sujeito aos vais, e vens, em que eu sempre andava: assim o pensei, mas não me quiz dar por achado; e me propuz a huma observação manhosa, a fim de que com acerto lhe fizesse o que já tinha feito a outras pelas mesmas culpas.

§. II.

Ainda sem eu chegar á ultima prova, já hesitava muito pouco ao cabo de tres dias, que a Senhora Anarda me havia feito gambernia, e pregado mono; até que para tirar o saibo a qualquer duvida, me deparou a fortuna huma sahida da terra, da qual lhe dei parte: e como esta se frustrou, e ella me suppunha ausente, teve a embatucação de acharme por testemunha do galenteio, e expressões de aceno, com que entretinha aquelle mesmo sujeito, para quem minhas suspeitas se inclinárão sempre: isto me sobejou, e logo segundo o meu costume, lhe mandei a despedida em verso; pois co-

mo

mo por versos começava os meus namoros, em verso os devia finalisar, em contemplação do axioma juridico *per quaseumque res nascitur*, e constava a remessa da seguinte

CANÇÃO.

Aquelle dia, ha tantos agoirado
Pelo meu coração, que he bem desprezes,
Chegou; peito fingido, e retalfado!
Depois da fé jurada tantas vezes!
E mal suppunha,
Que do engano, e da affronta, Anarda injusta
Por mal maior eu fosse testemunha!

Oh como differente me avistaste
D'aquelles dias que por mim choravas!
Debalde regozijo me affectaste,
Que eu vi logo os enganos, que occultavas:
Em vão pertende
Sentimentos traçar hum falço gesto,
A quem do rosto humano a frase entende.

O riso verdadeiro não se espalha,
Sem outras formas, que o sentir lhe empresta;
Se a pallidez a grande susto falha,
A falsidade he logo manifesta:
Trabalha em vão,
Quem quer pintar na face industriosa
Aquillo que não sente o coração!

Pois não pódes negar-me a justa queixa,
E offensas não supporta hum peito honrado,
Na posse desse bem, por que me deixas,
Em paz respira, peito a enganos dado!
Eu qualquer dia
Ouvirei os queixumes que elle fórma,
Que apoz huma vem outra aleivosia.

Canção, dize-me a amor, que ao mesmo passo,
Que minha alma fez branda ás settas suas;
Me torna o desengano o peito d'aço
No castigo devido a offensas cruas,
E nem me custa
Huma lagrima só, hum só desgosto,
Para sempre deixar huma alma injusta.

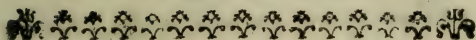
§, III.

Impinjido assim o recado, e morta a paixão de tanto tempo, logo ao terceiro dia de minha chegada, a veio-

veio-me á cabeça ir concluir em Lisboa, o que me restava de ferias, e de lá mesmo fazer a couducção para Coimbra: isto foi assentado no dia da Carta, e dado á execução no que se lhe seguio: e eis-aqui, como eu me desapegava destas bandoleiras, que amão por moda; gente de que no meu tempo havia muita, e creio que hoje será o mesmo, porque o tempo não muda de todo as condições

§. IV

Chegado a Lisboa, visitei os meus conhecidos, e camaradas, e cuidei em arranjamento para Coimbra; e foi então que eu recebi de hum favoravel amigo o producto de huma papeleta impressa em 1783, a qual me suggerio o frenesi de Satyras, contra os peraltas, e que não foi no seu lugar competente, por a haver perdido; e só me vir á mão depois de alinhavado o segundo Tomo, mas como mais vale tarde do que nunca, aqui a tendes, e novamente vos repito as súpplicas de seu Prologo.

SA-

SATYRA
EM LOUVOR DAS MODAS,
OU
ESCUDO DE PERALTICE:
OBRA UTIL
A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,
COMPOSTA, E OFFERECIDA
AOS SENHORES PERALTAS,
E CASQUILHOS DE LISBOA,
POR SEU AFFEIÇOADO SERVO
F. M. G. S. M.

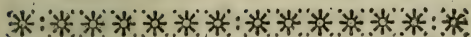
Multa renascentur, quæ jam cecidere cadentque
Quæ nunc sunt in honere . . . si volet usus
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque
Horat. in Arte.

FLORENTISSIMOS SENHORES
Peraltas, Xibantões e Casquilhos de Lisboa.

AQuella honra e valor, que sómente herdei de meus Avós, cujas façanhas ou o tempo as não respeitou, ou elles nunca às fizerão, forão

rão quem me animou a declarar-me da vossa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as Musas freneticas vos tem dado nos vastissimos campos de huma Satyra descarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto; porém como hum pão com huma fatia accommoda mais, esta a razão, por que alinhavei este papelinho, a que levantei o falso testemunho de Satyra, e reverente vo-lo offereço. Se assentardes que nisto vos fiz algum beneficio, ou ao menos obsequio, recompensai com as vossas moedas de dez réis, a fim de que possa ser hum decente defensor do vosso partido, não só escrevendo, mas imitando o vosso asseio.

Valete.

Se

SE entre nos de bigode á Fernandina,
Golilha por gravata, e pequenina
Capa dos altos hombros pendurada,
A trança pelas costas desatada,
Hum chapéo mui pequeno, e desabado
Calças grandes, çapato desbicado,
Hum varão circunspecto apparecêra,
Que pasmo aos nossos tempos não trou-
xera!
A elle a petulante rapazia
Em tropel das esquinas correria,
Como ao calvo Eliseu, ou *Man'el co co*:
Que sério se não rira do descoco
Do tenaz Antiquario? qu' importár a,
Qu' elle co's braços grande voz alçára,
E dissesse gritando: ,, Desta sorte
,, Arremedo esses filhos de Mavorte,
,, Au'o Rei, e á Patria tant'authorisárão;
,, Estes são os enfeites, que s'ufárão
,, Naquelles bellos tempos já passados
,, Em

,, Em que por terra, e mares não tri-
,, lhados
,, Os Lusos ajuntando gloria a gloria,
,, Ao Templo s'elevárão da Memoria.
,, Os Albuquerques, Castros, e Sampaios
,, Terror dos Maratás, dos Malayos,
,, Trajavão deste modo; assim vestidos
,, Se fizerão no mundo conhecidos! ,,
Mas quem lhe não tornára: he bem
verdade,
Que em tão antiga, e respeitosa idade
Dessa maneira os homens s'arreavão,
Que sahião a campo, e triunfavão:
E devemos dizer, que aos seus vestidos
Tão famosos combates são devidos,
Quando c'os mesmos com que triunfa-
rão,
Desejadas victorias lhe escapárão?
Somos loucos, s'esforço attribuimos
Ao modo de trajar; que tempo ha vimos
Os nossos Portuguezes valorosos,
Sem jaquete, e sem calças bellicosos
Das ribeiras partir, que o Téjo banha,
E assustar os Leões d'altiva Hespanha!
Nada augmenta o valor de taes guer-
reiros

O

O pezo de huns canhões, e d'huns pe-
neiros,
Huma vestia com abas desmarcadas,
Hum chapéo ordenado ás tres pancadas
Cantos iguaes, o forro de carneira,
De rabicho enroscado, a cabelleira
Com seus anneis de arame ou ruça, ou
loira,
Attestada por dentro da salmoira;
A roda do pescoço mui justinho,
Seguro c'om huma chapa o pescocinho;
Huns punhos té aos dedos alastrados,
Com muita roda, e todos recortados;
Calções sem alçapão de tripe seda,
Que andavão limpos a poder de greda;
Suas ligas de atar, meias riscadas,
Fivelinhas de prata pespegadas,
Em cima de huns çapatos desbicados,
Mui largos, e co's saltos esbeiçados.
Não consiste o valor no atavío,
O desejo da gloria, a honra, o brio
Forão quem produzio tantos Athletas,
Pasmo do mundo, assumpto dos Poetas.
Alguns me arguiráõ, que a nossa idade
'Stá muito corrompida da vaidade,
E se o traje valor não lhe infundia,

A

A carencia do luxo então seria;
Mas oxalá que o luxo, e vaidade
Não reinassem no mundo em toda a
idade.

Depois que os homens esquecer deixárão
Os tempos venturosos, que chamárão
Seculos d'ouro, des que a branca lã
A sua cor trocou na Assyria grã;
O luxo, e vaidade engatinhando,
Pouco a pouco se forão levantando,
E seguidos de povos numerosos,
Se fizerão no mundo poderosos:
Os saleiros nas mezas rutilárão,
Porcelanas, e prata as adornárão;
Com ouro fino as sedas se tecêrão,
Bernes, veludos, telas se fizerão;
E a tal ponto chegou entre os Romanos
Que em luxo forão pasmo dos humanos.

Porém volvendo a nós; que tem de
mais
O ver em uso postos os metaes,
Sedas, e bernes, chitas com fartura,
Hum fraque com mais esta cortadura,
Arrecuado a traz, ou por direito,
Gola mais larga, bandas sobre o peito,

Fi-

Fivelas ou redondas, ou compridas?
Hum laço no chapéo, borlas cahidas?
Isto he luxo, assim he; porém seguido
Foi de nossos maiores: hum vestido
Com casas d'alto a baxo, estas fechadas;
Botões aos centos, pregas escusadas,
Vesteas de mais da marca, e guarnecidas;
Não são cousas por luxo produzidas?
Se hum roupão para o frio he mui bastante,
Usar outro vestido he ser farfante.
Nossas avós não tinhão seus toucados
Com papelão ao alto levantados?
Não tinhão botões d'ouro na camiza,
Fivelas de ouro aberto, ou prata liza,
Brincos de preço, laços ao pescoço?
Meus Senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralhar: ha tal abuso!
Em sahindo huma cousa fóra d'uso,
Satyras logo: hum velho não consente,
Senão o que elle usou; impertinente
Mofa de quantos vê; e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando,
Faz com sécas suar-nos o topete,
Louvando o velho, e sério minuete,
Chamando ás contradanças, dançarolas,

Proprias de loucas, e de mariolas.
Mas não perde funcção; e pouco a pouco
A'quelle que chamava d'antes louco,
Imita sem rebuço; sahe a campo,
Nas assembleas faz seu pè de banco,
E tenho muitas vezes reparado,
Que nunca hum jarra podre, e desdentado,
Que ralha dos enfeites, por seu par,
A mais rara velha, e modesta vá tirar!
Todo Adonis os braços requebrando,
Os pés hum pelo outro embaraçando,
Sua, e não larga! quantos deste lote
Cantão sua modinha, dão seu mote
Com allusão frecheira; e titubando
Da bôca enregelada a voz soltando,
Finezas dizem, chorão anciados,
O não ter menos trinta nos costados;
E ha tal ralhador da nossa falta,
Que o cabello criou por ser Peralta!
Que parece melhor? vêr em Lisboa
Onde o rodar dos coches tudo atroa,
Onde tudo he magnifico, e invejavel,
Dos Cidadãos a turba innumeravel
Em pardas saragoças embrulhada,
Ou

Ou o garbo, e figura bem tirada
De hum Peralta? a mais pobre Senhorita,
Sem outro ornato algum mais que huma fita,
A sua capuchinha, e dous volantes,
Excede as Senhoras mais chibantes
Desses tempos, que os tempos já levárão
Sempre as cousas, Senhores, se mudárão
Do tempo á proporção. o que algum dia
Os olhos recreava, hoje enfastia;
E se nausea nos faz sempre hum comer;
O trajar sempre o mesmo ha de a fazer.
Se observamos do bruto a natureza,
Nós vemos, que rolando entre a aspereza
De soltas pedras, ou de agreste mato,
A cobra sibilando larga o fato;
Muda o passaro as pennas, muda o pelo
O dourado novilho, a ovelha, o velo,
E muda a folha o bosque de anno em anno:
E ter por cousa rara que hum humano
Mude o seu traje, á proporção da idade,
Que tenha no vestir-se variedade,
Quando o mundo he taõ cheio de mudança!
Querer que exista agora a antiga usança,

E não possa qualquer mudar de asseio,
Sem que sirva de tranca ao olho alheio!
Querer que em cousos do tempo haja firmeza,
He dar novo instituto á Natureza.

Que importa o homem traje ao modo antigo,
Se elle for do seu Proximo inimigo,
Soberbo, matador, e de impiedade
Armado, for damnoso á sociedade?
Que importa que o vestir uze de agora,
Que a rabuje dos velhos desadora?
Vista assim, ou assado; mas com tanto,
Que respeite eo Rei o Nome Santo,
A Pátria estime, cuide em ser honrado,
Siga a Religião, sirva o Estado:
Que tem o ext'rior co'as intenções?
Nunca pendeo a gloria das Nações
Do vestir dos seus povos; a virtude,
Ou dentro do veludo, ou borel rude,
Tem o mesmo esplendor, o mesmo preço;
Mas quem toma estas cousas do aveço,
Ralha, e torna a ralhar dos seus nascidos
Embirrando no talhe dos vestidos!

Acaso porque tem a casca dura

O miolo da amendoa he sem doçura?
O veneno lançado em crystal fino,
Acaso perde a essencia de malino?
Tambem sabe a comida bem temp'rada,
Em prata, como em barro ministrada.
Observem cada huns desabusados,
Que fizerão louvavel os passados;
Os defeitos lhes notem, maiormente
No que ao Público, e a Deos he pertencente;
Sigão o bem, desviem-se do mal,
Que o trazer chapéo grande pouco val.
Mas, *Porsino*, me dizem: já'estou certo
Não ser a moda tanto desacerto,
Como té'qui julgava, mas tambem
Por outra parte vejo muito bem,
Terem razão aquelles, que mofando
Da sofice do tempo, vão notando,
Que a filha do sebento remendão
Faz hoje em dia quasi o figurão,
Que a daquelle que tem bastantes rendas;
Ao fidalgo de granjas, e commendas,
Imita o Escrevente, o Rabulista,
E o Caixeiro do pobre Capellista.

Res-

Respondo, *Filo*, eu sou desabusado;
E posto que da moda enamorado,
Não volto o rosto ao lume da verdade:
Isso que dizes faz-me novidade,
Mas não são como aquelles mal dizentes,
Que apenas esses vem, já dentre os dentes
Lhe escorrega sem ter moderação,
Não he rico, e campea, *Ergo* ladrão.
De sorte que eu, meu *Filo*, bem diviso
A grande differença, mas juizo
Não posso formar certo, quando vejo,
Que o pobre çapateiro o seu desejo
He que a filha chibante, de tal sorte,
Que á fome será gostosa a morte,
Com tanto que ella em sécia nunca ceda,
A' do outro, que arroja fina seda,
Elle na loja, e ella pospontando
Vem o Sol d'entre as nuvens espirrando
E banhar-se nas ondas sem largar;
Ora naõ podem juntos grangear
Par' hum vestido, capa, e outras drogas,
Que vem tudo espremido a dar em sogas!
Vestido, que lhe serve para tudo,

E

E não veste com medo pelo entrudo!
Isto he máo? não respondes? *sejá ou não*;
Porém pódeo-o fazer sem ser ladrão.
Aquelle que tu vês sem ter real,
Trajando d'alto a baixo por igual,
Quem te diz lho não dá ou seu padri-
nho,
Ou a prodiga mão d'algum visinho?
O Caixeiro assim he que lucra pouco,
Porem por campear bebedo, e louco,
Quanto prezo na loja ganha hum anno;
Gasta num' hora por sahir ufano.
O Escrevente linhas estendendo,
A' luz da véla feitos revolvendo,
Quando acolhe, de si duro inimigo,
Qual outro caracol leva comsigo.
Eu mesmo, a quem ventura não con-
cede,
No lar paterno nem matar a sede,
Não ando gordo, nedio; e reparado
Do calor, e do Inverno congelado?
Deos sabe que o não furto; os meus
amigos,
Que me escudaõ em taõ cruéis perigos;
Os papelitos mal alinhavados
Vencem a maõ de meus tyrannos fados.
En-

Entra em casa de hum destes, olha attento,
Se placas, e se espelhos de espavento
As paredes lhe adornão, se cortinas
De damasco, se fofas bambolinas,
Lhe rematão as pórtas, e janellas,
Se bordado veludo. ricas télas,
Os bofetes lhe cobrem marchetados,
Se finos canapes, entrelaçados
Com ouro, se alcatifas, cobertores
De exquisitos franjões, bellos lavores,
Ornão seu aposento, se a gaveta
De moeda, ou penhores 'stá repleta,
Nada disto acharás, porque o coitado
Estende sobre taboas o costado,
Por sahir todo sécio, e presumido,
E quanto havê estragan um vestido.
Isto he máo, assim he, quem diz que não?
Porem póde-o fazer, sem ser ladrão.

De sorte que hum escravo dos herdeiros,
Tem em mais do que a moda os seus dinheiros;
E antes quer andar esfarrapado,
Que largar hum real: não vai do estado
Em que as casas estão, vai das paixões;

Hum

Hum quer antes ter sacos de dobrões
Inda que morra á fome, e viva porco:
O outro, vendo a casa vai de borco,
Não deixa de nutrio a vaidade,
E não lhe dá de passar pela anciedade
De viver empenhado, muito embora,
Se elle o seu mal constante nunca chora;
Hei de eu chorar-lho? *Filo*, fora bello,
Que dos humanos fosse outro o desvelo;
Que cada hum a proporção dos teres;
Vestisse os seus filhinhos, e mulheres;
Que, segundo as pessoas, fosse o estado;
Mas se o mundo de acordo està mudado,
Que lhe havemos fazer? deixa-o campar.
Verdade seja a morte vem segar
A todos pela pé, sem differença
Do que he pobre, ao que tem riqueza immensa:
Bate a porta do sordido avarento,
E banhado em suores, macilento
Não quer largar as chaves do thesouro,
Lembrando-lhe Deos menos, que o seu ouro!
E a vida passada em porcaria,
Em sordidez, e á fome, d'hum sò dia
Lhe

Lhe arranca para sempre: revolvendo
Os jà vidrados olhos está vendo
O roto herdeiro abrir-lhe a sepultura,
Aonde ha tempo, em noite escura
Tinha immenso dinheiro afferrolhado;
Naõ vê seu rosto de águas inundado,
Que para a casa, hum destes ver de borco,
Naõ he menos que a morte de hum bom porco.

Eu a morte defendo: que o dinheiro
Assim corre; desfruta o çapateiro,
O alfaiate, lucra o mercador,
O sirigueiro, o sujo penteador,
Os generos se extrahem, e na verdade
Nisso consiste hum bem da sociedade.

Gaste; e torne a gastar no meio
O flammante Peralta, mas no seu asseio
Da sua peraltice naõ se esqueça,
Que a vida acaba, apenas que começa:
Desvelado o Rei sirva, ame a Naçaõ;
E traga seda a montes de Veraõ,
Precioso veludo pelo Inverno,
Mas lembre-se da morte, adore o Eterno:
Porque pôr sobre si novo atavîo,

Naõ

Naõ he contra a virtude a honra, e brio
Cousas só, que hum mortal deve buscar;
Assim se observe, e ralhe quem ralhar.

§. V.

Depois de andar em Lisboa, como de Herodes para Pilatos, em contarolas, e festanças, gualdio-se o tempo, e naõ houve outro remedio, senaõ levantar ancora: mas como as minhas cousas facilmente se viraõ do aveço, depois de grangear huma boa companhia, vim a fazer a jornada só, e a gastar parte dos vintens, que suppunha poupados; e foi o caso:

§. VI.

Como Lisboa he taõ vasta, como sabem os seus conhecidos, e nós moravamos disparatados, convencionámos os arranchados em sahir cada hum de sua casa, em dia certo, e que o primeiro que chegasse a Sacavem esperasse pelo segundo, o segundo pelo terceiro, e todos pelo ultimo: este foi hnm excellente arbitrio; porém ou eu, ou elles admittiraõ

hum

hum engano, que frustrou o projecto; e consistio no erro do dia, porque ou elles disserão que quinta feira, e eu entendi sexta, ou eu entendi sexta, e elles disserão quarta, que tudo vem a dar no mesmo: o caso he que eu tomei pelo ultimo, e elles estiverão pelo primeiro, e consequentemente quando cheguei ao sitio do ajuste no primeiro dia da minha jornada, ja elles hião de certo continuando a jornada do segundo.

§. VII.

Com grande magoa do interior, e da bolsa, depois de estar meio dia á espera, divertido com os que hião, e voltavaõ a reboque do sarilho, aconteceo vir em huma daquellas barcadas hum sugeito de Coimbra meu conhecido, e de muitos dos camaradas por quem a guardava, o qual me encarou em ponto admirativo, dizendo-me: vossê por mais hum dia deixou a companhia do seu amigo, de sicrão, e beltrão? pensem que tal eu ficaria! contei-lhe a ratada, mandei enfrear, e com

a

á só companhia do meu arrieiro, entrei na barca, e comecei de picar em hum excellente macho, e com hum moço, por alcunha o Tirabaccho, que andando muito, bebia pouco.

§. VIII.

Feitas as admirações da legua da Póvoa, demandando portelas, *tandem* finalmente chegámos á Alhandra, pela meia tarde, e visitando os meus conhecidos, trepei o machinho, e fomos pernoitar á Castanheira, onde chegámos já não muito sedo; mas esse não he o caso; o caso he que nesta jornada não houve cousa consideravel, á excepção da fortuna que tive, em não ir com os outros; pois na passagem por Payalvo, tive a noticia de que por destempero de hum, hião levando todos huma destemperada cossa de páo: pelo que com licença de meus Leitores, dou comigo outra vez em Coimbra, e entro no meu trabalho de terceiro an-

anno, em que me chamava; antes desta pequena jornada.

§. IX.

Chegando eu vierão logo os adiantados; muita festa, e todos me dizião sentimos muito não virmos todos; ao que eu respondia, e eu estimei muito não vir com vossês, por conta de Payalvo, aonde hião sendo moidos: não ha tal, tornárão elles, porque nós fizemos, e acontecemos, mortos, feridos, cotillados . . . em fim patranhas do costume; mas vamos sempre dando graças a Deos de ficar a traz, e continuemos para diante.

§. X.

Posto eu em Coimbra, solto de Anarda pelo que fica ponderado, e como a fixa tenção de não tornar-me a apaixonar por esta casta de animais, entrei no frenesi de namoricar a todo o panno, e a todo o mundo, e nisto andei de envolta com o terceiro anno, e com a Tragedia de que já fallei cá para traz, e de

que

que logo darei parte, e de suá funestas consequencias, lá para diante.

§. XI.

Como porem fazia este namoro muito ás janellas abertas, vim a ouvir queixas de humas, ciumes de outras, malquerenças desta, e remoques daquella, constituido em hum verdadeiro jogo de empurra, e por desfechar, compuz os seguintes desenganos, que copiei em tantos papeis, quantas as arrufadas, e na mesma tarde dei a cada huma o seu: e ei-los aqui os tendes, que talvez vos sirvão.

Desenganos a Felinta.

Felinta, não sou d'aquelles
Que amando a todas que vem,
Com juramentos affirmão
Não amar a mais alguem.

Esses mesmos juramentos,
Que tu sincera lhe ouviste,
Faz á primeira, que o attende,
Mal que da casa sahiste.

He

He muito raro hum amante,
Que sans verdades profira!
Podes crer que nos seus lábios,
Poz o seu throno a mentira.

Talvez me digas, Felinta,
Que se todo o amante mente,
Como amante, nesta conta
Devo eu entrar igualmente.

Verdade he que o mesmo faço,
Mas com esta differença,
Que amando a quantas avisto,
A nenhuma faço offensa.

Amo-te a ti, porque tens
Nesse teus olhos galantes,
Certo geito de attrahir
A teu culto mil amantes.

Amo Anarda, porque traz
Sobre as faces delicadas,
As bellas rosas de Paphos,
Entre os jasmins misturadas.

Amo Althea, porque vejo
Em seus cabellos dourados,
Sem aljavas, arco, e settas
Os Amores maneatados.

Amo Anarda pois descubro
Em sua boca mimosa,
Indio marfim branquejando,
Entre dois vivos de rosa.

Nerina posto não tenha
No seu rosto formosura,
Faz-se a meus olhos amavel
Pela delgada cintura.

Mirtilla, que sem offensa
Podemos chamar-lhe feia,
He bem feita, e me namora
O garbo, com que passeia.

E tenho, Felinta bella,
Hum amor tão refinado,
Que amo a Nize, que não tem
Mais do que hum pé delicado.

Em fim podéra fazer-te
De Pastoras conta summa;
A quem amo; sem que amando-as,
Offensa faça a nenhuma.

Porque se tu me disseras;
Que dando-lhe adoração,
A ti te excluia della,
Tinhas bastante razão.

Mas eu que posso adorá-las;
E adorar-te a ti tambem,
Nasci livre, gosto disto,
Quero, e faço muito bem.

Queres tu, minha Felinta;
Que te ame só nesta Aldêa?
Ajunta as faces de Filiz,
As tranças que tem Althea.

Ajunta mais de Netina
A cintura delicada,
De Mirtilla o corpo airoso,
De Nize a planta engraçada.

Então verás, e eu to juro
Que não amo a mais alguem!
Se queres o amor de todas,
Busca tudo, o que ellas tem.

§. XII.

Na casa de huma das ditas, se lêrão os versos estando en presente, mas sem se dizer o motivo, nem que alli tinhão pertence; e achando-se hum Cadete, entrou comigo em argumentos de que nem assim mesmo eu devia ter amor, porque era huma paixão só para fracos: defendia-me eu com a epidemia geral, e que esta fraquèza vinha do coração: instava elle que era cousa que nunca sentíra, principalmente depois que entrára na vida de vestir hum peito de aço, e cingir huma espada, e etc. ao mesmo tempo que elle na dita casa entrava, levado da mesma raiva mansa de que se dizia isento: em fim cheguei-me para huma banca aonde estava tinteiro, e

papel, e fiz a Ode seguinte que lhe entreguei, e sahi pela porta fóra.

O D E.

Ao dito Valentaõ.

Porque te forras
De bronze duro,
Se contra Amor
Nada ha seguro!

Achilles féro,
Alcides fórte,
Que aos pés calcárão
A fouce á morte,

Não lhes servio
Tanto valor;
Elles provárão
Golpes de Amor!

Se esta paixão
A alma devora,
De que aproveitão
Armas por fóra.

§. XIII.

De volta em volta, e de lição em lição chegou o Entrudo, e foi quando se representou a Tragedia *Priamo*, que deo geral, e serio desenfadamento com assistencia dos Lentes os mais serios (mas desabusados) das pessoas principaes da terra, e dos nossos camaradas amigos, mas heróes mansos: por signal que no tempo da briga dos Estudantes, e lacaios, a som de toque de fogo no largo da Feira, que isso foi huma Feira de murros, encontrões, e paoletadas, a fóra espadalhos, e outros armamentos que trabalhando muito, e com muita algazarra, não fizerão sangue que enchesse dois chouriços.

§. XIV.

Saltando daqui ao fim do anno, foi então que vi quanto a Tragedia me foi tragica: porque assentando o meu Lente, que quem entra em Tragedias, não póde fazer mais cousa alguma, tirou por consequencia, que

eu

eu não podia estar instruido nas materias daquelle anno; e quando quiz que me assignasse a petição, tendo tudo corrente, assentou tambem em não querer, e não houve quem disso o tirasse.

§. XV.

Esperançado de alguma compaixão, por ser consideravel a perda de hum anno, ainda me demorei por alli, mas vendo que era malhar em ferro frio, e como quem para lá me tinha mandado se não havia escandalisar, dei as deligencias por feitas, e metti pernas ao potro para Torres Novas, ao seguro asylo de D. Rodrigo de Lencastre, e de sua mulher, a quem já a este tempo chamava Madrinha, sendo mais velho do que ella.

§. XVI.

Alli me demorei alguns dias, em bom, e socegado divertimento com a companhia, e sociedade de amigos militares, como Rodrigo Barba, Silverio da Silva, Miguel Luiz, Pam-

Pamplona, Cotta, e etc. Sendo a partida em casa dos meus bemfeitores, e o presidente inalteravel do jogo, quando se fazia, o Reverendo Padre Nicoláo, ajuntando ao meu divertimento, e bona vita, mais a colheita de duas prendas: a primeira de tomar sólidas lições de picaria, e segunda de fazer bem sorvete, ou neve, como outros dizem: os quaes me vierão a ser inuteis por falta de cavallo, e de neve qual tal.

§. XVII.

Nisto, e em hidas, e venidas a Alcorouchel, se me entrárão a levantar os humores, e a crescer o desejo de ir vêr caras novas; e com effeito desenterrei pretextos, e facilitou-se-me o ir dar volta ao mundo do meu conhecimento com o protesto de tornar por alli, na outra revoada para Coimbra.

§. XVIII.

Assentado nisto, como D. Rodrigo estava para ir á sua Quinta do Gayo, e quiz que eu o acompa-

nhas-

nhasse, e não foi possivel achar-se besta de aluguer, lembrado de minhas picarias, me deo hum cavallo, que estava reformado na sua companhia, por nome Azeviche, que além de se lhe ignorar a éra, tinha de seu o ser topinho, e hum principio de ratinho algum tanto adiantado: pôz-se-lhe seu jaez á Hungara, e montado nesta faca sahi de Torres Novas, como em hum Dormidario pelo aveço, e fomos dormir a Santarém.

§. XIX.

Ao outro dia, depois de nos apartarmos, e de me cahir o dito animal em huma valla, e outras patuscadas, e de soffrer huma horrorosissima calma, deitar á Alhandra, e no outro a Lisboa, a casa do meu José Alberto.

§. XX.

Com alguma tenção de demora cheguei eu 'a Lisboa, mas as despezas do cavallo, e huma sova que me quizerão dar em hum cuteiro, a que escapei por ser de noite, e temer

que

que de dia se informasse da minha figura, fez-me levar ancora, e partir para Obidos, sem me gozar da Corte, se quer por quinze dias.

§. XXI.

Alli observei o novo systema, fazendo cortejo a toda, e qualquer saia; atirando ás codornizes, e passeando no meu cavallo por aquelles contornos, dando entradas nas Caldas, e sahidas no Arelho; e ultimamente desauthorisando a censura dos que não só me esperevão a pé, mas de pé descalso: até que antevendo o futuro damno, como consequencia do primeiro. Cuidei em transportar-me a Coimbra; a fim de que me não arrumassem a razão de ir tarde, fazendo-me ficar com a boca aberta, olhando para o gráo de meu pertendido Bacharelato.

§. XXII.

Despedi-me dos amigos, e de meu irmão Antonio, a quem deixei em huma molestia, que bem grave, com tudo nos seus annos promet-

mettia esperanças de remedio, ainda que a sua imaginação o fazia desconfiar dos bons annuncios que lhe davão: e trepando o meu Azeviche, fui dormir a Porto de Móz, entretendo gostosamente essa noite com Antonio Neto, em cuja casa dormi, depois de fazermos o nosso descante.

§. XXIII.

Passado outro dia de descanso, puz-me a peitos com a pedregosa Serra, que por Minde dirige o caminho a Torres Novas, aonde depois de muita esbarradella, cheguei como feito em postas, entrando em casa dos meus bemfeitores, montado na faca, que elles já suppunhão sepultada no convez dos cães da minha pátria, quando succedeo tanto pelo contrario, que sahindo do quartel com mormo, entrou sem elle: donde infiro que esta molestia tem a sua cura na pouca comida, e muito trabalho, porque eu lhe não fiz outra cousa, para sua melhora.

§. XXIV.

Convalecido destas andadas, e recebida a ajuda de custo do costume, com o arranjamento de amigos, e dia certo, parti na vespera para o Alfeijoal, Quinta do Almotacel-Mór, aonde elle então se achava, e D. Joanna Isabel, de saudosa memoria, aonde dormi, e o meu Azeviche, fazendo eu versos, e elle a sua obrigação de dente, até que no outro dia ás quatro da tarde, appareceo a canzoada dos Estudantes, que entulhárão o pateo; até que sellado o meu negro Bucefalo, sahimos pela porta fóra dando muitos estalos, e fazendo huma algazarra horrivel, mas da pauta.

§. XXV.

Tandem, picando os potros, praguejando os arrieiros, e consumindo estalajadeiras de palavra, e sendo por ellas consumidos por obra, avistámos a Mãi commum, e entrámos pela portagem na maior satisfação, que pódem ter rapazes daquella idade, e vida!

§. XVI.

Bem vindos, bem chegados, vossê está gordo, vossê magro, e as mais prelengas do costume; cuidou cada hum em matricular-se no seu anno competente, e eu fui dar comigo segunda vez no meu terceiro pelos motivos que já disse, e diria agora, se não fosse abusar das vossas paciencias.

CAPITULO III.

§. I.

POsto eu á barba segunda vez com o meu dito anno terceiro, de que vou tratar neste Capitulo tambem terceiro, mas com a chaga aberta, tocante á entrincada Geometria, tomei por particular estudo, fazer poucos versos cantados, e os resados rarissimos, e por entre os dentes, a fim de moldar-me ao systema de meu Mestre, por conta da Formatura, em que já então havia embirrado, e tumado em pontos de hon-

honra, estimulo capaz de fazer hum Cezar de hum Jan-Fenandes.

§. II.

Mas como sempre tinha meus ataques para glozas de enamorados, as quaes se me davão em papelinhos, forão neste anno tão frequentes, que costumando arrecadá-las em humas botas velhas á falta de gavetas, se enchêrão de alto cogulo; e foi pena que lhes não coubesse já a que me deo hum Oppositor em Canones que dizia assim:

Teu féro desabrimento
Merece huma paulina;
Pois inquietas as almas
Desapiedada Aulina.

§. III.

He para sentir que se perdesse esta gloza, pois que sendo igual ao mote, não ha cores com que se pinte energicamente a satisfação com que aquella alma graduada a recebeo. O certo he, que as cousas tem estima pro-

proporcionada á casta dos individuos estimantes: mas vamos ao meu cavallo.

§. IV.

Já eu não fallo no desembaraço com que nelle passeava de tarde, nem tão pouco em huma palme que lhe foi fóra, nem em huma prisão que tive por conta delle, porque isto he nada, depois de haver outro Oppositor que mo comprou por 13500 réis com arreios e tudo, e tão infelizmente que passados pouco mais de oito dias, hindo passear pedestremente por de traz do Seminario, o encontrei rodeado de cães, que começavão a fazer-lhe o mesmo que eu já receava quando lho vendi.

§. V.

Eu colligindo, que a causa de seu fim seria pouco trato, e muita fome, não deixar de fazer alguma honra a seus ossos; e pondo-lhe os olhos lhe recitei a seguinte

De-

Decima deploratoria.

Fostes ás armas obrigado,
Na idade mais vigorosa:
Alcançaste baixa honrosa
Servindo valente, e ousado:
Depois ás Letras puxado
Serviste hum pobre baeta:
Mas he mágoa, he dura peta,
He digno objecto ao rancor
Que te fizesse hum Doutor
O que não fez hum Poeta.

§. VI.

Continuava esta minha vida no estudo lento de Geometria, remettendo-me sempre de dia em dia, por mais que me gritavão os amigos, porque todo enfronhado em agradar a hum Mestre que já me havia negado piedade, não me receava tanto de outro em quem suppunha ma não guardaria tanto no fundo da canastra; e por isso, chegando-se o Natal, em vez de occupar nisso as fé-

férias, vim de escaramuça a Obidos, porque tambem desejava haver noticias verdadeiras do estado em que se achava meu irmão, a quem já havião feito morto, por duas vezes.

§. VII.

Sendo meu companheiro nesta jornada, Antonio Joaquim da Franca de Torres Vedras, o qual nesse tempo ainda não tinha apostatado do Direito Civíl, fomos no dia primeiro a Pombal a casa do Marquez do Couto, e no segundo a Alcobaça a casa de Antonio Baptista: mas minto, no segundo a Leiria, e no terceiro a jantar em Alcobaça na casa do dito; porque eu não quero senão o que he verdade.

§. VIII.

Como elle (o dono da casa) tambem nessa tarde hia para Obidos, mas tinha de não ir tão cedo como nós, esperámos hum pouco, e partimos muito contentes da bella sociedade picando as bestas em direi-

tu-

tura á Vestiaria, fazendo caminho para a Villa da Sela, com effeito hiamos pernoitar a Obidos, o que não succedeo, (cousa que muito estimei) e o porque ahi vai em poucas palavras.

§. IX.

He costume de tempo que excede a memoria dos vivos, e de que nem dão noticia os mortos, fazer-se logo passada a Vestiaria hum grande lameirão, com suas semelhanças de golfo, ou sorvedouro: aqui vai ella: meu companheiro como francamente fazia tudo, francamente a pezar de advertido se metteo a elle, por sempre gostar muito de caminhar pelo trilhado; e não reparou que o que se figurava lama cortada, era falta de cortadura, e humidade do olheiro, que alli dormia muito solapado.

§. X.

Em fim apenas entrou foi a inversão dos dentes de Cadmo, e se me não lanço ao lameiro por parte

mais sólida, de donde o agarrei pelo que restava de seu pequeno corpo, teria de ser procurado á fatêxa! trouxe-o de arrojo, fazendo huma grande esteira pelo lameiro, e como eu nunca atei botas, lá me ficou huma, que primeiro que a achasse se descalsou a outra, e sahi segunda vez com huma em cada mão, e tão cheias de barro, que sem encarecimento me custárão mais do que elle: primeira parte do trabalho: entra a segunda.

§. XI.

Postos nós a olhar huns para os outros, e naquelle desamparo, sem apparecer viva alma, e com o cavallo atolado, de modo que só se lhe via o pescoço, o arção da sella, e a mala, *ficamos amarellos, mudos, quedos, e juntos de hum penedo, dois penedos.*

§. XII.

Como estavamos daquelle feitio, e quaes dois porcos, que se levantão do chiqueiro, fomos cá de largo-

go, soltando a mala, e conseguimos tirar-lhe a sella: e postos de atalaia, descobrimos dois homens, que andavão cavando, dos quaes o Baptista foi em demanda, e os trouxe comsigo, pois a Providencia não falta, e quando dà o trabalho, tambem acode com o remedio.

§. XIII.

Lançados á dois athletas, por mais diligencias, que fizerão, apenas só conseguirão pôllo em melhor carregadouro; e só com huma corda, que se foi buscar á Vestiaria, e outro camarada, he que lançando-lha, atada por baixo das mãos, e puxando todos, veio vindo, como barco á sirga, e deo com os ilhaes em terra dura, donde custou a levantar.

§. XIV.

Era cousa galante vêr seis figuras, e o cavallo sete, barradas como huns fogareiros, sacudindo as mãos, e tirando de si lama ás postas; levando hum a sella, outro as botas, outro a mala, e outro o freio! eu

mesmo por quem isto passava não pude deixar de rir!

§. XV.

Vendo nós as horas em que estavamos, consequencia de toda esta lastimosa, e enlameada tragedia, resolvemo-nos a ir pernoitar a Alfazirão, que nos ficava mais perto, e proporcionado com o resto do dia, para cuja continuação de viagem tirei çapatos da mala, e fui com as botas em ar de coldre, até à boca atacados de lama.

§. XVI.

Chegados á Sela bebemos aguardente, como huns desesperados; e dando ás gambeas descemos, já de noite, a ladeira de Alfazirão, aonde aportamos, fazendo riso a quanta gente estava na casa, que escolhemos para pousada.

§. XVII.

Era vespera de Natal; e eu levava fome horrendissima: quizemos consoar, mas não havia mais que pão, e vinho, e carne de porco crua;

crua : torrei fatias , aboboreias no vinho , assim chamado , pois para vinagre faltava-lhe muito pouco ; e dando providencia á frigedeirada para depois da meia noite, nos amezendamos á fogueira, esperando pela Missa do gallo, a que fomos, e voltamos a dar com a prateirada nas tripas, a beber quatro trangulas, e a descansar alguma cousa, em cima de huma cama, que sendo má, levámos nella hum somno muito bom.

XVIII.

Ao outro dia, calsadas as botas ; na limpeza das quaes levou toda a noite hum rapaz da casa, me guindei ao meu rocim, e patinhando ora lamas, ora poças d'agua, entramos pela Villa das Caldas, dando muitos estálos de manopla, e fazendo toda a patacuada de Estudante de Coimbra : mas quão diversas, quão mudaveis, e instantanias são as cousas do mundo! e principalmente as glórias!

§.

§. XIX.

No meio deste contentamento chegou á janella Caetano José de Proença, Correio-Mór da dita Villa das Caldas, e gritou por mim; suspendendo-me a jornada, com o pretexto de huma Carta, que pertendia eu lhe levasse para Obidos: retrocedi, e chegando-se elle a mim muito sério, me pegou na manapola, e disse: que parecia mnito mal ir eu dando estalos: tornei então, que aquella estalada não era novo, antes o contrario seria de espantar: assim he, replicou elle; porém os tempos não são todos huns; sabido o caso, na noite antecedente, havia-se dado á sepultura o corpo daquelle irmão, cujas melhoras eu hia a presenciar.

§. XX.

Fiquei, como podem suppôr os irmãos, que o são: mas o seu pranto, e a minha voz, hum seccou-se, a outra emmudeceo; e vacilando se havia retroceder, ou continuar, não me animei a faltar com a companhia,

nhia; aos que restárão, e que suppuz na mesma desconsolação: parti para Obidos, e quando me achei fóra da povoação, hum mar de lagrimas banhou as minhas faces, as quaes nem pude enxugar entrando em Obidos; nem mitigar por todo aquelle dia; antes se redobravão nos meus olhos, quando as via pender dos diversos, que pouco a pouco se encontravão comigo, a fim de me consolarem, e consolar-se comigo.

§. XXI.

Passei a abraçar-me com minhas irmãs, e irmãos; e ahi foi então dobrada a minha mágoa; pois além de as achar consternadas, via que lhe fazião companhia, humas amigas, ainda de luto por hum Pai (perda mais sensivel) que as havia deixado no maior desamparo! eu não perturbo o descanso dos seus ossos, quando vejo anteposta a consciencia, e aos interesses destes dias ligeiros, e a honra, ao depravado systema da peita, e da lisonja.

§.

§. XXII.

Suave, e unica consolação (tornando a meu irmão) me forão as noticias de sua resignação, e conformidade, com que se desapegou de hum mundo, aonde achou estimação, e regalos; podendo dizer-se delle, que viveo como quiz, e morreo como devia, a pezar de trabalhos nascidos da emulação.

§. XXIII.

Deixando reflexões, vamos continuando na vida, que não nos faltará huma hora de morrer; e Deos permitta que bem; porque nesta posse estamos, sem excepção na Lei, que impôz esta necessidade a todo o folgo vivo.

§. XXIV.

Eu na minha pobreza fiz-lhe suffragios pios, e obsequios; porque lhe mandei dizer Missas por sua alma, e lhe compuz os dois seguintes

SO-

SONETO I.

Amigos do Malhão, o tenue fio,
Que em dias màos Lachesis lhe fiàra,
A crua irmã cortou co' a mão avara,
E na terra descansa o corpo frio.

Os louros, que do Pindo o claro rio
Para a frente cingir-lhe, em vão regàra,
Murcharão todos; e na patria cara,
Para a minha enramar cyprestes crio.

De Jove as filhas, cheias d'amargura,
As crespas tranças d'ouro desgrenhando,
Chorão tristes ao pé da sepultura!

Lamentemos o caso miserando,
Em quanto, dentre as mãos da Parca dura,
Hum dia igual a nós não vem vôando!

SO-

SONETO II.

Caminhante, esta pedra lisa encobre
Hum Vate, em tenra idade a nós roubado;
Na pátria perseguido, ao longe amado,
Por fóra rico, mas na patria pobre:

Guardou sempre comsigo guma alma nobre,
A pezar de inconstancias do seu fado:
Ah Pastor perseguido, mas honrado
Seja-te leve a terra, que te cobre!

Quiz-te mal, quem a traz de ti vôava,
Amou-te quem teus dons pezar sabia;
E tua Musa as bocas vis calava!

Levou-te em fim daqui a morte fria;
Pois hum Cantor, que os Cisnes imitava,
Em Obidos viver jà mais devia!

§. XXV.

Passemos agora a fiel conta da ultima de minhas inclinações, e a mais ajustada de todas ellas; e já disse que quando fui abraçar minhas irmãs, lá se achavão as suas amigas, tam-

tambem de luto por seu Pai: tambem disse já, ahi para traz algures, o systema de namoro que havia tomado, *nempe* farfalhar, e rir, sem dar azos á mais pequena dóse de paixão: isto posto vereis agora, e sirva-vos de exemplos, para não vos fiar no coração; porque ninguem sabe para o que está talhado, antes, quando menos o pensa, vê desvanecidos os seus projectos, por terra as torres que levantára; e em huma palavra ninguem diga quero isto, não quero aquillo; porque o determinado (por quem póde) determinado está; e casamento, e mortalha, no Ceo se talha.

§. XXIV.

Quando puz os olhos nas ditas tres meninas, e pela vez primeira; logo o meu coração sentio hum movimento indizivel, que eu attribui ao dó, e compaixão; e talvez que o fosse; mas desconfiei ser outra cousa, porque este sentimento pertencendo a todas tres, huma dellas levava na

sua

sua partida hum quinhão muito desigual: de maneira, que eu tinha dó das outras, mas daquella vinha a ser hum dó, e mais alguma cousa.

§. XXVII.

Finalmente, fosse dó, ou fosse compaixão, com isso jà eu me não metto: o certo he, que como a compaixão, e o dó, são paixões ternas e a do Amor nada tem de rispida, ou elle se foi roçando por entre estes dòs, e compaixões, ou ellas por elle; porque a final eu achei-me namorado, e foi-se co' a breca o meu trabalhado systema, e suas ruminadas utilidades.

§. XXVIII.

Eis-me logo em huma incrivel mudança de sentimentos! eis-me de novo brunindo todos os dias os çapatos; limpando as fivelas; puxando as meias, embarrelando os crespos, e pondo de novo na Lyra aquella corda inventada por Amor, e temperada por Anacreonte.

§.

§. XXIX.

A nossa conversação era facil, pela estreita amisade das familias; e como por ella se prendem as almas, pouco a pouco tive a decisão da minha felicidade, passei a misturar o verso com a prosa, e tive a ventura de acha-la apaixonada de versos, o que estimei muito; não só por a poder lisonjear com elles; mas tambem, por ser evidente signal de que não era tola.

§. XXX.

Ommitindo os que aqui não vão por serem de improviso, vai a seguinte primeira Ode que lhe fiz, e levei, entregando-lhe com ella huma fresca rosa, que trouxe o acaso á minha mão quasi aberta, o que se fez raro pela estação em que estavamos.

ODE.

GAlante rosa, nutrida
Co' o terno pranto da Aurora,
A quem o Zefyro beija
Entre o regaço de Flora.

Pois deves ter mais estima
Por ser a melhor das flores,
Eu te livro d'entre espinhos,
E levo a sitios melhores.

Sobre o peito de Josina
Vai as folhas estender,
Sobre o peito, que na terra
Só aspiro a merecer.

Amor dirá de que lado
Cobrarás mais lindo modo,
Abre-te nelle, mas olha
Não mo encubras de todo.

Vai da tua duração
Ter alli teu curto fim;
E quando ella der suspiros,
Vê se suspira por mim,

Talvez, que vendo murchar
Tão breve a tua belleza,
Das muitas que Amor lhe deo
Não tenha tanta avareza.

§. XXXI.

Tratavamos de indagar qual seria a razão de logo á primeira vista ter ella gostado de mim, e eu della: e que Amor era este, a que ninguem escapa, e porque tanto nos inquieta: huma semelhante prática mereceo a seguinte Ode.

Ode ao proposito.

QUem he, mortaes,
Este menino,
Que faz amargo
Tanto destino?

Que

Que armas o cercão?
Que signaes tem?
Não poderá
Fugir-lhe alguem?

Dizem que Marte
D'elle se esconde?
Aonde habita,
Dizei-me, aonde?

Assim fallava
Aos meus Pastores,
Em quanto nada
Sube de amores.

Mal que, Josina,
Teu rosto vi,
Sem vêr Cupido
O conheci.

Quanto elle pode
No coração,
Senti-lo sei,
Dizê-lo não.

§.

§. XXXII.

Assim o bem acaba-se, o tempo corre, e foi preciso ausentar-me della, o que me custou infinito: e com a lagrima no olho, a pezar de querer esconde-la, sahi da pátria com esta paixão de mais, e hum irmão de menos: e como meu companheiro França, alli aportado para este fim, lhe não fugio da lembrança o seu banho de lodo, nem a mim o receio das botas, em vez de irmos por Alcobaça, fomos pela Pederneira onde pernoitámos, e no outro dia, entrando a *afracar* o dito cavallinho, a muito custo o levámos ás chicotadas, até huma Venda, que chamão dos Negros.

§. XXXIII.

Ahi depois de não haver já remedio, que se lhe fizesse, o deixamos muito bem recommendado, e alugando-se hum burrinho, (com perdão dos meus Leitores) deitamos a Leiria, aonde se alugou besta mais decente, e fomos de terra em terra

 até

até dar entrada á Portagem na Cidade de Coimbra: e porque findou a jornada, finde tambem este Capitulo.

CAPITULO IV.

§. I.

AO quinto dia de nossa chegada, chegou a noticia de que o cavallo se tinha descuidado dos queixos, e que a morte lhe entrára por onde nós lhe haviamos deitado hum sem número de mezinhas de agua de azeitonas com alhos esmagados, e quanto lembrou ao dono da Venda, por allegar que assim medicava, ou alveitava o seu jumento quando lhe sobrevinha alguma dôr, asseverando-nos que elle não tinha senão huma dôr fria, procedida de desconhecer o caminho, e não poder por isso estravar.

§. II.

Continuando a nossa vida Escolastica: como eu voltei namorado; do

do modo, e fórma que dito he, bem claro está, que a minha applicação havia ser mais frôxa: pois só o excogitar de que modo havia escrever á minha Josina com o segredo, e recato preciso, me levou muitos dias; não digo que seguidos, mas ora hum ora outro: até que amor, como industrioso, fez a habilidade que se lhe pedia. Por tanto Direito Civíl, estudava-se para a aula, e a Geometria *nem xique, nem mique*: cujo exemplo não desejo que os outros tomem: *pois bem que o mao se presuma sempre máo, no mesmo genero de maldade*, não se segue por isso, que todo o máo deseje que os outros o sejão.

§. III.

Entre outras funções annuaes, e natalicias a que eu sempre era chamado, veio o dia de annos de Sebastião José de Sampayo, e como então me achava de cama, por conta de hum couce, que apanhei em huma vrilha, dado na rua das azei-

teiras, lhe mandei a seguinte em vez dos versos, que então lhe faria: vamos a ella.

ODE.

EU quiz, Sampayo;
Dar-te louvor,
Fugindo aos versos
Que inspira Amor.

Já sobre as margens
Que leva os Ganges,
Via partidos
Curvos alfanges.

Em fuga vil
Pondo os Malayos,
Cantava alegre
Outros Sampayos.

Mas quando o estrondo
Do bronze ouvia,
Ao dar nas cordas
A mão tremia.

Vem-

Vendo-me cheio
Deste temor,
A mim contente
Chegou Amor.

Disse-me rindo:
Ah desgraçado!
Cantar Heróes
Não te foi dado.

Os golpes conta
De meus farpões,
E o doce estrago
Dos corações.

Se he teu Amigo,
Se tem virtudes,
Seus annos brinda
Com tres saudes.

§. IV.

Não só as raparigas dão motivo aos versos; se bem que os meus quasi todos se lhes encaminhassem: porém havendo-me certa Senhora pagar huns,

que lhe fiz, e de que me não lembro; me mandou de presente huma boa caixa de rapé, de vidro largo, e dentro huma pintura de Venus, açoitando Cupido, com hum feixinho de rosas: louvei a invenção do Poeta dos olhos, e fiz-lhe esta pintura em verso, para chegar a seus ouvidos.

ODE.

POr ter offendido Althea,
Castigou Venus Amor,
E por castigar hum crime,
Foi fazer hum mal maior.

Althea amava Fileno;
Amor com zelo fingido
Fez que do seu coração
A posse tivesse Alcido.

Vendo a Mãi, que usar hum Deos
De tão feia falsidade
Posto fosse hum Deos menino
Deslustrava a Divindade;

N'uma

N'uma cadêa dourada
Ao filhinho as mãos prendeo,
Depois co' hum molho de rosas
Nas alvas costas lhe deo.

Alguns agudos espinhos
Pelas carnes se mettêrão,
Correo sangue, e deste sangue
Novos Cupidos nascêrão!

Que fizeste, ó Deosa terna
Dos mortaes compadecida!
Oh quanto melhor nos fora
Ficar a culpa impunida.

Se elle sósinho fazia
Nossas magoas, nossos prantos,
Que ha de ser de nós agora,
Se de hum cruel nascem tantos?

§ V.

Entre outras Cartas, que fui tendo de Josina, continha huma dellas, a expressão da grande magoa de não poder ver-me: lamentava esta im-

impossibilidade, e rogava-me, que visto estar chegada a Pascoa, lhe désse o prazer de là ir passar as férias: respondi, que essa já era a minha tenção, (e não lhe menti) e ao assumpto foi resposta a que vai escrita

ODE.

DIstante de ti, nem sombras
Tenho da antiga alegria!
Em fatal desassocego
Levo a noite, e passo o dia.

Se de Triptolémo o carro
Desvanecido montasse,
Ou se os dragões de Medea
No ar vasio enfreasse;

Deste soccorro ajudado,
Que em vão minha alma imagina,
Tres vezes ao dia fora
As mãos beijar-te, Josina.

§. VI.

Os meus trabalhos, se por hum la-

lado se delgaçavão, por outra parte se me erguião debaixo dos pés: porém Deos que tudo faz, e ordena com Sabedoria eterna, me preservou de tudo para o que não posso comprehender de mim terá disposto; adoro a sua Providencia, e lhe agradeço o livrar-me do que vou contar agora.

§. VII.

Eu assistia na entrada da rua por alcunha a da Mathematica, quando vamos de nascente para poente: huma noite ás duas horas, me recolhia eu para casa, muito embuçado na minha capa: no largo do Hospital topei tres vultos, que nem conheci, nem pertendi conhecer, porque nunca me importárão as vidas alheias: pareceo-me, quando estava tirando a chave debaixo da porta, aonde os companheiros ma deixavão, que ouvi como disparar huma pistola, que errou fogo, e fez *xepe* (como se costuma dizer) não fiz caso porque julguei ser brincadeira, e que me havião

vião conhecido, e me querião metter medo: metti a chave na porta; mas ao tempo de entrar, senti hum formidavel estouro de bacamante, que estrugio aquellas ruas, e me fez dar hum salto involuntario, que nem o Ferce na sua corda; o sangue me fugio para as aljibeiras, e eu certamente me custou a atinar com a fechadura, para mudar a chave: vamos adiante.

§. VIII.

Como eu tinha ouvido dizer que ás vezes a bala, assim como a facada, se não sentem senão depois de esfriar, corrí pela escada a cima, abrí a porta do meu quarto, aonde ainda o candieiro durava acceso: e como pela vez primeira tinha capa nova, lembrou-me que a entrar-me ou bala, ou quarto para o corpo havia primeiro ter furado a dita capa; tirei-a então, e passando-lhe revista á luz, me desenganei de que ou o bacamarte só tinha polvora, ou me tinhão errado o corpanzil.

§.

§. IX.

A humanidade sempre he grande cousa! apenas me reconheci livre do incommodo, entrou logo a fazerse-me penoso o incommodo dos outros; e imaginado, que elles na fé de terem feito emprego, se ausentarião da terra, corri á janella a abrir meio postigo, e gritei: vão descansados, não se desterrem que não me matárão: e logo fechei o postigo, dispi-me, deitei-me na cama, e dormi, como se tal não tivesse acontecido: e talvez me esquecêra de todo, se no outro dia não visse os quartos esmagados na hombreira da porta, e estendidos pela parede adiante; de sorte, que foi como hum milagre, não me terem, com este trabalho, tirado dos outros, em que sempre tenho andado.

§. X.

Tirou-se devaça, a que eu tambem fui chamado, e não se deo em quem fosse: o que foi segunda raridade porque jámais se tira deva-

ça em que ao menos não fique hum pronunciado ; quando não seja para o seu castigo , se quer para que pague as custas: sube depois por carta innominada , que vivesse descansado, que tinha sido engano: e sem dúvida, porque o meu manso comportamento não merecia huma desattenção tão decisiva : e a este facto se refere a segunda quadra a pag. 131. do Tom. II.

§. XI.

Segunda prova he o seguinte de que os trabalhos , e desgraças me buscavão , e que em meu favor havia braço mais poderoso do que ellas: tinha eu hum colete de malha , de que nunca usava para brigas, e apenas por conta do frio , pois se compunha de quatorze tafetás , e quatorze pannos de linho , acolchoados , e passados com pontos de huma especie de guita , por toda sua extensão , de sorte que pela sua largura dobrava a parada na frente, reservando o peito, e a barri-

ri-

riga com vinte e oito coletes: cujo colete foi de hum meu Tio valente como huma serpe, por mar, e terra, e a quem eu em nada sahi: vamos ao caso.

§. XII.

Huma noite de frio, e por signal que pela Quaresma, hia eu muito embrulhado nelle, e no meu capote, quando ao desembocar da rua de quebra costas, para o arco da Almedina, sinto hum grande empurrão de hum lado: vou a olhar, e quando nada, era huma espera feita a outro, que hia dando comigo em vaza barriz, porque o impulso que eu senti era de huma espada, que sem falta me attravessaria de banda a banda, a não levar vestido o dito recommendavel colete: o certo he que elle livrou-me da espada, e a espada não livrou o outro de ir em braços para casa, por conta de huma morretada, que entre mentes lhe assentei no alto da bola: e talvez, que só saiba quem lha deo, se inda

for

fer vivo, e ler este paragrafo: e eis-aqui a verdade da proposição de que não ha traste inutil, e os que mais se desprezão, são os que mais aproveitão, como succedeo ao viado da fabula, que se achou com as pernas, que tinha em menos cabo, do que a sua ramosa cornadura.

§. XIII.

Chegou-se entre tanto a Pascoa, e eu lembrado dos rogos de Josina, e não esquecido de minha promessa, a pezar de prognosticos sobre a Geometria, e das reprehensões dos verdadeiros amigos, que me querião formado a todo o panno, e olhavão para mim, como para a obra das suas mãos, montei-me a cavallo no sabbado, e apregoando ramos, e vesitando ferrolhos, dei comigo em casa de minha Tia, de donde amiudadas vezes hia a consolar-me com a vista da minha bella, e adorada Josinha.

§. XIV.

Pelo espaço destas ferias me di-

verti muito, e lhe fiz versos com hum contentamento indizivel: ella sempre me pareceo melhor do que nenhuma: muito airosa, mui bem feita, e delicada, e sobre tudo huma candura de genio bem raro de encontrar-se: eu a admirava, ella só me esquecia de meus infortunios: para eu lhe dizer isto que por mim passava, lhe fiz a seguinte

O D E.

HUma fonte, que entre pedras
Sua corrente adelgaça,
Me acalantou, murmurando
N'hum bosque junto ao Regaça.

Mil sonoros passarinhos
C'os gorgeos me acordárão,
E os meus espiritos frôxos
Ao perdido tom chamárão.

En-

Então a Aurora, sahindo
Das estrellas rodeada,
Foi signalando nos Ceos
De vermelha luz a estrada.

Por ella o Zefyro, e Flora
Hum morno bafo espalhando,
Hião das flores mimosas
Fresco orvalho despegando.

Neste enleio, em que me tinhão
A fonte, as aves, e Flora,
Vi de repente a meu lado,
O bem que a minha alma adora.

Não tornei a ouvir das aguas
O murmurio suave,
Nem dos alados Cantores
O Coro mimoso, e grave;

Nem o Zefyro, nem Flora
Vi voltejar na Campina;
Desde tão feliz momento,
Não vi mais, do que Josina!

§

§ XV.

Perguntou-me ella em certa occasião, em que fallava-mos da inconstancia de algumas Marcias, e curiosas de enganos, se viria tempo tambem, em que ella fosse por mim deixada? ou até que tempo duraria á minha paixão; isto foi tão energico, que lhe divisei nos olhos escapadas algumas lagrimas; e nessa noite levei a minha guitarra, e a ella cantei a seguinte, á que de tarde havia feito musica competente.

O D E.

CO' a face lavada em pranto,
Que meiga a meu rosto ajunta,
Com que ternura Josina,
Soluçando me pergunta!

Até que dia por ella
Arderei no fogo amante,
Ou se inda de abandoná-la,
Virá hum penoso instante?

Mas que posso eu a Josina
Neste ponto responder,
Sendo o instante da morte
Tão difficil de saber!

§. XVI.

He costume pelos dias Santos da Pascoa, darem-se ramalhetes em certa Confraria, e os brindados os levão muito contentes ás pessoas da sua veneração: vi eu dar hum a certa visinha, o qual a minha Josina gabou: e correndo eu tudo por flores, para tambem a brindar, não achei cousa em termos, e por tanto recorri aos versos, dandolhe esta

ODE.

PElas Campinas de Idalia,
Discorrendo hum dia Amor,
Quiz d'aquelles ferteis campos
Ser primeiro lavrador.

Des-

Despe as azas, larga o arco;
E n'huma avareça d'ouro
Ajuntou a Vara d' Jó,
E da bella Europa o Touro:

Em vez de setta na mão;
Vai longa vara regendo,
Ao som d'hum canto divino
A fresca terra rompendo.

A mãi o segue risonha,
Hum cabazinho embraçando,
De que tira humas sementes;
Que vai no rego lançando.

Rírão-se os Faunos, e as Nynfas
Ao longo daquelle prado,
E no Olympo os Deoses rírão,
De ver o seu desenfado!

Chega a noite; as mansas rezes;
Logo põe em Liberdade:
E huma Venus, e outra Amor
Deixão com pouca vontade.

Nas janellas do Oriente
A rubra Aurora assomou,
E na seara dos Deoses
Gostosamente orvalhou.

Passárão-se nove dias,
E mais huma noite inteira,
Começou de produzir
A divina sementeira.

Forão as Nynfas a ver
De seu trabalho os effeitos,
E achárão que só nascião
Rosas; e amores perfeitos!

Ah! colhei-me, Nynfas bellas,
Dessa ceara divina
Hum ramalhete, que eu possa
Levar á minha Josina!

§. XVII.

Huma das cousas de que sempre gostei, foi de fingir zelos, ainda que não tivesse para elles motivo, porque este jogo toca n'alma, e por el-

elle se conhece a que auge he hum homem estimado: a minha Josina desesperava com isto, reforçando-me provas da minha pouca razão, e já me exprobava, como de hum defeito: eu então lhe fiz ver que os ciumes são inseparaveis do amor, ou que poucas vezes anda hum sem outro, virando-lhe a ponta do recado, para fazer a gostosa affinação de huns arrufinhos; que dispárão em nada: he o contheùdo, e declarado na que se segue

ODE.

LAnças-me em rosto,
Ver por costume
No peito arder-me
Voraz ciume.

Olha, Josina,
Que neste excesso;
Quando te aggrave,
Mais te mereço!

Ve-

Vejo-te bella
Vejo-me indi'no,
E meu rival
Tudo imagino.

Se não ter zelos
Séria m'intimas,
Pouco, Jozina,
Pouco me estimas!

Esse que chamas
Monstro cruel,
He de Cupido
Socio fiel.

Quando de Venus
Amor nasceo
No mundo o zelo
Appareceo.

E tão unidos
A gente os vê,
Que amor sem zelos,
Amor não he!

§. XVIII.

Chegárão os Prazeres, e mais sentido do que nunca, me despedi de Josina, que tudo era perguntarme quando acabaria eu destas hidas de Coimbra: e pensando nisto, e na Geometria, e no anno que tinha perdido, fui fazendo pelo caminho o Soneto, que se segue, o qual lhe remetti, logo que cheguei a Coimbra: aqui o tendes.

SONETO.

Ai Josina gentil, que os duros fados
Contra nós se declarão! vem voando
Huns annos apoz outros, e tardando
Do nosso amor os dias desejados!

Já cuidei, que dois annos acabados,
Acabasse o desterro duro em que ando!
Mas inda no Mondego hei de ir levando
Tres Invernos compridos, e pezados!

E talvez; que esta conta me desfação;
Da ventura cruel as mãos mesquinhas,
E que d'hum mal immensos males nasção!

Não esfries porém na fé que tinhas,
Que inda espero ditoso os Ceos me fação,
Por teres parte nas venturas minhas.

§. XIX.

Appareci eu na minha aula, quando menos o esperavão os companheiros, e nella fui continuando, aturando o chasco de todos me perguntarem em que alturas hia a Geometria: sopapo este, a que eu não tinha que responder! mas encolhia-me, e hia continuando.

§. XX.

Veio o Espirito Santo, e convidou-me o Doutor Troia para ir a Miranda do Corvo, e de lá acompanhar o Sirio que vai á Senhora do Pranto, venerada em Villa d'Ornes: Fui eu a pezar da Geometria, e por lá me diverti: he porém forçoso, que dê aos meus benevolos Leito-

res huma succinta idéa desta devoção, e das circunstancias de que se reveste a marcha deste Cirio.

§. XXI.

Sahe do lugar, onde a Bandeira pára, huma infinidade de homens, e mulheres, montados em bestas muito enfeitadas, os quaes em duas alas seguem a Bandeira nos caminhos que o permittem: de legua em legua se achão duas bancas, huma de hum lado, outra do outro, e dois serventes a cada parte, hum ministra amendoas, outro copos de vinho; vou passando as alas, e cada pessoa leva as suas amendoas, e escorropicha a dóse, de sorte, que o maior desdoiro he passar dalli, sem beber ao menos hum copo, e se lhes dá por isso huma grande vaia. No meio da jornada ha huma casa rustica em ar de armazem, e que fórma huma especie de refeitorio, aonde se anticipa o jantar para toda a comitiva; alli se faz alto, e muita frugalidade se come a desancar, e se be-

bebe como ao desafio: acabado este se continua com as mesmas estações de legua em legua até se chegar ao Templo da Senhora, que fica em hum sitio agradavel, pela visinhança do Zezere, que correndo precipitadamente, se espraia alli em huma especie de lago, de donde caminha a confundir-se no Téjo. Lembro-me de ver alli pescar sáveis monstruosos, dos quaes comi, e os achei sobremaneira saborosos, talvez proceda do batido das aguas. Acabada a romagem que dura hum dia de estada, se torna a voltar do mesmo modo, quanto ás referidas paragens, e jantar sobredito; e eis-aqui a festa do Pranto.

§. XXII.

Voltei daqui a Coimbra, e tratei de me aprompter para o meu Acto de 3. anno, que com effeito não fiz; restando-me a mágoa de não me achar capaz em Geometria, e consequentemente inhabilitado para entrar no quarto, e com profecias

cias formidaveis de não passar dalli para diante, se bem que quanto á parte Juridica, deixei tudo corrente, e dada conta da Geometria, nenhuma duvida restava ao progresso de minha doutorice.

§. XXIII.

Póstas as cousas nesta figura, caminhei para Obidos, com a fixa tenção de nestas férias me dar todo á Senhora Geometria, para no principio de Outubro ir desempenhar o meu barranco, e continuar com o quarto anno, pois já me envergonhava de andar em Coimbra: e nesta situação acaba a materia, tocante á Epoca VII.

EPO-

EPOCA VIII.

CAPITULO I.

§. I.

NA gostosa companhia da minha Josina passava eu serenos dias, mettendo de permeio algumas horas inteiramente empregadas na Geometria: mas a falta de Mentor, isto he, de quem me explicasse humas cousas, e tirasse a dúvida em outras, era hum obstaculo que me tornava inuteis todas as minhas diligencias: eis se não quando vou ás Caldas, e tópo lá com João Manoel de Abreu, de que muito folguei, e a quem convidei para me dar as precisas lições, do que elle gostou, porque tambem me desejava Doutor: e não só isto, mas tambem, para melhor commodidade me quiz seu hospede nas Caldas, onde com effeito o fui.

§.

§. II.

Tratava-se de Geometria a todo o panno, mas o tempo tambem se gastava em visitas a Josina, em passeios de burrinhos, e na estimavel sociedade da familia amavel de Leibisselter, Inviado de Alemanha, que alli se achava, em razão da molestia de sua galantissima filha.

§. III.

Nós eramos alli fixos ao jantar, de tarde ao passeio, e á noite ao jogo, baile, e uso da minha guitarra; pelo que foi suavemente escorregando o tempo, e com a mesma suavidade escorregou a applicação da Geometria, a qual só tornou a lembrar com a volta de Septembro, por ser visinho de Outubro, mas isto inutilmente, e sem sombra de remedio, o que me magoava, por ver que mais se me hia affastando o tempo de concluir as minhas convenções com Josina.

§. IV.

A reflexão sobre este ponto fez

apparecer no meu rosto huma tristeza, que se fez reparavel a todos, e por mais que me perguntassem a causa, já mais a disse: até que hum dia a Inviada me instou para que lhe descobrisse a causa da minha repentina melancolia: contei-lhe o que me succedia, e os inconvenientes que da perda de hum anno me resultavão: e entre remedio, e não remedio, me perguntou se isto poderia sanarse com hum Aviso: tornei lhe eu que sim, e até lho juraria, se ella quizesse.

§. V.

Está feito, me disse ella então: eu tenho pessoa de minha amisade, com quem me posso interessar, para que vossê o consiga: porei todo o esforço, porque gostando de fazer bem a todos que posso, muito em particular lho desejo fazer a vossê: á manhã venha pela Carta: parti eu saltando de contente, e cheguei á Obidos, sem a tromba com que andava, encaixando de novo em mim

o

o pertendido nome de Doutor da Aldea.

§. VI.

Sim, Senhores, mal que no outro dia mastiguei a sopa, vacca, e arroz do costume, subi-me a hum burrinho, e fui caminho das Caldas, e em direitura a casa da minha Protectora: apenas me vio, disse-me, já está feita: brincou-se, etc, e lá perto da noite me entregou huma Carta para D. Marianna Arriaga; e quando eu vi o sobrescripto, logo eu disse: a minha Protectora quer servir-me.

§. VII.

Achava-se S. Magestade então em Cintra; e como o meu interesse o pedia, ainda que o tempo estava invernoso, lancei me aos mares, aluguei huma mula a hum barbeiro da minha terra, por nome Jose Leal Jorge, que dava muito couce, mas pouco temiveis; e pedindo emprestado hum gabão a José Garcia Botelho, marido da filha de minha

Tia,

Tia, com toda a animosidade, cavalguei a Serpe, e por Torres Vedras, e Mafra, visitando amigos velhos, entrei na Villa de Cintra, aonde nunca tinha hido em dias da minha vida, e de que gostei summamente, e se acaso me não déra tanto no cuidado, eu lhe faria algum verso; mas então tratava-se de escapar á Geometria, e nada de Poesia.

§. VIII.

Fui dar a huma estalagem, aonde logo me tomárão a rol; e accommodando a bestinha, sahi para fazer a entrega da Carta; eu não sabia nem porta, nem nada, nem me lembrava o modo de ir ao Paço pela primeira vez, e não queria fazer alguma canhola: neste tempo, que eu me havia posto no meio da rua, vejo vir Domingo Caldas Barbosa, que eu conhecia muito bem, assim como succede a muita gente boa, ao qual me cheguei, e feito o meu comprimento lhe dei parte de mi-

minha pertenção, o que elle escutou com todo o modo, que eu esperava: disse-me que vinha da casa da dita Senhora, e que era má occasião de eu lhe fallar: que elle se encarregava da entrega da Carta, e da resposta; cuja resposta poderia delle haver, procurando-o em casa de João Chrysostomo de Sousa. Isto estimei eu muito, porque com effeito hia mais em traje de marchante, do que de homem com pertenções na Corte.

§. IX.

Tornado á estalagem, cuidei em cear, e depois em querer dormir; porém somno tinha eu, mas cama nada de novo: subi para hum quarto, aonde estava huma especie de enfermaria ladrilhada de camas, mas todas occupadas, e huma que restava vasia, disserão-me logo ser de hum sujeito, por appelido o *Assa*. Com o pretexto de ser seu parente, consegui, que os outros me deixassem deitar na dita cama.

§. X.

No melhor do somno, em que logo peguei, estava eu, quando me senti interrogado pelo dito *Assa* da razão, porque me havia servido da ca:a, sem sua authoridade? respondi-lhe, esfregando os olhos:· que eu o não fizera antes de ouvir o seu nome; mas que ouvindo-o julguei por elle meu parente, por o ser tambem do *Assa*, que fora Coronel dos Voluntarios; e que quando o não fosse, os homens de bem tinhão humanidade, e que não havendo outra cama, e cabendo nós ambos naquella, não me persuadia de que elle me não accommodasse comsigo, vindo eu tão molhado, e moido, e não tendo, pela graça de Deos, molestias que lhe communicasse: que este fora o meu juizo, e caso que S. m. não concordasse, que promptamente me levantaria, com o pezar do meu engano.

§. XI.

Isto foi dito com toda a energia, e

rindo-se os outros, acodio hum Sargento-Mór de Villa Viçosa, que lá se achava, e cujo nome me não lembra, dizendo: que as minhas razões erão racionaveis, e que a minha cara não inculcava molestias: está bom, disse então o *Assa*, accrescentando, ou vossê he muito maroto, ou muito simples; ao que respondi = Senhor, pela manhã fallaremos, que ao presente nada mais quero do que continuar no meu somno: deitei-me para baixo, e continuei na fórma que lho disse.

§. XII.

Ao outro dia procurei Domingos Caldas Barbosa, e com effeito me entregou o meu requerimento com despacho para que sobre elle informasse o Reformador Reitor: achava-se este em Lisboa, e sem appellação nem aggravo marchei nesse dia para Lisboa, e fui aportar á casa de minha Madrinha, a Excellentissima D. Maria do Carmo que já então se achava de assistencia na Cidade; e

logo cuidei de levar o Requerimento ao meu Reitor; a quem roguei muito mo quizesse dar na mão, para saber manejá-lo, segundo o pedia o caso: mas o caso he que isto não quiz elle, e só me fez a mercê, de dizer-me o dia em que lá o podia procurar: e com esta resposta tornei para casa, não muito contente, pois lhe vi signaes de que a minha pertenção era contraria ao seu systema.

§. XIII.

Chegado o dia que elle me deo, emprestou-me a Fidalga hum cavallo, em que mais decente fui buscar a resposta, da qual desconfiei, pois que o meu Prelado não gostava destas indulgencias, as quaes por muito frequentes hião produzindo huma especie de relaxação: com tudo, depois do negocio estar vacillante, sempre me entregárão hum Aviso, pelo qual S. Magestade foi servida que eu fizesse o meu acto de terceiro anno, podendo matricular-me no quarto, não obstante a Geometria, da qual se-

seria obrigado a dar conta no fim do dito quarto anno: que viva!

§. XIV.

Parti tonto de alegria para a estalagem; e como não tinha tempo de deitar nesse dia a Lisboa, fui visitar o meu amigo Antonio Joaquim Bruxado, em huma quinta aonde assiste perto de Cintra: e no outro dia, montei a cavallo, e fui calcorreando para a Cidade

§. XV.

Caminhava eu nas alturas de Queluz, a passo largo, quando succedeo passar hum Correio: o cavallo, que creio já o havia sido de posta, deo de correr tambem: deixei-o ir, até que por dó delle (que praza ao Ceo, nunca tivera) o quiz segurar: não esteve por isto o bruto, e entre pára não pára, toma o freio nos dentes, parte comigo por huma terra margeada, e cégo na carreira vai esbarrar com hum monte de pedra secca, onde cahio de narizes, deitando-me pelas orelhas fóra em cima de ou-

outro, de sorte que dei com huma sobrancelha aonde fiz hum rasgão, que a dar na fonte, que perto lhe ficava, tambem alli ficaria.

§. XVI.

Ergui-me como pude, e como nunca larguei a rédea, fui de mui vagar para huma taverna que estava no caminho, escorrendo em sangue: lavei a ferida com agua-ardente, puz-lhe huma sopa de vinho, montei-me a cavallo, feito mascarado, e dahi até Lisboa dei-lhe a corrida que elle merecia, e desejava.

§. XVII.

No dia seguinte, fui a casa do meu Reitor, a pôr-lhe o cumpra-se: dei-o para dentro, e quando elle sahio para a Patriarchal, já mo trazia aviado no barrete: entregando-mo, ao beijar-lhe a mão me disse; porque não tirava logo outro para o anno: respondi-lhe, que não havia ser preciso: e lembro-me que elle me tornou: inda assim sempre he bom haver prata quebrada. Foi-se andando,

do, e eu parti logo a cuidar na minha jornada para Obidos, para de Obidos me transportar para Coimbra.

§. XVIII.

A minha Josina, a quem eu tinha communicado a difficuldade em que me achava, e o fim de minha jornada, se alegrou muito com o bom exito della: e entre este prazer, e o desgosto de nos apartarmos, veio o dia da minha partida, e eu, á falta de bestas me conduzi em hum jumento, e a mala em outro até á Cidade de Leiria, aonde achei hum macho, que me levou até á Rainha do Mondego.

§. XIX.

Mal que cheguei apresentei o meu Aviso, fiz o meu acto de terceiro anno, e matriculei-me no quarto, com segunda admiração dos que havião presenciado o primeiro milagre: e muito empanturrado, e senhor de mim tomei o meu lugar, e continuei com o olho aberto no Bache-

charelato, para dahi descambar na Formatura.

§. XX.

Este foi o anno em que vivi mais manso, e com effeito me appliquei á Geometria, ainda que lentamente; não deixando nunca as tafularias, e brinquedos, por serem indispensaveis do meu estabelecimento, a pezar de tantos amigos quantos me ajudárão, e a quem não sei dar as devidas graças.

§. XXI.

Se eu até aqui olhava para a minha Formatura, como huma cousa já de capricho, agora a encarava, como hum meio para possuir a minha Josina; e este estimulo foi hum zaguncho, que a toda a hora me despertava nas minhas obrigações; e portanto todos os dias tomava huma hora para Geometria, debaixo das inspecções de José Barbosa Nogueira, e Pedro Joaquim, heróes de igual mansidão á minha, e de hum temperamento da mesma qualidade.

§.

§. XXII.

Não houve por tanto neste anno heroicidade palpavel, nem estropolia de recommendação: mas sempre o Natal nos trouxe á pátria, e o mais he, que até pelo Entrudo fiz a mesma viagem, com notorio escandalo do mundo escolastico, e grande prazer, e satisfação da minha Josina, que assim mo havia rogado, e a quem eu não quiz faltar.

§. XXIII.

Nessa occasião lhe fiz a seguinte Ode, na qual em vez de Josina puz Nize, do que se não satisfez muito, em quanto lhe não dei disso as razões; e isto porque entendeo, que eu tinha mais, com quem repartisse dos meus versos, no que se enganou de meio a meio, e a dita he esta

ODE

ODE

NAs margens do Regaça,
Qual bando de pombinhos,
Aqui, e alli voavão
Seis bellos amorinhos.

Hum delles mais traveço,
A' bella companhia
Severo disse: he justo
Passar-se aqui o dia?

Pois onde voaremos?
Os sinco lhe tornárão:
A Nize disse: alegres
Os mais se levantárão.

Cortando os mansos ares,
O terno bando adeja,
Mais cedo, do que os outros
Qualquer chegar deseja.

Aquelle, que primeiro
Chegou ao rosto seu,
Em seus galantes olhos
Ligeiro se escondeo.

O outro que apos elle
Hum nada se atrazou,
A seus rosados lábios
Contente se apegou.

E dois que ao mesmo tempo
O vôo aquietárão
De suas faces lindas
Co'as Graças se abraçárão.

O quinto pelas tranças
Ligeiro foi trepando,
E candidas boninas
Foi nellas concertando

O sexto que não pôde
Pousar onde queria
As azas sacudindo
Pegado aos mais carpia.

E

E como no caminho
Excesso havia feito,
As forças lhe faltárão,
E foi cahir no peito.

Então alçando o rosto,
Com riso mofador,
Aos outros disse: o lá
Qual he que está melhor?

§. XXIV.

Feitas muitas contradanças, comida muita carniça de porco, e o mais de enfarinhadas, e outras cousas do Carnaval, entrou a Quaresma, e com ella foi devorando bacalháo, e feijão ora nas estalagens, ora em casa dos amigos, e sempre debaixo d'agua, até me tornar a arrebanhar com meus condiscipulos, e amigos, na Cidade dos trabalhos gostosos, de quem tanto praguejámos, e que sempre nos lembra!

§. XXV.

Não póde negar-se que os traba-
lhos

lhos vem inopinadamente, como tambem, que ás vezes de hum trabalho se tirão avultadas consequencias: a razão do meu dito, carece de prova, e tendo outras muitas que produzisse, tirada da vida de Heróes de outra categoria, não quero mendigar exemplos estranhos quando nos meus acontecimentos, e ordinarias aventura, entre outros apparece o seguinte que fez o meu Reitor, que até então me tinha por hum espirito inquieto me ficasse julgando tal, qual eu era, e da mansidão de que ainda me conservo.

§. XXVI.

Achava-me eu hum dia no botequim do Alves, tomando o meu copo, que elles vendem a titulo de café, a tempo que na meza que me ficava defronte, fazião o papo com ponche fumegante dois sujeitos para mim inteiramente desconhecidos, e com quem eu me interessava cousa nenhuma.

§

§. XXVII.

Neste tempo entrou pela porta; fazendo passagem para o bilhar, hum Beneficiado, chamado o Marques, o qual segundo seu costume me tratou pelo titulo de D. Francisco, hum dos ponchantes levantou-se logo de chapeo na mão, o que imitou o outro companheiro chegando-se aquelle a mim a abraçar-me quasi pelos pés, e o segundo posto como de atalaia, observando a razão de sua humildade, e alvoroço! elle me fez immensas festas prodigalisando o tratamento ora de Senhoria, ora de Excellencia: logo eu vi que o erro estava entre a minha pessoa, e a de D. Francisco d'Almeida: porque lá não havia outro Francisco com Dom.

§. XXVIII.

Mais me desenganei, quando me fallou no que D. Violante de Mello era sua amiga, e nas travessuras que narrou da minha primeira idade. Ora como eu me vi Fidalgo do pé para a mão, tambem da mão para

ra o pé cuidei em revestir-me de hum tom grave na minha fysionomia, e de hum negligé para com elle, & *afortiori* contando, que já lhe tinha muitas vezes mijado no collo.

§. XXIX.

Forão galantissimos os rodeios, e os perdões que elle pedio para offerecer-me hum copo de ponche: eu me franquiei para pagar o que elles tinhão bebido, cousa a que resistio tenazmente, mas sem desistir da sua pertenção: vendo-me perseguido tornei-lhe em desempate, que eu não bebia ponche quente; correo logo ao mostrador, e fazendo ministrar hum ponche frio, mo apresentou ás ventas, eu deitando-lhe a mão, o sumi por baixo dellas.

§. XXX.

Sim Senhores, feito D. Francisco estava eu, quando para ver, que rapidamente passão as glorias do mundo, entrão dois estudantes, que tudo deitárão ás gaitas, dando-me

o

o tratamento de a *Deos Malhão*; o qual eu ouvi, com a mesma serenidade com que ouvi do Marques *criado Senhor D. Francisco.*

§. XXXI.

Não aconteceo assim com o outro, porque conhecendo o engano, e vendo perdido seu copo de ponche, deitou a vizeira abaixo, cobrio-se com arrogancia, e foi para onde dantes estava, sentando-se logo, e o seu companheiro, ao som das risadas do moço do botequim, e dos que acodírão do bilhar festejando a maganeira: elle bem teimava com seu companheiro, que eu não tinha cara de Fidalgo, mas eu desesperava-o, argumentando, que então ainda o seu erro tinha menos desculpa, e nisto houve hum espaço de tempo muito comico, e agradavel para toda a comitiva, que veio vindo ao reclamo.

§. XXXII.

Forão se em fim embora, e quando eu menos o pensava, andando a pas-

passear pelo botequim, entrou hum delles de supito pela porta dentro, e se lançou ao meu braço com tanta violencia, que me vi obrigado a sahir para a rua, aonde me esperavão mais dois, e eu na mão de hum vi luzir huma faca com que me accommettia medrosamente: o outro descarregava pedras para a porta, evitando assim, que os de dentro podessem soccorrer-me: eu com presença de espirito, enrodilhei a capa no braço, e afforsuradamente procurava na rua que a providencia me deparasse alguma pedra: cahio-me em fim huma fivela do çapato, destas de aço, e muito grande, a qual não quiz perder, e me servio de muito, pois vendo-ma luzir na mão, receou o investidor, e foi-me largando o campo, que venci te perto da porta; e como se tinhão acabado as pedras, e eu o bispei pela luz da casa, agarrei huma boa mão cheia de lama, e felizmente lha encaixei pelos olhos, e sobrando á

porta, acudio o outro, a quem levei comigo pela casa dentro: deparou-me a sorte hum taco, e com elle lhe sotei na cabeça, varando-o em terra, e sendo soccorrido do companheiro, acontecco-lhe o mesmo, ficando eu victorioso, e soberbo de minha contenda.

§. XXXIII.

Appareceo o dono da casa gritando muito contra mim, com o pretexto de eu alli fazer desordens, ao que os mais responderão com a minha rasão, quando estava para lhe responder com o mesmo taco, com que déra o lugar a seus intempestivos ralhos: alfim perguntados os derribados, veio a saber-se por sua confissão, que erão criados do nosso Reitor: isto agoniou ainda mais ao dono da casa, e a mim não me fez muito boa cara: partirão elles para casa de seu amo, e eu parti a ter com D. Joaquim de Lima, a quem quiz dar parte, mas não o achei então em casa.

§. XXXIV.

Como os meus contendores tinhão hido buscar cartas ao correio, e voltárão ensanguentados, tambem as cartas participárão disso, e fazendo especie ao Prelado, quando assim as vio, por não o agoniarem, pois se achava molesto lhe temperárão o espanto, dizendo-lhe, que por descuido as havião posto na cosinha em cima de huma banca, onde se tinha matado o quer que fosse: e deste modo se cerzio o remendo, e talvez passasse a cousa em claro.

§. XXXV.

Fosse porém, que os familiares quizessem vindicar a verdade, ou que o dono do botequim, receoso de alguma suspensão buscasse nisto o remedio, he certo que o Prelado soube no outro dia a tratada tintin por tintin: aconselhavão-me que eu fosse tambem dar parte: respondia eu; *de que?.. de lhe rachar a cabeça aos criados? isso não: elle ha de informar-se, e ouvir-me;*

e nisto fiquei fixo como huma rocha.

§. XXXVI.

Meu dito meu feito: e passados dois dias, entrou-me pela porta dentro hum Continuo, não me lembro se o Bento, se outro que tal, e me intimou, que o Senhor Principal ordenava, que eu lhe fallasse ao meio dia: e isto então sendo onze horas, e achando-me eu casa por falta de çapatos.

XXXVII.

Mandei pedir huns emprestados, e á hora que se me deo, me apresentei na sala dando conta da minha obediencia: veio elle, e depois de fallar-me em outras cousas, tocou no ponto, e me encarregou de contar o que tinha havido: fiz eu fielmente a narração, sem faltar a circunstancia alguma, e quando delle esperava algum varejo, foi pelo contrario, pois me achou tanta razão, que no outro dia poz os criados na rua.

§. XXXVIII.

Eu que nada mais queria, do que ficar bem, sem que elles de mais a mais ficassem com outro mal novo, vim por isso a sentir-me bastante do incommodo dos pobres moços, pelos quaes tendo rogado varios, nada conseguírão. Eu então, levado de hum impulso, de que sem lisonja sou susceptivel, deitei-me a casa do Prelado, e com a energia que pude, lhe pedi que elle se dignasse a acceitá-los: disse-me elle depois de eu lhe instar muito, que o faria se eu lhe respondesse cabalmente a duas cousas: offereci-me para tanto, quanto podésse, e sempre com verdade.

§. XXXIX.

Foi a primeira pergunta: *Porque razão me achára eu no botequim a semelhantes horas, sendo mais proprias de estar tratando com os meus Livros?* Respondi-lhe eu = Senhor, se a fortuna de mão com a natureza, assim como me derão hum estomago sugeito

aos

aos pezos, e indigestões, a que tambem o está o de V. Excellencia, me derão a segunda parte de ter criados como V. Excellencia, e bom café como V. Excellencia, eu lhe dou a certeza de não ir a semelhantes casas: mas como as nossas amas não fazem, nem sabem fazer café, e o estomago ás vezes precisa delle, eisaqui porque lá estava a essa hora, por ser essa a hora em que precisei de café, e não por outra cousa, que eu para passar o tempo, não preciso botequins, inda desprezando o estudo.

XL.

Como a minha resposta recahia sobre pontos de verdade não me instou elle, mas quiz em segundo lugar, que eu lhe dissesse quem erão certos sugeitos, que por estas casas estavão todo o dia, e que até passavão muitas noites, até ao ponto de dormirem o resto dellas em cima do taboleiro do jogo: bem sabia eu quem elles erão, e até de hum que

lá

là deixou em huma dellas o compendio, que não procurou, senão passados quinze dias, mas com a mira no amor do proximo, e proprio, lhe satisfiz, dizendo: = Que mal podia informá-lo no que S. Excellencia queria, porque se passavão semanas, que lá não entrava de dia, e de noite mezes: está bom, me disse elle, póde ir-se embora: tornei a instar pela acceitação dos criados, e ficou em satisfazer a meus rogos do modo possivel.

§. XLI.

Com effeito elle averiguando quem fora delles o author ácerca de misturar a hida ao botequim, com a hida ao Correio, fazendo justiça a esta curiosidade, e annuindo ao meu honrado petitorio, acceitou o convidado, e novato na terra, deixando sempre o veterano, e convidante no andar da rua.

§. XLII.

Esta tramoia que alguns pensárão ser-me funesta, deo lugar a que elle me visse, e ouvisse de perto, e

que

que notasse que em todas grandes he-
roicidades que lhe precederão, nun-
ca eu figurei, sendo hum heróe at-
tendivel; e daqui veio mudar-se o
systema concebido, e principiar a
olhar-me com olhos de compaixão,
e a favorecer-me lá pelo tempo adian-
te no que tocava á sua inteireza de
officio, como veremos lá para diante
ácerca da Geometria: e eis-aqui pro-
vado o que eu dizia, que ás vezes dos
trabalhos se colhem bons fructos.

§. XLIII.

Cantando o triunfo deste acaso, fui hindo com a minha vida por diante, e até com a fama de valente, de que nunca me quiz servir sendo aliás a maior tentação de rapazes, pois desde pequeno, sempre tive grande amor ao meu corpo, *ac per consequens*, natural aversão a levar pancadas: com tudo sempre entrei em huma briga no campo de lava rabos, por baixo de S. Silvestre, aonde corri de espada na mão,

mais

mais arrogante que Oliveiros, e de onde fugi, mais leve do que hum passaro, mettendo esporas à mula em que hia, adiante de duas fouces rossadoras, a que escapei atraz de todos os companhiros, que se acordárão de o fazer mais cedo: e por tanto o meu voto he ter antes fama de fraco, e de pobre, do que de rico, e valente, já por conta de roubos, e emprestimos, e já por escapar a acontecimentos funestos.

§. XLIV.

Lembro-me que isto foi pelo tempo da Quaresma; e tanto assim que pouco depois aconteceo o que se segue, e que deo lugar ao que vai depois, e he o caso.

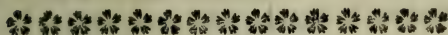
Ha neste tempo, pelos arredores varias Procissões, e principalmente de Passos, a que de ordinario não faltão os Estudantes; e o mais he ser a curiosidade quem os conduz, e não a devoção! Estas Procissões quasi sempre acabão em destemperos; porque se ajuntão os valentões

das

das visinhanças, e assentão; que não ha dia mais proprio para se baterem, e quebrarem as cabeças, por antigas rixas, do que aquelle, e naquelle acto em que se devião perdoar; e por isso eu não gostava demasiadamente de ser companheiro em occasiões destas; pois já em Condexa hia sendo victima da bebedeira de hum, que só por ser Estudante, a pezar de quieto, e manso, me hia derribando com hum calhão, que por felicidade me passou á vista, assobiando como huma cobra.

§. XLV.

Com tudo não pude resistir a não me compromettcr de ir a Condexa, e com effeito aluguei o meu cavallinho: isto foi na vespera: Deos porém permittio, que nessa noite chovesse toda a agua que foi bastante, para deixar a nado a Cidade baixa: montar por cima da ponte, e arruinála: desmanchar os morros da Portela; arrancar estacadas, e finalmente por toda a gente huns em aper-

aperto, outros em pasmo, e admiração. Esta cheia a maior de que ninguem se lembra, mereceo-me o seguinte Poema, que aqui vos offereço; lede-o com attenção, que delle vereis qual ella foi.

MONDEGUEIDA.

POEMA.

ESTRAMBOTICO.

CANTO I.

I.

NEm sempre os heróes valentes
A's offensas dão castigos;
Hum dia esperão prudentes,
Em que de seus inimigos
Punem acções insolentes.

II.

II.

Rafeiro, que ao dono segue,
Quando de cães de regalo
Traveço bando o persegue,
Que só com o fim de avisá-lo
Mostra o dente, sem que pegue;

III.

Mas que vendo-se enjoado
De aturar a gritaria,
Co' hum na boca atravessado
Vê a chusma que o seguia
Fugir co' o rabo enroscado.

IV.

Desta maneira o Mondego
De vinte annos pelo espaço,
Vio com mágoa, e com socego
Acanhar-lhe o antigo paço,
Das riquezas o amor cego!

Vio,

V.

Vio, que força de estacadas
De muros, e marachões
Lhe punhão freio as passadas;
E cheio d'outras rasões,
Quiz ás injurias vingadas.

VI.

Encostando-se ao Tridente
Sahio pela vasta furna,
E anciado, e impaciente
Disse (erguendo-se na Urna)
Mais raivoso, que eloquente:

VII.

» Ao Rei das aguas da Beira
» Tanta injuria... a mim que posso
» Dar ordens ao Alva, e Ceira,
» E semear o destroço
» A' minha falla primeira!

XIV.

Tendo o rio por costume
Ver disto nas margens suas,
Sem se abrazar de ciume;
Conta a Mãi as mágoas cruas,
Dos olhos deitando lume.

XV.

A Mãi lhe ordena que desça,
E que disponha a vingança,
Sem que mais soccorros peça:
Ouvindo-a o filho descança,
E parte-se a toda a pressa.

XVI.

Do coixo Deos se despede
Da vingança com desejo;
E a vasta distancia mede,
Que vai à Foz, onde ao Téjo
O mar a corrente impede.

XVII.

Sobre huma rocha empinada,
Que o mar irado carcome,
A Lua teve morada,
Deo-lhe isto de Cynthia o nome;
De donde Cinthra he chamada.

XVIII.

Alli rogou tempestades
A'quella, que o tempo altera;
E às maritimas Deidades,
E á Aquario a chuva mais fera:
Que tinhão visto as idades.

XIX.

Ao alto de Mont'achique,
Inclina as azas ligeiras;
E por ver prompto o despique,
Passando serras inteiras
Se eleva da Estrella ao pique.

XX.

Ou fosse a supplica sua,
Ou acaso; a poucos passos
Escondeo-se o irmão da Lua;
E vio-se nos ares baços
Formar trovoada crua.

XXI.

Pcr entre o feio negrume,
Que de longe apparecia,
De huma montanha no cume;
Amiudado se via
Fuzilar subito lume.

XXII.

O trovão medonho, e rouco,
Inda distante estava,
E chegando pouco a pouco,
O terrivel som dobrava
No valle concavo, e ouco.

XXIII.

Grossas chuvas se lançárão
Pelos cabeços dos montes,
Donde aos campos caminhárão;
E de roda os horizontes
Co' hum diluvio ameaçárão.

XXIV.

A Serra, que o filho estima,
E co' despique se mette,
Quantas neves tem por cima,
Em hum momento derrete,
E a dura guerra as anima.

XXV.

Na frente deste esquadrão
Sahe o Mondego arrogante,
Com seu Tridente na mão;
Jurando, d'a mais possante
Muralha igualar ao chão.

XXVI.

Começa rouco estampido
A sentir se pelos valles;
E das aguas o zunido
Vem servindo de timbales
A'quelle esquadrão luzido.

XXVII.

O Alva que a Mãi mandava
A soccorrer o irmão,
Já no caminho aguardava,
Com merce de Capitão,
E a soldadesca ordenava.

XXVIII.

Na reta-guarda o seguião
Os regatos, e os ribeiros,
Que aproveitar-se querião
Nesta guerra aventureiros,
E hum regimento fazião.

XXIX.

Como a guerra se 'sustenta
De roubos, e crueldade;
E quanto ve, quanto attenta,
E briosa herocidade,
Chama á furia sanguinenta.

XXX.

Os rios postos em guerra,
Nas suas forças seguros,
Juntos co' as aguas da Serra;
Lagares, azenhas, muros,
Tudo vão pondo por terra.

XXXI.

Houve tal, que ao longe ouvio
O rumor do tropa horrenda;
Mas tão tarde lhe fugio,
Que lezado na fazenda,
Quasi nadando sahio!

XXXII.

Não ha pipa, que não saia
A' tona d'agua boiando;
Não ha muro que não caia;
E a amarra os bateis quebrando
Encalhão de praia em praia.

XXXIII.

O lavrador que da Aldea
Se retira acautelado,
De desgosto co' alma cheia,
Chora a grade, e curvo arado,
Que lhe vai levando a cheia.

XXXIV.

Chegando a hum vasto terreno,
Fez alto o Chéfe das aguas,
E disse raivozo: ordeno,
Que sem attender a mágoas,
Rompão tudo a hum meu aceno.

XXXV.

XXXV.

Caminha a esquadra primeira,
Que quanto encontra atropela,
E vai cortejar o Ceira,
Que defronte da Portela
Desenrolava bandeira.

XXXVI.

Trazia grossos soccorros,
E estimava occasião
De ver seus direitos forros,
Pela muita vexação,
De hum muro, e de certos morros.

XXXVII.

Como co' Mondego tinha
Amizade muito estreita,
E serví-lo lhe convinha,
Desfilou pela direita,
Buscando a praia visinha.

XXXVIII.

Hum dos morros, que arrogante
Soffreo o primeiro embate,
Cedendo á furia constante,
Em terra comsigo bate,
Com ribombo mal soante.

XXXIX.

Vendo a Deos Marte jucundo,
Cobra brio a leve tropa:
Com impeto furibundo
Mette de espora, galopa,
E pôe por terra o segundo.

XL.

No calor desta peleja,
E co' favor da victoria,
Diz, que quanto erguido esteja
Por sua completa gloria,
Nunca mais em pé se veja.

XLI.

Mas o rancho aventureiro,
Que hia mais a saquear,
Do que a mostrar-se guerreiro,
Correo, e foi rodear
Hum visinho Taberneiro.

XLII.

Desenfreados quizerão
Provar do licor, que achárão;
Aos toneis assalto derão,
Mas foi o mais o que entornarão,
Do que o vinho que beberão.

XLIII.

Ainda co' os beiços tintos,
E cambaleando em terra,
De mais estragos famintos,
Tornárão de novo á guerra,
Porque o vinho os fez distinctos.

XLIV.

E cerrando hum esquadrão
Ao lado do rio Ceira,
Caminhárão de empurrão,
E na avançada terceira
Rachàrão o paredão.

XLV.

A raiva não lhe soffreo
Estar no campo hum só dia:
Mas pôz-se alli hum troféo,
E esta letra, que dizia:
Mondego, chegou, venceo.

CAN-

CANTO II.

I.

PAssando o gosto a chacota
Caminhão desenfreados
Na projectada derrota,
Destruindo encarniçados
Por huma, e por outra mota.

II.

A faia mais destemida,
Que dos ventos furiosos
Nunca ate'lli foi vencida,
Co' os olhos nos Ceos piedosos,
Fica na cheia estendida.

III.

As vinhas, que o çumo dão,
Que a zombar do frio ensina,
Alastrão-se pelo chão;
E sendo aos mais medicina,
Dão a si remedio vão.

IV.

Risonho o Mondego corre;
Mas como do tempo antigo
Por huma das fontes morre,
Que neste terreno amigo
A' vista grata discorre;

V.

Que elle amante pertendeo
Na sua pequena idade,
Mas que aos rogos não cedeo;
Quiz em pompa, e magestade
Ir mostrar-te o que perdeo.

VI.

Era a fonte dos Amores,
Tão celebrada na Historia,
Por tres feros matadores
De huma Nynfa, que memoria
Terá sempre entre amadores.

VII.

Alli chegou arrogante
O seu desprezado Esposo:
Ella que o vê delirante,
Soberbo, e vanglorioso,
Vai-lhe escondendo o semblante;

VIII.

E recuando a corrente
No rochedo se agazalha;
E como o seu mal não sente,
Ouve estas queixas, que espalha
O Mondego impaciente.

IX.

He crivel, gritava o rio,
Que tu louca desprezasses
Meu amor, e poderio!
E que nunca te abrandasses
Com me ver ao Sol, e ao frio?

X.

Que meios não procurei
Para te ser agradavel?
E porque errada pensei,
Que humilde te fora amavel
Quanto pude me humilhei!

XI.

Vio-me mil vezes o estio
Andar por aqui de arrojo
Tão falto d'aguas, e brio,
E tão coberto de nojo
Que era regato, e não rio!

XII.

XII.

Esquecido de quem era ;
E com pejo de meus Pais,
Desisti, amavel féra,
Té dos poucos cabedaes,
Que me dão na Primavera.

XIII.

Nada disto te abrandou
O coração de rochedo !
Deixaste-me ? vê quem sou,
Sahe fóra, não tenhas medo ;
Vem ver a pompa em que vou.

XIV.

Força não ha que embarace
O meu passo, assaz seguro !
E por onde quer que passe,
Lá para o tempo futuro
O terror, e espanto nasce !

XV.

Vem ver-me, não tenhas pejo;
Em quanto não aguardo, e detenho
Estas falanges, que rejo;
E taes, que inveja não tenho
Ao poder de Doiro, e Téjo.

XVI.

Por hum pedaço esperou;
Pensando, que sahiria,
Mas em fim desconfiou,
E vendo, que persistia
Em se esconder, abalou.

XVII.

Veio á Ponte o rio ousado
Co' as esquadras, que o seguião;
Tendo as déz da noite dado;
Quando huns nas camas dormião,
Outros nem tinhão ceado.

XVIII.

XVIII.

Passou a esquadra primeira,
Que na frente commandava
O temivel rio Ceira;
E a Ponte, que isto observava;
Mostrou-se hum tanto grosseira.

XIX.

Mondego, que o roaz
Desprezo vinha mascando;
O pé recuando atrás,
Lhe disse as vozes alçando,
Entre cousas de si más:

XX.

Ou Jove não tem na mão
Raios, que forja Vulcano,
Ou no caso as cousas estão,
Que até póde do Oceano
Fazer escarneo hum Anão.

XXI.

Que a mal criada não veja
Quem passa... aqui de enfiado
Entre as ondas gorgoleja?
E tremendo de enraivado,
Sopra, tosse, ruge, e arqueja.

XXII.

Tu co' chapéo na cabeça
Ao vêr-me passar em guerra?
Inda faltava mais essa!
Não temes te ponha em terra
Ao rouco som de huma peça?

XXIII.

E depois prosegue: he justo
Aos Grandes guardar respeito,
Quando não, com tenue custo
Recobrarei o direito
Que me nega hum timbre injusto.

XXIV.

XXIV.

A Ponte que he grande em si,
E tem rendas abastadas,
Segundo o que eu sempre ouvi,
Deo-lhe quatro gargalhadas,
E foi-lhe fallando assim:

XXV.

O' lá como vem pomposo,
Respeitavel, e arrogante!
O quanto o inverno chuvoso
Lhe muda a cor do semblante,
E o torna féro, e vaidoso!

XXVI.

Não ha seis mezes inteiros,
Que por aqui nos corria,
Encostado aos arieiros
E tão pobre, que pedia
Agua ás fontes, e aos ribeiros,

XXVII.

Agora fofo, e chibante
Nem quem eu seja conhece,
Quão antiga, e quão possante!
Em fim de tudo se esquece,
Porque se vê abundante.

XXVIII.

Sempre a mim me pareceo,
Que havia seguir a estrada,
Que a vileza descreveo,
Que he não se acordar de nada
Com déz reis d'agua de seu!.

XXIX.

Foi dos ratos, e toupeiras
Ha dois dias vadeado,
E brinco das Lavadeiras!
Hoje quer ser cortejado,
E puxa tropas guerreiras!

XXX.

XXX.

Ora vá, que eu lhe prometto
Dar-lhe a resposta em Agosto,
Quando menos circunspecto
O vir procurando encosto
Mais magro, que hum esqueleto.

XXXI.

Então lhe tomarei contas
Do que diz, por huma vez
E para vingar affrontas,
Dar-lhe-hei a beijar os pés
De meus dedos pelas pontas.

XXXII.

Aqui rugio o Mondego,
E comsigo murmurou
Tres vezes no fundo pégo!
Correo-se, porém ficou,
De furor, e raiva cégo.

XXXIII.

Trez vezes quiz disfarçar
A sua justa vingança;
Mas bramindo mais que o mar,
Tres vezes raivoso avança,
Sem se poder explicar!

XXXIV.

Bradando então: guerra, guerra;
A' rija ponte arremete;
E formando huma alta serra,
Lança-lhe as mãos ao topete,
E põe-lhe o riçado em terra!

XXXV.

Vendo-se ella injuriada,
(Sem que fosse a vez primeira)
Quiz chamar agoniada
Agua-Maias, e Cidreira,
Porém ficou suffocada,

XXXVI.

XXXVI.

O Mondego vantajoso
Desta victoria segunda,
Calcando-a ás plantas vaidoso,
De tanta alegria abunda,
Que até canta, e salta airoso.

XXXVII.

Mas como se não contenta
Dos estragos que lhe fez,
Chamando a tropa cruenta,
Dá parte, que desta vez
Na Cidade hum saque intenta.

XXXVIII.

E mandando desfilar
Pelo seu direito lado,
Toda a gente quer notar;
Porque elle he rio versado
Na sciencia militar.

XXXIX.

Agora dize-me, ó Musa,
As tropas quantas, e quaes
Trazia a marcha confusa:
Ao menos os Generaes,
Que he cousa que não se escusa.

XL.

Alli militava o Alva;
Mui possante, e circunspecto
Co' a frente rugosa, e calva;
Acompanhado de hum neto
De cor rubicunda, e alva,

XLI.

A este deo a vã-guarda
Por capaz, e por irmão:
Era verde a sua farda,
Levava o Cova, e Lorvão,
E o Tobinho em sua guarda.

XLII.

XLII.

Vinha o Ceira bellicoso,
Pela frente coroado
De seu salgueiro frondoso;
De hum sobrinho acompanhado
Valente, mas orgulhoso.

XLIII.

Destinou-lhe as duas alas,
Pois ambos elles podião
Com coragem sustentá-las:
Fardas vermelhas trazião,
E lanças como a de Pallas.

XLIV.

Seguia-o certo ribeiro,
Que tem o seu nascimento
Alli n'hum visinho oiteiro:
Traz comsigo hum regimento
De fontes sim, mas guerreiro.

XLV.

Nem eu me espanto que seja,
Porque a Amazona Camilla
Aos heròes servio de inveja;
E as femeas são cães de fila
Na fervença da peleja.

XLVI.

O Mondego o General
Em chefe da expedição,
Ao Nilo em forças igual;
A' reta-guarda na mão
Tem o Estendarte real.

XLVII.

Vê-se nelle debuxada
De Arethusa a linda forma
A Alfeo fugindo assustada,
E fonte em que se transforma,
E o Rio de que he buscada.

CAN-

CANTO. III.

I.

DIspostos os batalhões,
Manda tocar a investir;
Huns medonhos borbotões
Das aguas se entrão a ouvir
Por bucos, e boqueirões.

II.

Lá no bairro das Amêas
A maior parte da gente,
Huns estavão já sem meias,
Outros lidando de dente,
Outros mettidos nas teias.

III.

III.

E toda a mais maganage,
Folgos vís, que álli habitão,
Aos vicios dando pastage,
Huns ao som da banza gritão,
E os outros tratão da gage.

IV.

Eis-que dando de paricada
Pelas ruas o Mordigo,
A' fuga toma a passada;
E em fatal desássocego
Deixa a gente malfadada.

V.

Que gritos não dás aos ares
O' moça roliça, e guapa,
Que entre sustos, e pezares
Embrulhando-te na capa
Te queres deitar aos mares.

VI.

Outra tal que o Tio velho
Esperava ouvir dormindo,
Lá no fetido cortelho,
E estava o rosto bornindo
Ante o seu fallaz espelho.

VII.

Deixa o coto da pomada,
Larga as fitas do cabello;
Entorna a branca alvaiada;
E ouve mais fria que gêlo
Bater-lhe a cheia na escada.

VIII.

Huma que os grelos temp'rava
Para o manso companheiro,
E que o azeite e preitava,
Que o gelado Fevereiro,
Na amotolia embargava.

IX.

Largando tudo no chão,
Com dois filhos agarrada
Trepa a cima de hum caixão,
Ate dalli ser tirada
Por mais piedosa mão.

X.

Huma na mão co' a candeia
As alturas espreitava,
A que hia chegando a cheia,
E nas caras que traçava
Era cem vezes mais feia.

XI.

No combate de Inglaterra
A chegada de Magriço,
Na gente que via a guerra
Não fez tanto reboliço,
Como o Mondego na terra.

XII.

Os ais que aos ares mandavão,
Albanas, Nizes, Tirceas,
E os soluços, que espalhavão,
O final dia as amêas
Cá de longe annunciavão.

XIII.

Hum çapateiro que o buxo
De vinho tinha atacado,
Correo a pegar no buxo
Erguendo-se atrapalhado,
Da porta ao terceiro puxo.

XIV.

Mas vendo que pela greta
Entrava o rio ás goifadas,
Co' os çapatos de chanqueta,
Disse ao som de gargolhadas
Agua em minha casa he peta.

XV.

Por Baccho que ha já trinta annos
Que nem a gasto ao lavar!
Arrêa, fóra, maganos,
E deixem-me ir enroupar
Que me esfriáo os tutanos.

XVI.

Para a cama se transporta
Aquella alma socegada!
E o rio que não lhe importa
O Deos Baccho, de pancada
Lhe deo em terra co' a porta.

XVII.

Co' a alma então cheia de mágoa
E a pança de vinho cheia,
Fugio entre frio, e fragoa,
Não sei se á furia da cheia,
Ou sómente á vista d'agua.

XVIII.

XVIII.

Para hum soto que trepou,
De donde rosnando alegre
Porque a tempo se escapou,
Bucho, formas, e bizergre
Boiando n'agua avistou.

XIX.

Então com voz mui gosmenta
Que dos beiços desprendeo,
Gritou: deixe a ferramenta
Isto dito, adormeceo,
Co' hum torvão em cada venta.

XX.

Neste tempo o rio Ceira
Pelo Romal, e no Cais
Levantou tanto a vizeira,
Que fez por'li as Vestais
Velar huma noite inteira.

XXI.

Mas diz huma não ter hido
Logo da noite ao começo,
Onde tinha prometrido;
Pois neste desastre aveço
Não teria padecido.

XXII.

Lembranças do que perdêra,
E a vista do mal presente
Lhe fazerem peleja fera;
Em quanto outra mais prudente
As suas mágoas tempera.

XXIII.

Huma, que Venus por Bacco
Deixou contra seu desejo,
Sorvendo pobre tabaco
De secca borôa, e queijo
Vai tasquinhando o seu naco.

XXIV.

XXIV.

Ha tal que alternando o peito,
Pelos estragos que bella
D'Amor nos choques tem feito,
Quer ás aguas da janella
Infundir algum respeito!

XXV.

E porque ouvíra dizer,
Que a linda Venus fizera
As ondas adormecer,
Julgou tambem que podéra
Tanto ao Ceita merecer.

XXVI.

Mas o rio que a batalha
Tomára a peito leal,
Tratou-a de pouca valha,
E por desfeita o portal
Lhe entulhou com cisco, e palha.

XXVII.

Seguindo sua carnagem,
Toda a casa neste dia
Trata de livre estalagem,
E á natural porcaria
Dá nunca vista lavagem.

XXVIII.

Por bancas, e cantareiras
Salta mais destro, que hum gato;
Aqui rouba salgadeiras,
Alli faz em dois hum prato,
Além quebra frigideiras.

XXIX.

Assim vai amontoando
Estragos de rua em rua,
Seus camaradas buscando,
Que a mesma peleja crúa
Raivosos vão semeando.

XXX.

Vi a Alva de Samsam
Na frente dos seus ribeiros,
E topando-o de empurrão
Na rua dos çapateiros
Deo co' humas casas no chão.

XXXI.

Quaes as formigas sentido
Sua cova esbarrondar
O tardo boi, que imprimindo
O pé lha rompe, e salvar
Buscão as vidas fugindo.

XXXII.

Taes aquelles desgraçados,
Que na morada se achárão,
De hum frio susto passados
Fugindo, as vidas salvárão
Pelos visinhos telhados.

XXXIII.

Certo velho que já tinha
Bons noventa e sete feito,
Veio andá lo huma visinha
Ao simo d'agua no leito
Como n'huma bateirinha.

XXXIV.

O Mondego que illustrado
Era de Marte, e Minerva
Por astuto, e acautelado
Tinha hum corpo de reserva
Perto do caes apostado.

XXXV.

Por vêr-se de huma vez pago
Mandou-lhe no mantimento
Fazer-lhe hum tyranno estrago
Que deixe no esquecimento
O de Troia, e de Carthago.

XXXVI.

XXXVI.

A tropa desenfreada,
Dominando na Cidade,
Em seu poder confiada,
Obra co' a mesma vontade,
Que lhe fora encommendada.

XXXVII.

Entrando por armazens,
E celleiros de repente
Embarria arroz, e pães
Que aos damnos para o diante
Promettião mais vintens.

XXXVIII.

Sahe das vasilhas de páo
De azeite corrente loura,
E dá pela barba o váo
As sardinhas de salmoira,
E o tisico bacalháo.

XXXIX.

Centimano polvo secco
Em cambadas enfiado
Presunto de terras d'ecco
D'agoa barrenta arrojado
Vai indo de beco em beco.

XL.

Loira enroscada letria
O pállido macarrão
Com que eu tenho simpathia
Esfarelando-se vão
Aos empurrões d'agua fria.

XLI.

Nem da funesta quadrilha
De soldados tão ladrões
Podérão fugir á pilha
Os providentes feijões
Grão de bico, fava, e ervilha.

XLII.

Vêm-se vir encontrões dando
Pelas esquinas as pipas,
E aos saltos como arquejando
Do vinho as ultimas tripas
Vão pelas bocas lançando.

XLIII.

Ao taverneiro mesquinho
Corre o pranto até aos pés
Mas quem tem do mundo o aninho
Mandou vencer desta vez
O Deos d'agua, ao Deos do vinho.

CANTO. IV.

I.

DEspertando no Oriente
Neste tempo a luz Phebêa,
Vai hindo rapidamente
A cathastrofe da cheia
A' noticia da mais gente.

II.

Hum se levanta do leito,
E da janella lamenta
A despeza que tem feito
N'huma essacada, que augmenta
O seu patrimonio estreito.

III.

III.

Outro vê de erguida serra
(Sua ambição mal dizendo)
Altos vallados por terra!
Outro o muro, em que batendo
Irado o Mondego berra!

IV.

De hum só teve a cheia ingrata
Attenção aos cabedaes;
E na geral desbarata,
Com prejuizo dos mais
Ficou-lhe a funçāo barata.

V.

Em alas pela Couraça
A gente se amontoava;
Huns á ponte, outros á praça
Hum vão desejo levava
De ver a commum desgraça.

VI.

Procurão ser testemunhas
Dos ditos desesp'rados,
E escutar as caramunhas
Dos miseros alagados,
De fóra lambendo as unhas!

VII.

Toda a gente alvoraçada
Co' remedio não atina:
Alli corre de enxurrada
A Irmandade da batina,
E assombra-se a caloirada!

VIII.

D'entre esta chusma houve tal,
Que disse, que o nosso Gama
Não vio agoa áquella igual:
Outro erudito lhe chama,
Hum diluvio parcial.

IX.

IX.

As velhas, que em dias seus
Não vírão tanto, a gritar,
Chamando a todos areos,
Não cessão de lhe prégar,
Que são castigados dos Ceos.

X.

Eu vi de erguidos oiteiros,
Onde a vida puz segura,
Boiar pipas, e madeiros,
E bateis, que a má ventura
Levou aos tristes barqueiros.

XI.

Vi que hum monte, e outro monte
Se via ao rio de mota;
E o sitio 'onde estava a ponte,
A' qual na cruel derrota,
Nem se via o bro-defronte!

XII.

Com seu barrete encarnado
Vi hum arraes, que escapára
N'huns ramos escarranchado,
E hum rapaz, que amarrára
Ao freixo de aguas cercado!

XIII.

Mas já da terra a Nobreza
Leves barcos preparava,
Com comida a gente preza:
E ao vê-los cuidei que estava
Na maritima Veneza.

XIV.

Para haver de mariscar
O providente soccorro,
Huma começa a bradar:
Acuda-me senão morro,
Que já não posso piar.

XV.

XV.

Por trapeiras, e janellas
Estão as mãos estendendo
Hypotheticas donzellas,
Pranto amargo desprendendo
Pelas faces amarellas.

XVI.

Os Argonautas villões,
Commissarios da comida,
Excogitando razões
Proveem a gente opprimida,
Segundo as suas paixões.

XVII.

Vai-se aos lares hum por hum,
Corando o cruel revez,
De involuntario jejum;
Dá-se o pão aos nossos trez,
E a muita gente nenhum.

XVIII.

A huma ração e meia
Se entrega, por ter comsigo
Sobrinha a quem não receia
Pôr entre as mãos do inimigo,
E apagar-lhes a candeia.

XIX.

A outra dão-se trez pães,
Além da ração mandada,
Porque terna aos dois vaivés
Abre a porta trancada,
Antes que ladrem os cães.

XX.

Mas nem por isso esquecidos
Sereis do meu verso rude,
O' varões compadecidos,
Que, em serviço da virtude,
Acodís aos desvalidos.

XXI.

Porque a má repartição
Não tira o merecimento,
D'aquelle impulso christão,
Com que em lance tão violento
Lhe acodis á vexação.

XXII.

Nem no escuro Lethes várao
Esses quatro aventureiros,
Que as duas vidas salvárão
D'aquelles pobres barqueiros,
Nem as bolsas, que os cegárão.

XXIII.

Mas como grande rumor
Hia já pela Cidade,
O Mondego, vencedor,
Vaidoso da crueldade,
Mandou tocar o tambor.

XXIV.

E quando o Sol descahia
Buscando Thetys amada,
Toda a tropa que o seguia,
N'huma airosa retirada,
Da terra se despedia.

XXV.

Principiárão de então
A fazer-se manifestos,
Com mágoa do coração,
Esses estragos funestos,
Que presentes inda estão!

XXVI.

As casas arruinadas,
As ruas cheias de lodo,
Revolvidas as calçadas,
Sem comida o povo todo,
Por estorvo das estradas!

XXVII.

A Ponte faz mágoa vê-la,
Sem os antigos reparos,
E té co' espinhaço a véla!
Assáz lhe sahírão caros
Huns ditos de bagatela!

XXVIII.

Mas porque da grande cheia
Forão causa as estacadas,
O rio que se recreia
Na vingança, derrotadas
As deixa, fartas de area.

XXIX.

Então chegando á Quebrada
Sobre a parede se ergueo,
E com vós desentoada,
Atraz os olhos volveo,
E disse, co' a mão alçada:

XXX.

Suspira, povo atrevido,
Que pelo meu leito largo
Tens as terras estendido;
Eu acordei do lethargo,
E o crime fiça punido!

XXXI.

Reforça, repara agora
As ruinas, que eu te fiz;
Essas paredes melhora;
Vê-las pela raiz
Tirar em menos d'hum hora!

XXXII.

Mette até o centro escuro
Enlaçada estacaria;
Abrange-a de ferro duro,
Será minha zombaria
Lá para o tempo futuro.

XXXIII.

E tu, orgulhosa Ponte,
Agradece-me em pé vêres
Inda o Pai de Phaetonte!
E baste para temeres,
A afflicção do dia de honte!

XXXIV.

Disse: e movendo o Tridente
Faz signal; e via recta
Marcha das aguas na frente;
Ao som de rouca trombeta,
Que em todo o campo se sente.

XXXV.

Consumida a noite inteira,
Fazendo-se pelo gado
Derrota a mais carniceira,
Ao romper do Sol doirado,
Chegou vaidoso á Figueira.

CA-

CAPITULO II.

§. I.

ESte Poemazinha teve acceitação, e rendeo seus tostões, que vierão a pedir de boca, em razão de vestuario, e de ir comprando alguns livros, de que tinha precisão, pois nenhum Official póde trabalhar sem ferramenta: daqui veio fazer trocas com com Livreiros, de quem me persuado, que ainda não haveria, quem delles reportasse cómmodo: e com effeito fiz o meu celleirinho, que fui mandando para casa, e com que me achei depois.

§. II.

Não obstante a applicação em que andava, não quiz voltar de Coimbra, sem ir vêr o Porto; e como em Cortegaça tinha o Abbade de então D. Illefonso, e seu sobrinho Joaquim Custodio Carneiro, lá hia passar ferias de Pascoa, fui-me com elle até a Avei-

Aveiro, e dahi pela Ria, endireitámos ao Ovar, de donde nos conduzimos para Cortegaça, e fomos recebidos com muita festa, e contentamento, tanto pelo que pertencia ao sobrinho, como a mim mesmo, porque eramos amigos velhos do tempo do Collegio de Mafra, aonde elle foi Mestre, e eu discipulo.

§. III.

Alli passámos a Semana Santa, a que sempre assisti admirando o zelo do Pastor, e a devoção dos freguezes: fizerão-se optimamente os Officios competentes, e eu cantei minhas Lamentações, que foi hum primor, pois sou da terra dos Musicos, ainda que nunca usei do officio, o que igualmente fez o sobrenho: e finalmente deo elle o jantar da Quinta feira aos Clerigos da sua Parochia, com toda a grandeza, e asseio: e por signal que hum delles, que nunca tinha visto limões, lançou de hum com o seu garfo, e o

trin-

trinchou, como quem trincha huma gallinhola, e o foi mascando aos bocados com casca, e tudo.

§. IV.

Veio Domingo da Ressurreição, e logo depois da festa, entrou huma chusma de homens, mulheres, e rapazes, á maneira das formigas, humas para dentro, outras para fóra, trazendo gallinhas de folar ao Senhor Abbade, que naquella occasião ajunta certamente mais de trezentas cabeças, dando-lhes ao mesmo tempo as boas festas, com muita alegria; e singeleza: e eu presenciando este louvavel costume, e desejando ser Abbade de Cortegaça, em dia de Pascoa.

§. V.

Indo de volta por hum pateo, vi estar hum moço muito suado, ás estocadas á goela de hum capado, sem lhe ser possivel dá-lo por morto; pois quando o largava persuadido disso, logo o animal o desengana-

nava pondo-se nas pernas, e dando suas passadas. O Abbade ria-se, o sobrinho folgava, e eu mettia-o a bulha: estimulado o moço voltou para mim, e disse: pois venha V. m. matá-lo: cheguei-me então, agarrei nelle, deitei-o em cima de hum carro, tirei da minha navalha, e mettendo-lha por huma orelha, a poucos passos berrou, pôz os olhos em alva, abrio a boca, e ficou mortal, com riso de todos, e pasmo do moço, que ficou assentando, que eu era carniceiro.

§. VI.

Na segunda feira, deo-me o Abbade hum cavallo, e hum moço que me acompanhasse, para ensinar-me o caminho, e para o trazer, e caminhei para a Cidade do Porto, primeiro fim desta minha digressão, com cujo moço me diverti muito, porque logo o empestiquei, e por todo o caminho me servio de bom, e unico acipipe.

§.

§.VII.

Não sei explicar a impressão que me fez a Cidade do Porto, quando a vi do alto da villa Nova! eu não esperava huma cousa tão pintoresca! enchi-me de huma cousa, que não sei dizer! o modo com que ella se encosta por aquelle monte; a positura em que lhe estão alguns outeiros, e enseadas; o golpe, que entre huma, e outra povoação faz o Douro; as quilhas amarradas, e communicaveis com seus muros; a Torre dos Clerigos do meu fundo, tocando quasi as nuvens, e dominando a Cidade inteira; o prospecto do Palacio Episcopal; tudo, tudo me deo não só huma idéa de Lisboa, mas huma preferencia a ella, na minha estimação grosseira! Porque não nasci eu aqui, dizia comigo, ou porque não vivirei eu aqui, com o necessario á vida?

§. VIII.

Desci finalmente por Villa Nova, atravessei o Douro, e pizei a terra

que

que me encantava: mas para que não haja rosa sem espinhos, logo ao desembarcar, dei com os olhos em huma forca, e n'huma polé: trastes bem necessarios, e bem inuteis, se os homens amassem tanto aos outros, como adorão os seus appetites, e caprichos.

§. IX.

Caminhando para a Estalagem, perto dos Congregados, encontrei o Doutor Francisco Tavares, Lente de Medicina, o qual deo logo parte de minha chegada; e ainda eu me não tinha acabado de pôr em termos de ir á rua, já Sebastião Correia entrava pela estalagem, *& invito domino*, me conduzio a casa de seu Pai Gonsalo Pereira, que assistia a Santo Ovidio, aonde assistí, em quanto lá estive.

§. X.

Canta para aqui, toca para alli; passeia de cá, merenda de lá, sempre em *bona vita*, forão correndo os dias: Visitei o meu velho amigo

go D. Duarte da Encarnação do seu Convento de Santo Antonio da Serra, cuja vista, decida della quem já lá foi: e em huma debandada de brincadeiras, levei o resto das ferias: de sorte que em quanto me demorei no Porto, occapei-me em fazer muito verso, comer muito, beber bem, e dormir pouco: pelo que ajustei besta á surrelfa, e quando ninguem o esperava, disse o vale á forca, subí Villa Nova, dei comigo em Cortegaça, e tornei-me a Coimbra.

§. XI.

Apenas se poz o ponto, encostei Heineccio, e arrumei-me á Arithmetica, e Geometria tão desatinadamente, que me resolvi a tirar ponto, e fiz hum acto digno de approvação, e do pregão *nemine discrepante*. Feito este, que era o da birra, lancei me ao de Bacharel, que tambem fiz com a mesma fortuna; e carregado com este honorifico gráo, tomei o caminho de Obidos, a descançaa de tanta fadiga, e

e alegrar-me com Josina do bom pé, que as minhas cousas tinhão tomado.

§. XII.

Estas ferias forão-me gratas: já eu cantava á noite, sem que me lembrasse pela manhã a impertinente Geometria; e já eu fallava da minha formatura, sem o resaibo de duvidar do agourado contratempo: nas horas vagas dava-me á leitura de autos, e lia o Manual Prático; porque sempre a minha tenção foi advogar na minha terra, como já deixei inculcado no §. VII. Epoca III. Tom. I. pag. 113., e com effeito eu tinha de mim, para mim, que Ministro pobre, corresponde a pessoa miseravel, ou ao menos a não velha em mares grossos: por outra parte via, que o meu genio não podia moldar-se ao caracter serio de hum homem, que na terra que lhe incumbem, representa o summo poder; e que deve trazer sempre na memoria, o *Tros Tiriusque mihi, nullo discrimine habetur,*

tur, e bom era eu para largar a minha viola, e deixar de desaffogar-me? d'outra parte estava a experiencia, de que hum Ministro no fim de tres annos, fica com o termo da sua juridiscção, metade pela proa, e mettade pela popa; porque o litigantes em hum feito, pelo menos são dois: ambos se persuadem, que tem justiça, e rasão, e a sentença ha de ser huma! e della he consequencia a satisfação de hum, e a má vontade do outro, porque cada hum diz da festa, como lhe vainella.

§. XIII.

Nem por isso eu deixava de lisongear o meu genio, fazendo algumas composições em verso, sendo de tudo gostoso assumpto a minha Josina, que dellas se contentava, pela natural tentação, que tem com versos: pelo que nessa occasião compuz a Canção seguinte.

CAN-

CANÇÃO.

JA', formosa Pastora,
Nos limpos horizontes
Açouta o Sol brilhante
Os fervidos Etontes,
Sem temer, que gyrando a nuvem grossa
Occultar sua face alegre possa.

Horrendas tempestades
Distantes de nós bramão;
As aves agoureiras
Alegres dias chamão
Chega Maio de flores coroado
A'Mãi de Amor, e ás Graças consagrado

Desce, Pastora amada,
Vem ver os ferteis prados,
Que ha pouco d'aguas turvas
Estavão innundados!
Já de novo as Campinas reverdecem,
E entre a relva que ondêa as flores crescem.

Jo-

Josina comecemos
D'Amor a doce lida,
Que o tempo a ledos cantos
De novo nos convida;
Conversemos da faia á sombra fria,
Em trato honesto, em casta companhia.

Em quanto as mansas rezes
Ao longe vão pastando,
E os passaros nos bosques
D'Amor estão tratando,
Sobre a relva mimosa nos sentemos,
Se elles tratão d'Amor, d'Amor tratemos.

Aqui, onde eu ha mezes
Te disse mil amores,
E rócas te lavrava,
E sestas de mil cores;
Josina, aqui te espero; oh doce bem,
Não tardes hum instante, a ver-me vem.

Ah

Ah Josina formosa,
Quem he que te demora?
Negar-me acaso intentas
De ver-te a feliz hora?
Não me canses d'olhar áquelle monte;
Donde fazes caminho á fresca fonte.

Não sejas desses peitos
Amigos da mudança!
D'Amor ás santas aras
Caminha alegre, e mansa:
A solta liberdade não desejes,
As cadêas de Amor he justo as bejes.

Já por esta espessura
O resto dos Pastores,
Ao lado das Serranas
Renova seus amores!
Aqui perto ouço Fido a par d'Altéa;
Aqui Tìsbe, e Dorindo, e tu na Aldêa!

Ingrata, dar-se-ha caso,
Que o fogo se apagasse,
Ou que por outro objecto
No peito se ateasse?
É possivel será que eu veja rotos
Tantas juras tremendas, tantos votos!

Mas quem ligeiro pensa,
Com erros sempre atina,
Fugí, crueis ciumes,
Que ao longe vem Josina.
Descansa coração, que no seu rosto
Vem brilhando a constancia, o riso, o gosto.

Vai, Canção, e dirás aos mais Pastores,
Que tambem sou feliz co' os meus amores.

§. XIV.

Tinha huma noite sido o divertimento tirarem-se retratos na sombra: tirei eu o de Josina, e com effeito sahio bom, e eu o levei, e puz na minha casa; e logo lhe assentei por baixo hum papel com a seguinte

Es-

Esta que vês
Copia divina,
Cuidas ser Venus?
Pois he Josina.

Só no contorno
Do rosto seu
Mostra os poderes,
Que Amor lhe deo!

Se tu sentiras
O ardente fogo,
Em que ardo activo;
Gritáras logo:

Quem merecêra
Do seu destino,
Ou ser Josina,
Ou ser Francino!

§. XV.

Hum sugeito meu amigo, e tentado com a Poesia, vendo huma occasião a minha Josina, deo-me toda a razão de gostar della, e com effeito

lhe fez hum Soneto ; encarecendo a sua belleza , o qual eu perdí ; mas lembro-me , que eu lho dei , e por baixo delle escreví eu estes versos.

Eráo sete do mundo as maravilhas ;
As Graças sempre trez se fabulárão :
Erão nove d'Apollo as doutas filhas
Segundo escrito os Vates nos deixárão:
Manda oCeo, que tu sobre a terra nasças
As Musas ficão dez , e quatro as Graças.

§. XVI.

Com estes brinquedos, leitura de autos , romarias , e funções de Caldas , aportou o mez de Outubro, e eu na fixa tenção de ser Doutor fui andando para Coimbra , para me matricular no ultimo anno de minhas fadigas , e para desmentir as minhas profecias , ao mesmo tempo acabronhando os meus receios.

§. XVII.

Matriculei-me em fim no meu quinto anno , e continuei tranquillo, vendo as minhas lições , fazendo as minhas sabbatinas, e tudo o mais concernente á minha obrigação : mas no

meio

meio desta felicidade tive o desgosto de ser testemunha da morte sentida do maior de meus amigos : era este D. Joaquim de Lima, Fidalgo o mais amavel, e que nos seus annos não se contava outro que podésse igualar-lhe : huma febre pobre, sobrevinda ás suas bexigas, me privou a mim, e a muitos de hum bemfeitor que então tinhamos, e teriamos ainda agora! Eu não pude deixar de ser sensivel, e na Ecloga que apresento, ainda que mal, sempre indico a minha dôr, e as suas raras qualidades : he sem dúvida que nos meus dias de Coimbra conhecí muitos Fidalgos, e todos me obrigárão com o seu agrado, e com o seu dinheiro, e valimento; mas D. Joaquim de Lima, até me poupava o acto de pedir : elle parece que vigiava sobre as minhas precisões, porque elle até como que as adivinhava : o seu caracter escusa pintar-se : toda Coimbra se consternou com a sua morte, porque ella correspondeo á sua boa vida : serio,

e

e grave, sem soberba: esmoler sem vaidade: asseado sem affectação, applicado sem desvanecimento, valedor sem capricho, este era o caracter do amigo que eu choro, e que chorou huma Cidade inteira, pouco amiga de Estudantes: os seus condiscipulos lhe fizerão humas descentes Exequias, e este he outro argumento do seu optimo caracter, e que entre elles, e elle havia o desejo de saber, sem entrar a rivalidade: eu a offereci a seu irmão D. Lourenço, e agora a offereço impressa a todos os meus, e seus amigos: tinha por Epigrafe

Occidit, & misero steterat vigesimus annus,
Tot bona tam parvo clausit in orbe dies.
Prop. Lib. 3. Eleg. 18. v. 15.

ECLO-

ECLOGA DEPLORATORIA.

Francino, Fido, e Umbrano.

Franc.

AQui onde a tristeza me encaminha
Os mal seguros passos, tanta pena
No pranto desaffogue a Musa minha.
As Crôas de Cypreste, e de verbena
Minha frente rodêem: rouca lyra,
Cedamos ao que o nosso fado ordena.
A mão tremula, e fria, as cordas fira,
E canto melancolico pregoe
O desgosto mortal, que a alma respira;
Desusadas cantigas hoje entoe
Hum ditoso Cantor mudado em triste,
E a Musa triste em seu auxilio voe.
Eis o bosque divino! entre elle existe
O sepulcro medonho, que eu procuro,
E a que tu, morte, horrenda o conduziste!
Mas lá naquelle sitio mais escuro
Descubro hum Mausoléo, cuja escritura
Se abrio de novo sobre o jaspe duro.
Aqui jaz certamente, ó mágoa dura!
He

He este o lugar triste: ah não me engano!
Afflicto o coração batendo o augura.
Ah pedra, ah dura pedra! hum tigre hircano
As lagrimas que eu verto, aqui daria,
Soletrando este Nome de Limano.
Saudoso nome, em quanto a luz do dia
Estes olhos ferir, serás motivo
Da minha mais cruel melancolia.
Ah Limano gentil, se em quanto vivo
Foste a causa do meu descanso, e gloria,
Morto és causa do meu tormento activo.
Farei, cantando a tua amarga historia,
Voar além do túmulo medonho,
De tão raras virtudes a memoria.
Mas que penso? que digo? em fim que sonho?
Cuido que ouves meus ais, que me respondes,
Que vês os sacrificios que eu disponho:
Quando agora talvez que a Estygie sondes,
Aportando aos Elysios venturosos,
Aonde para sempre a nós te escondes!
Ah Limano, meus fados rigorosos
Me darão nesta pedra, que te occulta,
Ma-

Magoado assumpto aos cantos mavio-
sos.

Doze dias cad'anno a Musa inculta
Virá chorar-te aqui, onde descansas,
Despojo da cruel, que tudo insulta!

Tu, Morte, monstro horrivel, que não
cansas
Nos estragos, consola-te de hum corte:
Derribastes immensas esperanças.

A rogos dura, ves da mesma sorte
Cahir da curva foice ao rio aceno
O descrepito velho, o moço forte.

Por isso foste bronze ao ar sereno;
Que brilhava no rosto do Limano
Com Grandes Grande, humilde co' pe-
queno.

Ah monstro injusto, barbaro, tyranno,
Como deixas as mãos vingar na terra,
Levando o Bemfeitor de todo o huma-
no?

Pastores deste monte, e da alta serra;
O nosso companheiro, o nosso amigo
Para sempre esta dura campa encerra.

Das verdes faias nunca ao fresco abri-
go
A dar-nos tornará lições prudentes

Mais

Mas que nós cuidadoso em nosso pri-
go.
De seus lábios já mais aqui pendentes
Ouviremos conselhos, que ditava,
Com pasmo, e confusão de idosas gen-
tes.
Aquelle que benigno nos tratava,
Que a par de nós no bosque, e na cam-
pina
Leves danças á Lyra acompanhava,
Limano, cuja vida era bem di'na
De estender-se por seculos compridos,
Já pagou seu direito á Libitina!
Ai amigo fiel, e sem gemidos,
Hirei por esses campos, que pizámos,
Em práticas gostosas entretidos?
No bosque em que do Sol nos abri-
gamos
Sem lagrimas lerei tantos letreiros,
Que pelas faias lizas entalhamos?
Verei passar ao longe os teus cordeiros
Não te vendo após elles, sem que ao
rosto
D'agua mandem aos olhos dois ribeiros?
Oh martyrio cruel, mortal desgosto!
Quem poderá jámais de ti lembrado
Dor-

Dormir em doce paz, comer com gosto.
Mas eu não choro só, todo este prado,
Na melhor estação dos verdes annos,
Te suspira de nós arrebatado.
O desgosto he geral, que os mais Serranos
Conhecem muito bem, que a nossa idade
Não he muito abundante de Limanos.
Sensiveis a mil provas de amisade,
Aqui vierão tristes levantar-te
Monumentos sinceros de saudade.
Aqui venho tambem afflicto dar-te
Huns signaes, de que existe no meu peito
Aquella dor, que reina em toda a parte.
Teu sepulcro, Limano, he campo estreito
Para em si recolher o amargo pranto,
Que tão justa saudade nos tem feito.
Que horror, que mágoa, confusão, e espanto
Sentírão velhos, moços, e meninos
Ouvindo a nova! que mortal quebranto!
Quando o fim de teus dias roucos sinos
D'altas torres á gente annunciárão,
Occupada em tornar-te os Ceos benignos,

Que

Que lúgubres gemidos não soárão!
Quaes os rostos ferírão, quaes as tranças,
Na dor exasperadas arrancàrão!
Ao sitio caminhando, em que des-
cansas,
Na pompa funeral, em tropel triste
Te seguírão chorando, até crianças!
Ah Limano, memoria não existe
De Pastor, que em teus annos deste
mundo
Partisse mais chorado, que partiste.
Eu vi tudo tornar-se em dó profundo;
Vi as gentes pasmadas nestes dias,
Quaes feridas de raio furibundo.
Mas lamentos fiéis, lagrimas frias,
Semblantes enfiados, tudo he prova
Das virtudes que pródigo exercias.
Mas ai que minha dor se me renova!
Quem ha de afflicta Mãi, quem Pai ma-
goado,
Dar-vos deste successo a infausta nova?
Com que rosto vereis aos pés lançado
As mãos pedir-vos Lauro afflicto, e
triste,
Sem ir já de Limano acompanhado?
Vós, que unidos entrar em casa os viste,
Com

Com que dor não vereis, que alli vos
falta
Hum dos fructos de amor, que produ-
ziste?
Providencia maior, razão mais alta
Noutra parte deixou seu corpo frio,
Levando-lhe a alma, onde ella só se ex-
alta.
Ah Lauro, tu de Irmãos a honra, o
brio,
Tu lhe conta o successo, inda que o
pranto
Por teu pállido rosto desça em fio.
Consola-os tu, tu mesmo dize quanto
Venturoso trepou o seu Limano,
Desta vida mortal ao Reino Santo.
Tu lho pinta cedendo a tudo o hu-
mano,
Abraçado do Christo á Santa Imagem,
Detestando do mundo o falso engano.
Assevera-lhe o espirito, a coragem
A constancia Christã, a confiança
Com que a Morte encarou nesta passa-
gem
Não duvides, meu Lauro, a mais te
avança,

Se-

Segura-lhes que o filho, que gerárão,
A' vista do seu Deos em paz descança.
Mas, Limano, se todos te chorárão,
Inda os que te não vírão, que desgosto
Terão os que em seus braços te criárão!
Ah ditoso de ti, que rosto a rosto
Os louvores a Deos no Empyreo cantas,
Ditosa habitação de eterno gosto.
Tristes nós, que rompendo redes tantas
Quantas arma este mundo, que deixaste
Não entramos comtigo as portas santas.
Ah, Limano feliz, que lá voaste,
Ah miseros de nós, que inda gememos
Nos laços, que valente espedaçaste!
De Deos a Providencia em fim louvemos,
Que só assim no nosso desamparo
Algum allivio à magoa encontraremos.
Mas d'alli donde o bosque faz hum claro
Vejo vir dois Pastores, hum he Fido,
Umbrino o segue, se he que bem reparo.
Como pelo seu rosto entristecido
Apparece a cruel melancolia,
Que as entranhas de todos tem ruido!
Aqui de traz desta arvore sombria

O

O seu pranto ouvirei que todo o humano
No seu mal appetece companhia.

Fido.

Vem, Umbrino, comigo, aqui desata
O pranto que reservas nesse peito,
Lamentemos o mal que a sorte ingrata,
Quer a mim quer a ti, cruel tem feito.
Aqui tens o lugar medonho, e triste,
Onde o nosso Limano sombra existe.

Umbrino.

O' pedra venturosa, que em teu seio
Escondes hum Pastor, que dar ao mundo
Exemplos de virtudes raras veio!
Nunca sejas de raio furibundo
Desatado das nuvens offendida,
Té que os ossos te peça em melhor vida.

Fido.

Ai amigo Limano, e quem diria,
Que tão sedo a ventura te roubára,
O que o sangue, e sabor te promettia!
Quem de fim tão funesto se lembrára,
De teus annos viçosos na carreira,
E na estação da idade lisongeira!

Um-

Umbrino.

O mundo he terra vil, terra mofina;
Cresce nelle o que he máo, o bom se extingue;
Toda a planta de casta peregrina
He difficil que nesta terra vingue:
Os máos produzem nella d'anno em anno,
Mas era bom, finou-se o bom Limano.

Fido.

Infeliz de quem perde o que a ventura
Me fez nelle perder! melhor me fora
Descer no mesmo instante á sepultura,
Pois não sentíra o mal que sinto agora!
Thesouro d'entre as minhas mãos roubado,
Sem ti que ha de fazer hum desgraçado?

Umbrino.

O cordeiro perdido da manada
Afflicto bala, porém delle póde
A cara Mãi no bosque ser achada,
E faltando hum Pastor outro lhe acode.
Mas na falta do Amigo, que perdemos,
Onde, ó Fido, outro igual encontraremos?

Fi-

Fido.

Cuidava agora vêllo meigo, e brando,
Mais humilde que nós, a nosso lado
Em cousas proveitosas conversando,
Risonho sempre, sempre socegado!
Mas foi louco sonhar da fantasia.
Porque elle já não vive, he sombra fria!

Umbrino.

Tambem na minha idéa afigurava,
Que da lira tomando, em ar risonho
A cantar novos versos me chamava!
Mas tudo he puro engano, tudo he sonho
He fraqueza d'huma alma sem conforto,
Como póde chamar-me, se he já morto?

Fido.

Sim he morto, e morreo tambem com elle
Todo o nosso prazer: onde acharemos,
Quem tal candura no seu peito a zele?
Nem nós sabemos inda o que perdemos!
O tempo mostrará, que nos seus gyros
Dará nova materia a mais suspiros.

Umbrino.

Entorna, Fido, a taça desgraçada,
E esse leite espumante regue a terra;
Enrama de verbena amargurada
O mausoléo, que o nosso Amigo encerra.
Com lagrimas depois seu nome escreve,
E roga que lhe seja a terra leve.

Fido.

Tu de roda do túmulo semêa
Ramos crespos de Cedro: arroja, Umbrino,
Essa taça, que tens de azeite cheia,
Junto á pedra, em que o guarda o seu destino,
E o seu nome tambem co'pranto escreve,
E roga que lhe seja a terra leve.

Umbrino.

Em quanto, amado Fido, as claras fontes
Concorrem para o mar; em quanto as flores
Nos tornarem vistosos estes montes;
Em quanto vir aquelles resplandores,

com

Com que o Sol marca as horas d'anno
em anno
Me lembrarei do nome de Limano.

Fido.

Ai Umbrino, só quando a noite escura
Vencer em luz ao claro, e alegre dia;
E os cordeiros fugirem da verdura,
Dos lobos procurando a companhia;
Só então (pódes crer me, oh meu serrano)
Então me esquecerei do meu Limano.

Umbrino.

Sim pastor, já que sempre activo, e
forte
Por nosso bem olhou, quando era vivo;
Em quanto vivos formos, sua morte
Será das nossas lagrimas motivo.
Aqui ternos suspiros lhe traremos,
E puros sacrificios lhe faremos.

Fido.

Pois eu prometto, em quanto pelas veias
O quente sangue meu sentir pular-me,
Vir dar-lhe aqui cyprestes ás mãos cheias,

Umbrino.

E eu em quanto poder aqui guiar-me,
Virei sempre o sepulcro guarnecer-lhe
Das rôxas flores, que poder colher-lhe.

Fido.

Mas não vês hum pastor, que alli sósinho
Co'aquella faia pallido, e assustado,
Nos olha de ár sombrio, e entristecido.

Umbrino.

Sim bem vejo, he Francino desgraçado,
Que tambem desditoso cá viria
Ao que nos trouxe o nosso duro fado.

Fido.

De quantos vivem nesta margem fria,
Ninguem com mais razão perdida chora
Do bom Limano a amavel companhia.
Conversava com elle a toda a hora;
Na sua choça tinha franca entrada
N'alta noite, e ao nascer da rôxa Aurora.
Rosto a rosto na lyra marchetada
Os cantos lhe dizia, que ordenava,
Es-

Espreitando nos montes a manada.
 Alli comia alegre, alli brincava,
E valía rogando a muita gente,
Que tanto em seus favores abundava!
 Mas elle ahi vem, e o rosto descontente
He leal testemunha do tormento,
Que sem remedio algum seu peito sente.

Umbrino.

 Vem, Francino, de tanto sentimento
Companheiro infeliz, e ao caro Amigo
Levantemos saudoso monumento.
 Deste bosque sagrado ao triste abrigo
Hum sepulcro já tem; mas nós queremos
Em nossos corações dar-lhe hum jazigo.
 Se tu queres tambem, féis votemos,
Que em quanto respirarmos, neste dia
O sepulcro enramar-lhe aqui viremos.
 Em tom fúnebre, em rouca symphonia
Faremos, com que os Ceos vão tornando
Chorosa, e lamentavel melodia,

Francino.

 O teu voto me praz: aqui chamando
O seu nome adoravel, a memoria
Das virtudes lhe iremos dilatando.

De

De nós a netos passe a larga historia
Da sua vida, e morte preciosa,
Respeitavel padrão da sua gloria.

E esta vida, que trago duvidosa
De alongar-se, gastalla em fim desejo
Co' hum'alma, que de mim foi tão cuidosa.

Mal sabes tu, pastor, que males vejo
Preparar-me a ventura sem Limano
Nas minhas dependencias junto ao Téjo.

Com todos vós foi terno, meigo, e humano,
Mas comigo, se tudo vos dissesse,
Dirieis tinha hum Deos n'hum tal serrano.

Em fim neste Limano, que merece
Tanto pranto, perdí conselhos puros,
Venturas altas, sólido interesse.

Perdí os fundamentos mais seguros
De algum dia poder quebrar triunfante
Da sorte, que me opprime, os laços duros.

Perdí quem me dictava a todo o instante
O que eu fazer devia, e quem me tinha
Nesta orfandade misera abundante.

Ah Limano, que barbara, mesquinha
Des-

Desventura, já forte, e confiada
Por ver me faltas, para mim caminha.
Desditoso de mim, que a bem fundada
Esperança, que tinha em ti, Limano
Esta campa comtigo tem cerrada.

Fido.

A tua dor he justa; mas serrano,
Se o pranto nada faz á nossa queixa,
Aos queixumes não soltes mais o panno.

Umbrino.

Sim Francino, as lembranças tristes deixa,
Que o destino inflexivel, e implacavel
Os ouvidos a nossos prantos feixa.
Debalde o companheiro mais amavel,
O mais fiel Amigo, aqui choramos,
Depois de entrar na campa formidavel!
Pois por mais terno pranto que espalhamos
A'quelle, que huma vez a urna encerra,
Com súpplicas á vida não tornamos.

Francino.

Ao menos neste pranto dado á terra
Al-

Allivío gram parte do tormento,
Que no peito me faz contínua guerra.
Nem dos annos o tardo movimento
Meu rosto enxugará; antes veremos
Novas causas a novo sentimento!
Nos revezes contínuos acharemos
As provas evidentes da ventura,
E das grandes vantagens, que perdemos!
Era muito hum pastor daquella altura
Ter ao lado dos Reis passados annos,
Olhando nos com riso, e com ternura.
Mas em fim nossos fados inhumanos
Assim o decretárão, 'stão primeiro
Os decretos dos Deoses Soberanos.

Fido.

Mas o Sol já detraz daquelle outeiro
Vai o rosto escondendo; vem, Francino,
Buscar algum descanço lisongeiro.

Franc.

Vamos sim, caro Fido; amado Umbrino
Deixemos nestes sitios de saudade
Os ossos descançar daquelle dino
Pastor, que adorno foi da nossa idade.

§.

§. XVIII.

Festa para aqui, passeio para acolá: hida a Obidos, versos a Josina, cantigas para hum, glosa para outro, assim cheguei ao fim do meu quinto anno; e como estava em lugar muito remoto, aprompteí todos os meus papeis, e com licença de fazer a formatura no anno seguinte, montei a cavallo, e fui para Obidos descançar, e divertir-me: e aqui finda este Capitulo.

CAPITULO III.

§. I.

ENtregue á felecidade de ver-me quasi Doutor da Aldêa, e na posse dos agrados, e amizade da minha Josinha, passava eu dias serenos: mas como os trabalhos se succedem huns a outros, vierão substituir aos antigos as ponderações do meu pequeno estabelecimento, supposta a renitencia, em que meu Pai esteve sempre, de dar-me qualquer cousa [que

fos-

fosse: tudo isto eu adoçava, confiado na Providencia, e em lhe pôr os meios, lembrado, de que quem me havia sustentado até então sem meio, tambem o continuaria a fazer, medeando a minha banca. A este meu estado, e confiança compuz nessa occasião os versos, que vos apresento, comtemplando-me feliz na minha pobreza.

Aqui da rocha mais alta,
Em que remata este outeiro,
E onde eu passo contemplando
Toda a noite, e o dia inteiro,

Entre as immensas manadas
Destas Aldêas visinhas,
Nem duas rezes ao menos,
Descubro que sejão minhas.

Nem huma arvore sómente,
Que pertencer-me se diga,
Nem de tão longas ceáras
Me toca huma só espiga.

Mas

Mas tenho nesta montanha
Huma lapa funda, e côva,
Aonde posso abrigar-me
Quando calme, ou quando chova.

Tenho os bosques providentes
Por todas estas montanhas,
Que me dão rubros medronhos
As bolotas, e as castanhas.

Tenho huma fonte perenne
Lá naquelle val umbroso,
Onde me lavo, e onde bebo,
Em me achando sequioso.

Sem recear os dos homens,
Ou das féras a violencia
Corro os bosques, sem mais armas,
Que a minha mesma innocencia.

Aqui livre de embaraços,
Ganho o vestido preciso
Das flautas que aos outros faço,
Dando tratos ao juizo.

De

De tudo, quanto ha no mundo,
Com natural desapego,
Levo o dia, e passo a noite
Sempre no mesmo socego.

A' ventura dos mais homens
Não tenho a menor inveja
Pois se o seu muito lhes he pouco,
O meu pouco me sobeja.

Só me afflijo, quando vejo,
Que se afflije o meu igual,
E se não posso valer-lhe,
Tambem lhe não faço mal.

Observo a Aurora risonha,
E as luzes do firmamento,
E adoro essa mão Divina,
Que a tudo deo movimento.

Neste tal, ou qual estado,
Em que ella mesma me tem,
Amo os homens, temo a Deos
O meu Rei, e mais ninguem.

§.

§. II.

Veio o tempo lectivo, e José Pereira Caldas, meu bom amigo, quiz que eu fosse seu companheiro para Coimbra: com effeito dado o dia certo, fui eu esperallo a Santarem, de donde marchamos em boa companhia, e finalmente entrei pela ultima vez naquella Cidade, a fim de voltar com o honorifico sello de minhas cartas, que servindo a todos de honra, a mim foi a coroa de tantos trabalhos, porque formar-se hum rapaz a despezas, e rogos de seus Pais, isso he velho: formar-me eu á custa dos amigos, e sem instancias dos meus, isto he novo.

§. III.

Pensei, que em chegando era *logo* aviado: mas ignorava que outros muitos havião ficado para se formarem em Outubro: pelo que estive empachado por hum mez: e como durante este tempo se brincou muito, vamos á ultima de minhas aventuras, e á bomba, com que aca-

bou

bou o meu traque na Uuiversidade

§. IV.

Appareceo neste anno hum novato célebre no seu genero, e cujo nome não me lembra: este como recommendado a alguns Lentes, enthosiasmou-se de vaido não só em Coimbra, mas na mesma Corte: dava com toda a facilidade cartas de empenho para os maiores figurões, com huma filaucia incrivel, chegando por esta fraqueza a fazer conhecida, e recommendavel a sua pessoa.

§. V.

Eu, que andava desoccupado, e me deo no goto a bisborria do tal amigo, perguntei a sua habitação, e nome, e com faculdade do seu Veterano lhe dispuz a mangação seguinte: armei hum par de quadrilheiros, cujos moldes escolhi, e forão entre outros Fortunato Amado, e Bartholomeo Montano: e munido de huma ordem, sem constar de Juiz, e dos precisos cordeis, lhe bati á porta, pelas

no-

nove horas da noite, enroscado no meu traquete, e com espada ameaçadora debaixo do braço.

§. VI.

Dizia a ordem, que qualquer prendesse a Fuão, e conduzisse á Cadêa da Universidade, por haver insaltado os Religiosos de Santa Clara: matava-se elle esconjurando-se, que taes Religiosos não conhecia; e eu respondia-lhe com a ordem, e com os deveres de minha obrigação: como elle se não resolvia a descer, fiz subir a pattulha carregada de espadalhos, e mandei que lhe deitassem cordão: aqui he que elle ficou passado, e pedindo que o levassem ao Ministro, e como homem de bem: e eu franqueava-lhe isto tudo: mas hum dos Officiaes, que era o Padre José Pedro, formou sólidos argumentos, e convenceo, que levallo ao Ministro sim, mas que sempre debaixo de cordão; e para que se verificasse a sua tenção, deitou-lho

lo-

logo, e lhe amarrou as mãos atraz das costas.

§. VII.

Sahimos nós com este embrexado da rua do Correio, passamos ao Collegio Novo, descemos pela rua das Figueirinhas, e fomos com elle em procura do Ministro, que andava de ronda no Bairro das Olarias: a lama por alli he em demasia, e nós affastando-nos della o mettemos por quantos chafordeiros havia, e o Ministro sem apparecer: até que para desfecho, pactuei com elle dar hum tanto para os Officiaes, e que se fosse fugindo: cahio na corriola, e eu desatando-lhe as mãos me deixei ficar atraz com elle, e mal partio, gritei logo, fugio o prezo.

§. VIII.

A esta voz voou atraz delle hum sem número de calháos, de maneira que elle como hospede na terra, não sabendo conduzir-se a sua casa, metteo-se em huma taverna, aonde tomou piloto, a quem pagou para o conduzir.

§.

§. IX.

Quando nos doeo nas nossas consciencias de o havermos deixado naquelle desarranjo, e já depois de havermos convertido a multa em sequilhos, e ponche, fomos huns por hum lado; outros por outro, e não foi possivel achar novas do dito potro: caminhamos a sua casa: bati á porta, e perguntei por elle; a tempo que estava ceando; ouvio a minha voz, e apenas a ouvio, lançou-se por huma janella para hum telhado, aonde esteve á chuva, todo o tempo que foi bastante, para eu lhe comer a cêa.

§. X.

O tal Novatinho, passando por huma rua ouvio fallar, que o Malhão tinha naquella noite prezo hum Novato, que lhe tinha feito, e acontecido: tira-se de mais cuidados, e na sua aula perguntou a hum visinho já mais antigo, de que Juizo era Meirinho o Malhão: o outro entendendo, que era mangação futura;

respondeo-lhe que era da Universidade, e mais do Corregedor: foi-se logo o Novato queixar da innocencia da prizão, e o seu protector passou a saber disto em casa do Vice-Reitor, que lhe respondeo, que elle não mandára prender semelhante Estudante: passou a casa do Corregedor, o qual lhe disse o mesmo. Eis senão quando declara o Novato, que quem o havia prezo, fora o Meirinho Malhão: logo o seu Protector lhe disse que então era peta, e investida, porque o Malhão era hum Estudante, e não Meirinho: custou elle a persuadir-se disso, porém affiou a funçanata, e com effeito, com o pretexto de ter havido ordem, e extorquição da Patente, ou mais talvez por lisongear a pessoa que o havia recommendado, succedeo o seguinte.

§. XI.

Passou o Vice-Reitor ordem para eu ser prezo, e recommendou isto muito ao Meirinho; e quando eu

ás

ás oito horas da manhã hia tomar ponto para a Formatura, chegou-se a mim o Meirinho, e deo-me a parte de prezo: respondi-lhe que hia tirar ponto, e que bem prezo ficava com elle: neste tempo chegou o Lente que mo hia dar, que era o douto, e amavel Senhor Barrozo, a quem contei a historia: voltou elle a casa do Prelado, e só concluio, que se quizesse tirasse o ponto, mas que havia ir para a cadêa.

§. XII.

Não tive eu dúvida nisso, e com effeito, visto que havia estar aquelles dias encerrado em casa, fui com o meu ponto, estudar para os ferros da Universidade, de donde com toda a pompa sahi a fazer a minha Formatura, que com effeito foi lustrosa, e merecí naquelle dia a ultima approvação de meus Mestres.

§. XIII.

Eu pensei, que dalli hiria para casa, mas succedeo pelo contrario, pois tornei para a cadêa, porque o

Vice-Reitor havia dado conta da minha prizão, e crime ao Reformador Reitor, e só por ordem sua he que eu podia ser solto: fui com effeito, e como fui eu? em duas alas de Estudantes com os pretos na dianteira tocando *os maravia* nos seus clarins, e eu atraz com os Lentes, e Oppositores, que me assistírão, honrando-me não só até á Formatura, mas até á porta da cadêa, aonde estive os meus oito dias: mal que sahi, cuidei nas minhas Cartas, aluguei besta, e parti para a minha casa.

§. XIV.

Eis-aqui, meus Leitores amigos, e inimigos, os meus acasos, contados sem affectação de estilo: tudo são verdades, e huns sabem de humas, os outros das outras; bem alcanso que o Públicō podia escusar huma semelhante Obra, mas eu não podia escusar-me della; e o que não faz mal aos outros, e a mim me aproveita, he licito que eu o faça.

§. XV.

Agora para inteiro complemento de minha palavra, aqui vos offereço a terceira, e quarta Parte do Passarinho, gandaiada no borrão que appareceo, mas com suas faltas: e logo depois as Posthumas de meu irmão, tambem annunciadas; e não lhes ponho rubricas, porque ignoro as razões dellas. Regalai-vos, e cuidai de completar a boa extracção, que assim animareis a minha penna, o que algum dia vos dê fructos mais bem sasonados.

O PASSARINHO.

PARTE III.

I.

SE não me engana o desejo,
Alli d'aquelle raminho
Parece-me ouvir cantando
O meu terno passarinho.

II.

II.

He elle; e apenas me vio,
Posto nos pés adejando,
No movimento das pennas
Parece estar-me chamando.

III.

Meu Passarinho, as saudades
Disfarçá-las mal podemos,
No mal, e no bem nos lembra
Sempre a terra em que nascemos.

IV.

Eu te desculpo voltares
A' tua pátria, porém
Já que tive esta ventura,
Dár-me novas do meu Bem.

V.

Que faz, em que pensa Nize?
Inda permitte o destino,
Que occupem sua alma terna
Lembranças do seu Francino?

VI.

Inda quando do Regaça
A margem fulva passea,
De Francino escreve o nome
Co' dedo branco na arêa?

VII.

Ainda, quando suspira
Nos instantes d'amargura,
O nome do seu Francino
Com seus suspiros mistura?

VIII.

Mas tu soltas pios tristes
Virando-me o bico esquivo?
Da novidade que inculcas
Não me occultes o motivo.

IX.

Se Nize me foi perjura,
Como eu de teu gesto infiro,
Dize-o, que o mesmo fez Marciá,
Custou-me, porém respiro.

X.

Conta, sem dó de minh'alma,
Quanto se ha por lá passado:
Os infortunios não matão,
Quem foi com elles creado!

Passarinho.

Quanto me custa, Francino,
Expressar a traição crua;
Nize, porque'inda suspiras,
Nize cruel, não he tua.

XII.

Já d'outro Pastor escuta
As finezas maviosas,
Já sem rebuço lhe beija
Os dedos, e as mãos mimosas.

Francino.

Foi possivel? posso crê-lo?
Que me dizes! ah perjura!
Onde estão votos tão fortes?
Aonde está tanta jura?

XIV.

XIV.

Dize, amavel passarinho,
O meu mal do seu começo,
Por estas lagrimas tristes,
Tão triste historia te peço.

XV.

Mas como te póde ouvir
Testemunha desta affronta,
Pousa-te aqui no meu braço,
E tudo á risca me conta.

Passar.

Triste Pastor, não quizera
Magoar-te o coração;
Mas como teu pranto empenhas,
Ouve a fatal narração:

XVII.

» Depois que te vim trazer
» Noticias de Nize bella,
» E deixei os pátrios campos
» Pela ventura de vê-la.

XVIII.

» Junto da fonte, onde a ingrata
» As tardes hia passar,
» De pranto orvalhando as flores,
» De ais tristes enchendo o ar.

XIX.

» Entre os loureiros viçosos,
» Que a rodeão, me assentei;
» E os passos de Nize bella
» Por longo tempo observei.

XX.

» Ainda em sua alma pura
» Francino só residia,
» E quando em ti se fallava
» Seu pranto ao rosto descia.

XXI.

» Mas... ó tyranno momento!
» N'huma tarde, que assentada
» Estava á sombra d'hum freixo,
» C'o a face na mão nevada.

XXII.

XXII.

„ Chegou-se hum Pastor risonho,
„ Com todo o garbo vestido;
„ E nella fitando os olhos,
„ Lhe disse dando hum gemido.

XXIII.

Nize bella, quanto he justo
Proves o fel do destino;
Já que indiscreta te déste
Toda ao amor de Francino!

XXIV.

Que esperas tu infeliz
Desse Pastor desgraçado?
Ah se tem lições d'Amor,
Não tem lavras, nem tem gado!

XXV.

Não o vês mendigo, pobre
Expulso do ar paterno,
Sem ter, que lhe creste a calma;
Nem leve a chuva do inverno?

XXVI.

A isto respondeo Níze:
Menalca, a ti te parece,
„ Que não póde haver Amor,
„ Sem ser filho do interesse?

XXVII.

„ Pois eu d'outra sorte penso:
„ E o Amor que he verdadeiro,
„ Deixa bizarro hum rebanho,
„ Pelo valor de hum Cordeiro.

XXVIII.

„ Assim mesmo abandonado,
„ Perseguido como o vejo,
„ Não descubro sobre a terra
„ Outro mais do meu desejo.

XXIX.

Ah Nize (disse Menalca
Descendo-lhe ao rosto o pranto)
Se como a Francino adoras,
A mim me adoráras tanto.

XXX.

Então... e a falla tremente
Na garganta ficou muda,
Vendo que afflicta a Pastora,
Para o lado os olhos muda.

XXXI.

E depois de estar pensando,
Immovel por hum bocado,
Chegou-se mais de perto,
Lhe disse em tom confiado.

XXXII.

Trezentas ovelhas minhas
Encalvecem estes montes;
Com quarenta bois de canga
Seco os rios, seco as fontes.

XXXIII.

Tenho cabana subida,
Por maiores habitada;
Serás de tudo Senhora,
Dando-me essa mão nevada.

XXXIV.

Decide a tua ventura;
Que Francino astuto calça,
E por huma vez escolhe,
Ou a Francino, ou Menalca.

Franc.

Que lance, em que póde Nize;
Fazer grande o nome seu!
Não me demores mais, dize
A qual de nós escolheo!

Passar.

A Menalca, com horror
Das aves que isto escutárão:
E tremi, e as claras aguas,
Da fonte hum pouco parárão!

Franc.

Que importa ter Jove os raios,
Que na turba mão se accendem,
Se impunes se fazem velhos,
Os ímpios que os Ceos offendem.

XXXVIII.

XXXVIII.

Não digas mais, que debalde
Co' valor huma alma conta,
Escutando, ou vendo lances,
Que cedem em sua affronta.

XXXIX.

Aconselha-me, avesinha;
Em tanta dor me diviso,
Que tendo razão mais alta
De teus conselhos preciso.

XL.

Sim cruel, sim aleivosa,
Succumba Amor á razão;
Ella mostra, que inda ganha,
Quem perde o teu coração.

XLI.

Eu antevejo, eu te juro,
Que mais dia menos dia
Hão de os Deoses justiceiros,
Castigar-lhe a aleivosia.

XLII.

Augure a cruel, augure
O seu futuro destino;
E veja, como inda Marcia
Chora o perdido Francino.

XLIII.

Mas de que serve queixar-me
No mal, em que o peito luta,
Se não ae farta o desejo!
Ah que a falsa não me escuta.

XLIV.

Quero, avesinha, escrever-lhe,
Quero-a de tudo accusar;
Esta Carta, a derradeira
Has de lha tu entregar.

XLV.

Foste fiel mensageira
Das ternuras; eu te rogo,
Queiras ser a testemunha
Do meu justo desaffogo.

Passar.

Não, Franciro, quando eu vi
O premio dos teus pezares,
Jurei pela Aguia de Jove
Não voltar a taes lugares.

LVII.

Já quasi que enamorado
Naquelle Paiz me tinha,
Já huma ave, por ouvir-me,
Junto áquella fonte vinha.

LVIII.

Vendo porém, que as Pastoras
Alli tão mudaveis são,
Disse comigo mil vezes,
As aves, que taes serão.

XLIX.

E vendo chegar-se o tempo
Do meu ninho fabricar,
Vim procurando o Mondego,
E jurei de não tornar.

Franc.

Fazes bem, e mostra ao mundo,
Que inda sendo huma ave rude,
Faz em ti mais impressão,
Que fez em Nize a virtude.

LI.

Mas jà que aos rogos de hum triste,
Tens sido tão favoravel,
Não queiras desamparar-me
No lance mais ponderavel.

LII.

E certo de que te moves,
Aos ternos suspiros meus,
Eu vou escrever á falsa,
Até nos vermos, a Deos.

PARTE IV.

I.

JA' do Sol os raios dourão
Esses remotos outeiros,
Já pela relva mimosa
Saltão balando os cordeiros.

II.

Em cantilena alterada,
Vão de raminho em raminho
As aves mansas; mas'inda
Não vejo o meu passarinho.

III.

Dar-se-ha caso que não cu[illegible]
Mas enganei-me, e pulsando
As leves pintadas pernas
Vem este sitio buscando.

IV.

Aqui te aguarda, avesinha,
Esta alma de penas farta,
Que velou a noite inteira
Ordenando a triste Carta.

V.

De ti sómente a confio;
E peço por compaixão,
Que só a largues do bico
Dessa perjura na mão.

VI.

Mas porque póde talvez
Zombar de novo comigo,
E o meu justo desaffogo
Guardar astuta comsigo.

VII.

Sê tu fiel testemunha
Das expressões, com que a trato;
Vê como ensina a razão,
Tratemos hum peito ingrato.

VIII.

Em muita pausa ta leio;
Vê se a concebes na idéa,
Para que possas cantá-la
A's gentes da minha Aldêa,

IX.

Presenciaste qual foi
Deste amor a recompensa?
Presencêa de que modo
Sei vingar a minha offensa.

X.

Mal que ao Regaça aportares,
Quanto sabes manifesta,
Expõe o meu desagravo,
E a letra da Carta he esta:

XI.

Se o novo Amor que domina
Em teu coração ferino,
To permitte, lê, traidora,
Letras do triste Francino.

XII.

Vê, se as conheces no talhe;
Pois desmentem do que tratão;
Se antes tratavão de amores,
Agora offensas relatão.

XIII.

Então no liso papel,
Me ensinava amor tyranno,
Agora a penna me rege
O candido desengano.

XIV.

Quem eras tu, quando Amor,
Urdindo a minha desgraça,
Te apresentou a meus olhos
Nas campinas do Regaça?

XV.

Huma singela Pastora,
Que nada mais possuias;
Que meia duzia de ovelhas,
Que pelos montes regias.

XVI.

XVI.

Nada mais te conheci,
Por tua, ou minha desgraça;
Do que o fatinho do corpo,
E a cabana pobre, e escaça.

XVII.

He verdade que eu tambem
Mui pouco tenho de meu,
Mas o ser rico, ou ser pobre
São providencias do Ceo.

XVIII.

Neste estado te agradei,
Neste estado me agradaste,
E se eu não mudei de estrella;
Para que me abandonaste?

XIX.

Não me disseste mil vezes,
Em terno pranto banhada,
Que só na minha choupana
Serias affortunada?

XX.

E que de quantos Pastores
Na nossa Aldêa vivião,
Alem de Francino, os outros
Em geral te aborrecião?

XXI.

Pois porque pode Menalca
Merecer-te amor tamanho?
Porque tem subida choça,
E rege hum vasto rebanho?

XXII.

Tudo isso são bens da sorte;
Ella que os dá, ella os tira,
E a Fortuna lisongeira
De modos diversos gyra.

XXIII.

Tu não vistes, que Fabricio
Era o mais rico da Aldêa,
E que hoje, nem hum só grão
Em terra sua semeia?

XXIV.

Não viste o mesmo Menalca,
Pastorando o gado alheio,
E por mudança do tempo
Ter de bois o curral cheio?

XXV.

Daqui devias pensar,
Que se Menalca tem mais,
Eu com fortuna podia
Contar rebanhos iguaes.

XXVI.

Ah que da feia mudança
Esta não foi a rasão,
Fizeste nisso o que fazem
As da tua condição!

XXVII.

Que esse tempo em que as mulheres
A fé sabião gurdar,
Era bom, mas foi-se embora,
E já não ha de tornar.

XXVIII.

Não penses que o teu desprezo
Me fez em raiva accender,
Custou-me, não sei negá-lo,
Porque eu sube-te querer.

XXIX.

Eu não te amava zombando,
Morri por ti, podes crer-me,
Mas hoje, ve quanto posso,
Cheguei de tudo a esquecer-me!

XXX.

A cousa mais desprezivel,
Da mais baixa estimação,
E a Nize, que terno amava;
Devem-me a mesma paixão.

XXXI.

Se d'antes de conhecer-te,
Te vira d'outro nos braços,
O coração no meu peito
Se me faria em pedaços.

XXXII.

Agora, quando Menalca
Fosse hum meu grande inimigo,
Que mais queria, que ve-lo
Passar a vida comigo!

XXXIII.

Mas faz-me tamanho horror;
Hum perjuro coração,
Que delle, e qualquer que te ame,
Tenho justa compaixão.

XXXIV.

Se acaso, Nize, presumes,
Que eu fallo de sentimento,
Bem como tu me enganaste,
Te engana o teu pensamento.

XXXV.

Mais ditozo estar não póde
O ditoso naufragante,
Que toca a praia seguro
Do bravo mar inconstante,

XXXVI.

Do que eu me vejo, perjura,
Levantando as mãos ao Ceo,
Por conhecer-te, inda a tempo
De me livrar de ser teu!

XXXVII.

Tomára toparte já,
Onde choroso te vi,
Para a veres a frescura,
Com que me rio de ti.

XXXVIII.

Outro fora, que indiscreto
Me entregasse á minha dor;
Mas eu no meu sangue frio
Tomo despique melhor.

XXXIX.

Pois sem me affligir a mim,
Póde ser que te consuma,
Reflectindo, que o perder-te
Me não causa pena alguma.

XL.

Não porque eu deseje ver-te
De agudas penas cortada,
Pois inda que hoje me deixas,
Tu já foste a minha amada.

LI.

He de justiça com tudo,
Que arranques do peito os ais,
Não por gloria de Francino,
Mas para exemplo das mais!

XLII.

Ah Nize! e quando tu vires
Quantas prendas me tens dado,
Postas no peito, em trofeo
De hum peito desenganado?

XLIII.

Não te has de lembrar das juras
Que tão sisudo fizeste?
E dos votos, que inflammada,
Firmastes, quando m'as déste?

XLIV.

He forçoso, porém faze
De conta, que tudo he nada;
Que forão lances de Amor,
Mas em hora desgraçada.

XLV.

Que eu tambem de mim Senhor,
Lhe faço essa mesma conta,
Sem ter o menor remorso,
Que isto ceda em minha afronta.

XLVI.

A Deos, Nize, e fica certa,
Que do teu genio traidor,
Não só te não peço contas,
Mas dou as graças a Amor.

XLVII.

Pois basta para despique,
Ver, cruel, teu coração,
Nesta Aldêa a quem mais der,
Como fazenda em leilão.

XLVIII.

Terno te amei, duro fujo
Enganos que encontro em ti;
E se para mim morrestes,
Suppõe que tambem morri.

XLIX.

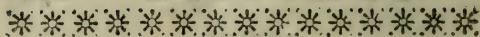
Avesinha, vai ligeira,
E depois me contarás
O caso que esta perjura
Do meu desengano faz.

Passar.

A Deos, Francino; eu prometto,
Mal que o papel lhe entregar,
Dizer aos teus patriotas,
Quanto delle me lembrar.

LI.

E as azas equilibrando,
Verei meu ninho querido,
Trazendo a fiel noticia
De quanto houver succedido.

****

OBRAS POSTHUMAS
DE
ANTONIO GOMES
DA SILVEIRA MALHÃO.

SONETO I.

NUm sitio, que ornão, variadas flores,
Que sem arte puzera a Natureza,
Tentando á força huma arriscada empreza,
Amor punha por orde' os seus Amores:

Marilia, a quem huns olhos matadores
Escudão sua indomita fereza,
Entrou no campo, e em vez de ficar preza
Triunfou de Cupido, e seus furores!

Desgraçada da fraca humanidade,
Porque fica sugeita á desventura
De soffrer mais tyranna Divindade!

Amor tinha alguns dias de brandura,
Porém Marilia, que ama a crueldade,
Não tem instante, em que não seja dura.

SO-

SONETO II.

CO'a minha Lilia Amor brincando hum dia;
Ora os olhos formosos lhe beijava,
Ora as tranças de rosas lhe ennastrava,
Ora o seu rosto com seu rosto unia:

Humas vezes finezas lhe dizia,
Outras preza em seus braços a apertava,
Porém Lilia em resposta lhe tornava,
Estas palavras, que eu de longe ouvia. =

,, Não te canses, Amor, o meu Alcino,
,, He quem domina hum coração amante,
,, Que me deo felizmente o meu destino =

Amor pasma! por ver não he bastante
O throno, o sceptro, e seu poder divino
Para hum peito mudar terno, e constante!

SONETO III.

TEm Armenia huns cabellos ordeados;
Com que os ventos brincando as vistas prende;
Com teus olhos gentis as almas rendem
Os Amores entre elles disfarçados:

Os jesmin com as rosas misturados
As bellas Graças por seu rosto estendem;
Dos rubros beiços os desejos pendem,
Por seu halito doce sustentados.

No alvo collo, na cintura airosa,
Mostrou quanto podia a Natureza,
Que depois de os formar ficou vaidosa!

O Céo que a vio, por completar a empreza,
Fez que viesse huma alma virtuosa,
Animar inda mais tanta belleza.

SONETO IV.

ENtre vivas esperanças, e temores
Junto aos olhos formosos de Tircea,
Quaes abelhas em roda da colmêa
Vi hum dia os ternissimos Amores:

Huns tremendo lhe ennastrão d'alvas flores
A trança, que no eburneo collo ondea,
Ardendo outros em chamma, que ella atea,
Bafejando lhe accendem mais as cores.

Quiz cantà-la, corri a mão na Lyra;
Mal ouve as cordas, e conhece o canto,
Deixa os Amores, para mim se vira:

Os ternos moços o sentirão tanto,
Que o sitio, onde Tircéa alegre os vira,
Inda hoje banhão de saudoso pranto.

SONETO V.

A Caso julgas, que hão de ser constantes
Estes dias gentìs, que ves raiando?
Cuidas que as Graças com Amor brincando
Sempre hão de rodear nossos semblantes?

Ve, Tircéa, que os rapidos instantes
Huns sobre outros, sem cessar gyrando,
Vão prezos a seus ferros arrojando
Os apressados annos inconstantes!

Antes que chegue a macilenta idade,
Que sevéra desfolha as frescas flores,
Nascidas na risonha mocidade;

Quebremos as cadeas dos temores,
Desse a nossos desejos liberdade,
Nutrão-se em nós ternissimos Amores.

SONETO VI.

VEndo morto o prazer, o Amor perdido;
E do frio Sicheo a fé manchada,
De accusadores erros insultada,
Tremendo vaga a furiosa Dido!

Ora quer arrojar de amor ferido
Ora o tenro peito sobre a Teucra espada;
Ora acode à Cidade incendiada,
Pelos zelos de Jarbas desabrido.

Té que vendo de hum lado o amor mal pago,
E do outro lado a indomita vingança,
Frenetica temendo hum novo estrago;

Rasgando as vestes, desgrenhando a trança,
Por entre as chammas da infeliz Carthago,
Chamando Eneas com furor se lança.

SONETO VII.

EM quanto sobre o leito desditoso,
O froxo corpo Alcino revolvia,
E da sua Marilis repetia
O dulcissimo nome saudoso:

Amor ante os seus olhos cuidadoso
Huma scena brilhante offerecia,
E no largo theatro apparecia
De Nynfas hum exercito lustroso.

Alcino, lhe dizia o Deos de Amores: =
„ Escolhe d'estas, que Marilis bella
„ Repartio jà comigo os seus favores?

Diz-lhe Alcino: o prazer feliz de obte-la,
„ Talvez possão roubar-me os teus rigores,
„ Mas não a gloria de morrer por ella!

SO-

SONETO VIII.

POr entre as pardas nuvens do futuro
Ja Marilia gentil, scintilla o dia,
Que ha de trazer na sua companhia
Os verdugos crueis deste Amor puro!

Já diviso com passo mal seguro
Os olhos baixos cheia de agonia
A lugubre saudade, que me envia
O decreto fatal do tempo duro!

Qual bruta penha, aonde o mar rebenta,
Resistamos ao bando dos cuidados,
Que em nosso pranto o seu rancor sustenta;

Sulquemos estes mares empolados,
Póde ser, que do seio da tormenta.
Amor nos salve, contra a mão dos Fados!

SONETO IX.

AInda vivo abri hum bravo toiro,
Arranquei-lhe as entranhas fumegantes,
Lancei-as sobre chammas crepitantes,
Fiz Amor Sacerdote deste agoiro:

Compridas vestes, recamadas de oiro,
Cingio co' hum cinto cheio de brilhantes,
Largou primeiro os ferros penetrantes,
Depois ornou-se de virente loiro.

Ve Amor, lhe disse eu: se a rês queimada
„ Algum presagio venturoso augura,
„ Na distancia cruel da minha amada!

Marilis respondeo: será tão pura,
„ Que ha de amante guardar a fé jurada,
Até que chegue à fria supultura!

SONETO X.

AI minha Amada, que jà vão murchando
As Capellas, que as frentes nos ornavão!
As gostosas prisões, que nos ligavão,
Já se vão por si mesmas desatando!

Já se vem para nós encaminhando
Os dias, que os Amores agoiravão,
Quando sobre o teu peito s'encostavão,
Suas loiras madeixas desgrenhando!

Que remedio, meu bem, o tempo chega,
O triste Amor, tremendo vacillante,
Aos ferros da saudade as mãos entrego!

Ao menos se-me tu sempre constante,
Em quanto a ausencia à minha vista nega,
A presença feliz do teu semblante.

SONETO XI.

AMor nem sempre nega os seus ouvidos
A voz aflicta de hum fiel amante,
Que junto d'elle vôa a cada instante
Nas azas de ternissimos gemidos:

Nẽ sẽpre os Ceos, de negro horror vestidos,
Negão ao mundo a luz do Sol brilhante;
Muitas vezes escapa hum doce instante
A's mãos de imigos fados desabridos!

Sim caros moradores de Cythèra,
O meu tormento, que eu julgava eterno,
Cede á constancia, que em minha alma impera.

Se Marcia foi perjura, hoje governo
Tircéa, a quem o Ceo benigno déra
Mais bello rosto, coração mais terno!

ODE

ODE I.

A Antonio Caetano de Freitas.

CAro Freitas, pedaço da minha alma;
Meu doce amigo, resto precioso,
Que eu apenas salvei d'entre as ruinas
Do contrario destino!
Com que socego hum throno perderia!
Porém perder-te, ó Ceo! tu bem conheces,
Que na minha balança peza menos
O mundo, que hum amigo!
Tu inda ha pouco viste a mão do Fado
Arrancar-me pedaços das entranhas!
Mas tua reflexão, tua presença
As chagas me curárão!
Se se apaga o farol, que me guiava
Nos empolados mares da fortuna,
Acabarei, qual lenho espedaçado
Dos ventos sibilantes!
O bem da humanidade te convida,
Tu não és surdo á voz da Natureza;
Mas olha, que a amisade he mui zelosa
Da vista de seus filhos!

As

'As nuvens vomitando accesos raios
Tremendo a terra nos antigos eixos;
Não abalão minha alma, quanto a abala
O susto de perder-te!
Mal sabe o avarento, quando a sorte
Lhe furta d'entre os braços os thesouros,
Que ainda ha no mundo mais terriveis scenas,
Perdas mais lamentaveis!
Quem neste bosque emmaranhado, e escuro,
Habitado por surdidos abusos,
Me hade por no caminho embaraçado
Da candida verdade?
Tu no meio da noite tenebroza,
Eras a tocha da rasão brilhante,
Que na borda dos ingremes penhascos
Me evitava os perigos!
Eu tremo, ó Ceos, o coração se gela
Erriça-se o cabello, o sangue pára!
Estes são nuncios da terrivel morte,
Sim a morte não tarda!
Mas ah que a voz do caro Freitas sôa!
» Nos revoltosos mares da ventura,
» O constante Varão arrosta firme
» Os visinhos cachópos.

Sim

Sim eu sou homem; se he dos homens todos
Herança certa a morte trabalhosa,
Como estranho a partilha, que tem feito
Comigo a Natureza?
Doce amigo, conserva na lembrança
Amar a Patria, ser o bem dos homens,
Morrer pelos amigos, deixar pura
A posthuma memoria!

ODE SAFICA.

NÃo tenho lavras, nem possuo quintas,
Aonde colha, na sazão doirada,
Loiras espigas, rubicundos pômos
Para brindar-te.
Ricas alfais, magestosos tectos
Não teve Homero nem Virgilio os teve!
As sacras Musas habitar costumão
Toscos alvergues.
Mas, se tu queres amorosos versos,
Puros desejos, esperanças vivas,
De mim voando, nas pintadas asas
Amor tas leva.

Ah

Ah não lhe mostres carregado o rosto
Aperta-os meiga no nevado peito,
Sustenta-os terna, com surrisos doces
Amante os beija.

Em troco delles hum suspiro brando,
Ainda quente de teu vivo fogo,
Derreta o gelo, que em minha alma prendem
Frios temores!

Magros receios, que piando agoirão
Nublados dias, huma vez, batendo
As negras azas, respirar me deixem
Hum ar mais puro

Mortal não vejo, que ao sôar teu Nome
O não respeite, como lei dos Fados!
Se tu mandares, choveráõ prazeres
Sobre meu peito!

Ah não desprezes incessantes rogos,
Que aos teus ouvidos, como verdes heras
Se enrolão juntos, a pedir-te o premio
Dos meus amores.

Não julgues Marcia, que a belleza perdes,
Por não torrares com travessos olhos,
Nas crueis aras do mortal desprezo,
Puras finezas!

As

Venus formosa nada alcança irada!
Porém se o pranto sua face orvalha,
Amaina as iras, que excitara Juno
No sacro Jove.

ODE III.

ENtre os braços da languida pregui-
ça,
Coroado de verdes dormideiras,
Esgoto sequioso o nectar doce
Do placido socego.
Ternos Amores, brincadoras Graças,
Em roda de mim, soltão brandos hym-
nos,
Que entre hum bando de idéas amoro-
sas
Me prendem os sentidos!
Ligada com prizões de rubras flores,
Tircéa no meu peito a face encosta,
Receando acorda-la, me palpita
O coração com susto!
Em quanto dorme, fervidos desejos
Apinhados nos ares, se conspirão
Contra o respeito, que acordado a zela
Qual Argos vigilante!

Os

Os molles sonhos, levemente postos
Sobre a testa nevada, o véo desdobrão
Em que a scena gostosa lhe apresentão
De futuros prazeres.
Em vivas esperanças engolfada,
Dando credito aos sonhos, se espreguiça
E ao despertar, prendendo-me nos braços,
Bem diz a fantasia.

ODE IV.

EM quanto envolto
No meu tormento,
Entrego queixas
Ao surdo vento;

Tu sobre o leito
De molles flores,
Que em torno cercão
Brandos Amores;

Pois que Erycina
Te enrama a frente,
E Amor te inflamma
N'hum estro ardente:

Pin-

Pinta huma Nynfa
D'olhos tão bellos
Que a mesma Venus
Pasme de vêllos.

Pinta-lhe as faces
De lacar vivo,
Raiando entre ellas
Hum riso esquivo.

Finge que aos beiços,
De estranha graça,
Branda ternura
Rindo se abraça.

Põe-lhe no collo,
De Amor thesouro,
Sem ordem soltas
As tranças d'ouro.

Mas não, não pintes
A minha Amada,
Que Amor ma furta,
Se a vir pintada!

ODE V.

GUião-te as Musas
Ao Sacro Monte,
E dão-te a Lyra
D'Anacreonte.

No ar suspensos
Brandos Amores,
Em quanto a affinas,
Derramão flores.

Em roda as Graças
De ti vôando,
Com meigos risos
Vão-to inspirando.

De Chypre a Deosa,
Co' as mãos mimosas
Te cinge a frente
De myrto, e rosas.

Antes que toques,
N'hum breve espaço
Amor te ensaia
Na Lyra o braço:

Em quanto cantas,
Estão sahindo
D'entre teus beiços
As Graças rindo.

Tudo te mostra,
Doce Cantor,
Quanto he ditoso,
Quem louva Amor!

ODE VI.

TOdos os dotes
De mais belleza,
Que tinha occultos
A Natureza,

Dos aureos cofres
Amor furtou,
E unindo-os todos
Marcia formou.

Sahio-lhe a obra
Tão rara, e bella,
Que Amor formando-a,
Pasmou de vêlla!

Depois contente
Por lhe ter feito,
Tão lindo o rosto,
Tão alvo o peito,

Deo neste dia,
Geral perdão
Aos que gemião
No seu grilhão.

Mas s'Amor terno
Todos soltou,
De novo Marcia
Os captivou!

ODE

ODE VII.

CAra Josina,
Teu lindo rosto,
Inspira n'alma
Suave gosto.

O Deos de Samo
Não he mais bello,
Nem tem mais loiro
O seu cabello.

Raia em teus olhos
Luz soberana,
Venus comtigo,
E Amor s'engana.

Rosto de neve,
Beiços rosados,
Faces de lácar,
Dentes nevados,

Mimo das Graças,
D'Amor rival,
Não tens no mundo
Nenhuma igual!

EPISTOLA.

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião José de Sam-Payo Mello e Castro

MUitos, caro Sam-Payo, me perseguem,
Que ao som da Lyra nos meus versos cante
Varões, que de Mavorte os passos seguem:
Porque Lysia de novo o mundo espante,
Querem, que d'entre ás sombras do passado,
Hum terrivel Pereira se levante!
Mas não posso, Senhor, não me foi dado
O estro desses dois, que eternizárão
O Teucro piedoso, o Grego ousado!
Inda as sábias Camenas não formárão

Pa-

Para mim huma crôa, inda com ella
Minha frente grosseira não ornárão.
Horacio, vigilante sentiréla
D'aquelles, que o consultão noite e dia,
De graves precipicios m'acautéla!
Se eu seguisse o furor, sem outra guia
Mais, que o cégo desejo, que m'in-
flamma,
Que enormes producções que abortaria!
Camões, quando cantou o forte Gama,
Já tinha a calva fronte encanecida,
Já devia comprar vindoira fama.
Será Musa infeliz, a que insoffrida
Seus vôos estender, por longos ares,
Sem que esteja de pennas revestida.
Rodeado de sustos, e pezares
Mil vezes se verá, o que atrevido
Sulcar aventureiro alheios mares.
Esse Monte, de loiros guarnecido;
Aonde as Filhas de Helicon habitão,
He por duros espinhos defendido.
Eu o vejo de cá, ellas me gritão,
E tendo-me mostrado a longa estrada,
De lá me chamão, a subir me incitão.
Mas eu meço a distancia, e comparada
Com a minha fraqueza, pasmo, e tremo,
E

E seu doce convite não me agrada.
Os riscos já conheço, os riscos temo;
E de ver tanta gente arrebatada,
Sentido do seu mal comigo gemo.
Se huma arte cautelosa sopeada
Não tiver a fogosa Natureza,
Em erros cahirá precipitada!
Ha versos, que já nascem com belleza,
Mas vem taes, que he preciso torneá-los,
E limá-los de falhas, e dureza.
Outros vem, que o melhor será quebrá-los,
Ou fundi-los de novo, ou ir com geito
Sobre a dura bigorna exprimentá-los.
Quem trabalha nas Artes sem preceito,
Depois de muitas lidas, e suores,
Quanto fructo lhe nasce he com defeito.
Mas eu não dou preceitos; mil Authores
Desde os Gregos 'té nós, já tem prescripto
Sobre esta Arte divina as leis melhores.
Eu confesso, Senhor, que assáz m'irrito,
Quando vejo perder na tenra idade,
Hum bem nascido, delicado espirito!

En-

Este fogo voraz da mocidade
Deve ser moderado, mal rebenta,
Com as sérias lições da sã verdade.
Em vista deve ter todo o que inventa,
Que ás vezes a abrazada fantasia
Com disformes abortos nos contenta!
O Escritor prudente até vigia,
Para emendar nas horas socegadas,
O que fez nos momentos de alegria.
Tanto custão no campo a ser obradas
Acções grandes, ao lado de Mavorte,
Quanto custão na Lyra a ser cantadas!
Aquelle, que levar além da morte,
Por armas, ou por versos sua gloria,
Nada tem que invejar d'humana sorte.
Hum bom Poema, huma gentil victoria,
São os Numes só dignos de occuparem
As santas Aras d'immortal memoria!
Se das suas venturas se lembrarem
Achilles, e Homero juntamente,
Tem a mesma razão de jactarem!
O Poeta, que erguer no mundo a frente,
Coroado dos loiros com a rama,
Iguala ao Rei no solio resulente.

De-

Desejoso, Senhor, desta alta fama;
Já sobre os livros tenho ao Ceo rogado,
Que talhando-me em vós hum novo Gama,
Seja hum novo Camões de mim formado.

SEXTINAS.

I.

A Vós, saudosas margens do Mondego,
Costumadas a ouvir de Ignez as quixas,
A vós afflicto o meu queixume entrego,
Que as minhas chagas são das mesmas flexas!
E tu, Marilis, se he que tanto pódes,
Ouve o meu pranto, já que não me acodes!

II.

Depois que Amor, usurpador tyranno
Deste reino feliz da liberdade,
Vestido com as roupas do engano,
Sobre as áras corruptas da amisade,
Jurou fingidos votos de ternura,
Nunca mais vi o rosto da ventura!

III.

Não me queixo de ti, alma divina,
Pois que tu dos meus erros não tens culpa!
De Amor me queixo, porque a errar m'ensina,
E depois os meus erros não desculpa!
Mas agradeça o impio à natureza
O throno, que lhe deo sobre a fraqueza!

IV.

IV.

Esta bruta fraqueza que fundando
Nos molles corações seu reino austero,
Unida das paixões ao torpe bando,
Maneata a razão ao carro fero;
Terrivel mal, insupportavel damno,
A que tem condemnado o peito humano!

V.

Sim, Marilis gentil, depois que amante,
Mas amante infeliz, amei teu rosto,
Não cahe sobre os meus dias hum instante,
Que não venha coberto de desgosto!
A lugubre carreira de meus dias,
Vai tropeçando em novas agonias!

VI.

Cada vez que me lembra esse momento,
Em que vi os teus olhos matadores,
Entre gèstos de brando sentimento,
Prometendo ternissimos amores,
O peito sinto repassar de mágoa,
O triste rosto se me arraza d'Agoa.

VII.

VII.

Ah Marilis, Marilis! quem diria,
Que hum amor só nutrido com brandura,
Tendo apenas nascido morreria,
Entre os braços cruentos d'amargura!
Infelices de nós, somos forçados
A servir mais ao mundo, do que aos Fados!

VIII.

Entrava a renovar em nossos peitos
Esta doce paixão, que nos mantinha;
Jà entre grossa chuva de respeitos
Correndo para nós o medo vinha,
Semeando, entre candidos amores,
Suspeitas vivas, infieis temores.

IX.

Amor, que n'outro tempo apparecia,
Entre esquadrões de risos amorosos,
Hoje tem por amavel companhia,
Receios tristes, sustos pavorosos!
Todo o prazer, que lhe animava o rosto,
Tornou-se em sombra de mortal desgosto!

X.

Aquella doce voz, com que entretidos,
Largas horas nos tinha conversando,
Transformou-se nos lugubres gemidos,
Que vão dispersos pelo ar vôando!
Té que opprimidos de mortal tormento,
As azas fechão, exhalando o alento!

XI.

Os clarissimos dias de ventura,
Coroados de flores graciosas,
Vierão terminar sua doçura
Em noites de tristezas pavorosas!
Nas quaes, por entre o seio do negrume,
Fuzila às vezes rabido ciume!

XII.

Aquella doce fonte de ternura,
Onde a sede de amor mal se fartava,
Que vertia huma lymfa doce, e pura,
Que mais sede nas almas despertava,
De todo se seccou, morrendo à sede,
Em vão este alimento o peito pede.

XIII.

Esta Scena feliz está cercando
Hum grosso véo de intoleraveis dores;
Nosso ingrato destino vigiando,
Sendo chefe cruel de impios rigores,
Promette aos Deoses, de se unir aos Fados,
E fazer nossos dias desgraçados!

XIV.

Constancia, minha Amada, huma alma terna
As iras dos destinos põe de parte,
Hum coração constante até governa
De Jove os raios, o furor de Marte!
A longa experiencia tem mostrado,
Que póde mais Amor, que o duro Fado!

FIM.

CONTINUAÇÃO
DA
VIDA, E FEITOS
DE
FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHÃO

Desde a Epoca da sua Formatura até aonde chegar.

TOMO IV.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. D. CCC. VI.

Por Ordem Superior.

INTRODUCÇÃO.

A Paginas 244 do Tom. III. das minhas historias da vida, deixei a vida minha, no tempo da Formatura, e nos dias da jornada ultima e entrada na Patria, tendo na lembrança, o que em mais heroicas circunstancias, cantou o Epico Latino

Depois de casos tamanhos,
E riscos não precavidos,
Por mil successos estranhos
Fomos ao Lacio trazidos.

E porque sou instado á continuação de meus posteriores acontecimentos, e sempre tive por decretos quaesquer insinuações de meus bons, e fieis Amigos, obedecendo (como obedeço) d'aqui começa a obra, atraz deixada, pelo theor, e maneira seguinte.

EPOCA IX.

CAPITULO I.

§. I.

DEpois que deixei a Coimbra, montado em hum macho ruço, na companhia de huma mula negra, que me conduzia dois caixotes de alfarrabios, para o uso da vida Forense, dos quaes me surtí, huns por moeda, e outros, a troco de outros, vim dando as forçosas, e gratificantes despedidas, pelos meus amantes, e generosos Hospitaleiros de Condeixa, Pombal, Leiria, e Alcobaça; e com a derrota de tres dias, dei fundo na minha Patria, tendo de antemão cortado huma cana verde, na qual guindei a lata de minhas Cartas, e com ella, como bandeira de triunfo, subi ao Capitolio do meu

nascimento, com festejo de huns, e pasmo dos outros; parecendo-lhes como hum sonho, vencer eu tanto, sem outra polvora, e balla mais, do que a minha concertada, e mansa feição.

§. II.

Constituido pois nas circunstancias de Bacharel-Formado, e de aspirante ao premio de meus amorosos incommodos, mas formado sem genero de occupação determinada, e namorado sem estabelecimento feito, comecei de travar práticas comigo, e reflexões com os meus *botões*, sobre os dous modos de vida, para que acabava de me habilitar, examinando qual seria, o que mais me daria, para os fins a que eu me dava.

§. III.

Neste caso pois lembrava-me ler no Desembargo, e seguir as Magistraturas: ora quanto ás habilitações, leitura, e mesmo ao ser em breve despachado, tinha eu por cousa facil, não por meus merecimentos, mas sim pelo valimento de meus Amigos, pois

que

que alguns que podião, se me offerecêrão; mas nas ancas destas ponderações montavão as que vão neste.

§. IV.

Dizia eu: *Estou despachado*, que resta agora? preparar-me com decencia: e que menor, e mais cómmoda deve ella vir a ser, do que hum módico; mas aceiado trem de casa? são indefectiveis duas cavalgaduras, hum Lacaio, hum comparssa de receber recados, e dar repostas, e outro terceiro individuo, ou individua, que prepare, e adube a infallivel comezana? Ora eis-me com seis boccas a pão, e carne, ordenados, e alcavallas, e duas mais a palha e sevada, a fóra ferraduras, arreios, e indefectivel teliz, pistólas, e portamantó! e aonde guardo eu o dinheiro e aonde, ou como, heide ir buscallo para toda esta patacuada? nada; por aqui não vamos bem; dizia eu.

§. V.

Passando-se isto assim, como eu lho digo, levanta a voz hum dos meus bo-

botões, e diz-me » V. S... (não assarapante o tratamento, por que elle já contava comigo, na dignidade de Juiz de fóra) não ha de ir para o Lugar? então que teme! esse Lugar, qualquer que seja, e onde quer que elle fôr, não tem emulumentos? não rende assignaturas, querellas, e devaças de infallivel pronúncia, com suas Vestorias, e tudo o mais, que tem os mais, que occupão estes cargos? além disto, a hum Ministro em qualquer terra nada lhe falta, antes, e ao contrario, todos estudão, e se amacaqueão para lisongeallo, porque todos o querem favoravel, basta que durante o tempo da sua Magistratura; todos se honrão de ser delle attendidos, e cortejados, e tal homem ha, que antecipadamente, se mune de empenhos, para quando elle entrar no lugar, entrar elle na sua contemplação immediatamente, para ser o que informe das pessoas, indole, e caracter do termo que vai reger. »

§. VI.

Dizes muito bem, e muito bem te de-

desabotoastes, disse eu para o meu *botão*: com razão tudo isso assim he, porque hum Magistrado, seja quem quer que seja, por sua pessoa, logo que se reveste desta qualidade, representa a authoridade Soberana, e como a tal se lhe deve respeito, veneração, e acatamento; e taes ha, que pensão não honrar-se do lugar, mas antes dar honra ao lugar mesmo; e por isso o ser delle attendido, he sinal de que o cortejado se faz digno do cortejo: mas bem pensado o caso, para tudo que deste emprego resulta, estou eu fóra dos meios, e proporções; ora escuta-me tu, sem ser preciso para isso saltar fóra da tua casa.

§. VII.

Ha já tempos que eu li, na Escóla Moral de Guerrero, entre outras muitas regras para qualquer se constituir bom Ministo, a seguinte, que vem a ser a VIII. na Lição 25. da Palestra II. eila pelas palavras formais
„ He muito importante, que os Mi-
„ nistros se recolhão em suas casas, e
„ se

„ se abstenhão de jogos, e cassadas; pes-
„ carias, e tractos particulares com os
„ subditos, por que faltão com isto ao
„ despacho das partes, e se affeiçoão;
„ e tomão particularidades, de que nas-
„ ce não fazerem a Justiça, como de-
„ vem, e serem sempre de melhor par-
„ tido os amigos, por cuja causa são
„ muitas vezes mais partes nos seus par-
„ ticulares, com damno da Justiça, e
„ escandalo dos Povos. „

§. VIII.

Ora meu pobre botão sem marca; que vale o mesmo que corpo sem alma, eis-aqui tens tu, o que eu não poderei, fiar de mim em todo, ou em parte; e vamos por partes, e repara bem. Quanto ao recolher-me em minha caza, primeiro que tudo, he preciso tella, e bem provída do preciso; para que não aconteça ser necessario ir fóra buscallo, ou abrir a porta; para que o mettão da banda de dentro: e aonde está ella, e alfaiada nestas circunstancias? Quanto á jogos, dirás talvez, que a falta do dinheiro cura este

acha-

achaque: pois enganas-te de meio a meio! ha tal, que occupará hum cento de amigos para sustentar a jogarrilha, e não rogará a hum unico para manter a sua casa, e pagar o suor de seus serventes. Pelo que respeita a abster-me de tratamentos, e communicações, cassadas, e pescarias, isso he lavar muito hum preto, com tenção de o tornar branco! criei-me nestas escólas, e não duvido, que de capa, e volta, e vara na mão (Insignias, que já se tem por conto de velhas) improvisasse á guitarra; se mo pedisse hum Amigo, ou rogasse qualquer Madamazeta: e até me persuado, que não faltarião Amigos, destes de bom gosto, que sabendo do meu despacho, e ubicação de minha residencia, duvidassem tomar a empreza de ir ver-me, por tafularia em huma Procissão, de capa, vara, e o competente adorno, com os membros da Camara: e quem me diz, que nesse mesmo acto, de si tão serio, pondo-lhe os olhos, não me afogava de rizo? eis-aqui as minhas duvidas; mas.

§. IX.

Está por outra parte, que eu devo tomar em contemplação, hum modo de vida, que se proporcione com os meus fins; pois perdidas vão as resoluções, senão encárão os fins a que se dirigem! e nunca achará vento favoravel o Piloto, que primeiro não determinar o porto! e como este meu fim se encaminha a viver com a minha amavel *Josina*, he em consequencia preciso, huma maneira de vida, pela qual se faça hum, como diario estabelecimento á falta das rendas, que tarde virão, porque a vida de Ministro não he azada para os que se estabelecem, mas sim para aquelles, que aliàs se achão estabelecidos.

§. X.

Com que, com effeito, e não ha dúvida, que este era o bico de obra, em que me achava embaraçado, despido inteiramente das bostellas contagiósas, que atacão a muitos, que mais querem a Magistratura para determinar, do que para obedecer ao que lhes

he

he determinado; e muito mais para mandar, do que para emendar; ao mesmo tempo, que pela historia de todos os tempos, consta, que sempre se procurárão os empregos a bem dos pertendentes, e não em desempenho delles, querendo por este modo fazer-se homens os que, para tanto, devião ser já homens feitos; contra o conselho de muitos Doutos, que ensinão, que os cargos senão busquem, mas sim, que para elles sejão buscados os homens: e tal houve já que dizia, que as Insignias Ministrais infundião sciencia, e transformavão os talentos na vida, assim como pela morte se fazião as transmigrações no Systema de Pitagoras, não sendo ellas, sem o preciso merecimento mais do que as pennas da gralha de Esopo, que de nada mais lhe aproveitárão, senão de ser conhecida por impostora, e castigada por vaidosa.

§. XI.

Nascem d'aqui muitos inconvenientes, do que muitos Doutos tem forma-

mado queixas em todas as idades: e para que heide eu expòr-me a que de mim se diga, o que de tantos, e por tantos se tem dito? mas dado, que fazendo cára de aço, e orelhas de mercador, me não dava por achado deste labéo? assim mesmo, não acho por este caminho os meios aptos, para o fim a que me dirijo? além disto, muito bom julgador que eu seja, muito officioso, e muito limpo das mãos, e prezo dos pés, sempre na publicação de qualquer Sentença, como ha, pelo menos, dous litigantes, dos quaes hum affirma, e outro nega em todo, ou em parte, não podendo igualmente accommodar-se ao gosto d'ambos, não fallando do direito, forçosamente fica hum rogando-me pragas, sem mais culpa do que servir as vezes do meu officio! nada, eu preciso de Officio, que renda dinheiro e não que renda pragas, e esconjuros. Longe de mim semelhante modo de vida, não por si, mas pelas minhas, e algumas das suas circunstancias.

§. XII.

Mas repára, que de ter havido em alguns tempos Magistrados, que se deixárão arrastar das paixões do odio, do amor, e do interesse, e que sem dó dos Povos, que lhes forão commettidos, tratárão mais de estroillos, do que de promover o seu descanço, nem por isso se segue, que os não houvesse, e haja, principalmente em nossos dias, dignos de ser modélo e exemplo; nem por sombras parecidos áquelles, cujo comportamento mereceo, que na entrada da salla das Audiencias de Tolledo, se escrevessem os seguintes versos, de que faz menção Bernardes nas Florestas Tom. IV. Tit. 13. pag. 143. e que eu traduzo assim:

Nobres, destinctos Varões,
Que governais a Tolledo;
A' entrada destes portões,
Despivos das affeições
D' ambição, temor, e mêdo.

Por quaesquer comminuns proveitos,
Deixai os particulares;
Pois que Deos vos fez pilares
Destes riquissimos teitos,
Estai firmes, e direitos.

§. XIII.

Vê-se pois que o tal caminho não he todo de calçada, antes sim que tem seus barrancos, e tropeços, e taes, que dizendo-se a Temistocles, que havia muitos que solicitavão ser empregados em semelhantes Officios, respondeo, como refere Eliano Lib. VI. de Var. Histor. » Se me a mim mostras» sem dous caminhos, dos quaes hum » me guiasse para a sepultura, e o » outro para o Magistrado, de me» lhor vontade caminhára contente » pelo que me guiasse para o túmulo, » do que pelo que me guiasse para o » Tribunal. » Não o lí no Original, mas tal o produz o supra citado Guerreiro, tal o reproduzo.

§. XIV.

Eis que hum dos *botões* do meu collete; que isto me ouvia tratar com o da casaca, e mais confiado, por mais tareco, me disse com desempedida confiança. Ui, Senhor „ pois cousa tanta se precisa para Vm. ser Ministro? „ se assim fosse, quem haveria para „ occupar os Lugares, em serviço do „ Soberano, que não póde assistir a „ tudo, e da Republica, que precisa de „ expediente? cuido, (pelos escrupu- „ los em que o vejo embaraçado) que „ semelhantes Cargos só pertencem aos „ Santos? mas esses não se conhecem „ em vida, antes, quanto maiores, „ mais se escondem aos olhos do mun- „ do; e se se mostrão taes, só lhes „ pertence a veneração, e culto de- „ pois de mortos, e o Estado não ha- „ de servir-se com defuntos! „ Callate badameco, lhe disse eu: Huma cousa he ser Ministro, outra cousa he ser Ministro bom. Eu não digo, como já disse aqui a esoutro tagarela, que os outros não o são, nem não nego ha mui-

tos capazes de o ser: a minha dúvida consiste, em olhar bem, se eu tambem o seria; e principalmente, se no caso de o ser, a serventia desta Dignidade me dará a serventia para que eu a quero: senão repara tu, que eu vou reflexionando, e responde.

§. XV.

Escreve o sobredito Guerreiro Camacho, (e aqui o ponho á vista, para que não cuides, que te minto) as regras seguintes: De muitos requisitos necessita, quem houver de subir aos Officios públicos, porque (segundo os Authores em que se estabelece, e funda) I. he que para o Emprego de Ministro, se quer hum homem, que seja de boa geração; ao que respondeo o dito *botão* de casquinha „ Pois „ Vm. nem he Judeo, nem he molato, „ antes lhe conheço, e me dizem tive- „ ra parentes Clerigos, e Frades, e occupados em Dignidades Ecclesiasticas. Repára, lhe disse eu: que não está sómente nisso; he igualmente preciso II. que tenha sido desde a sua

pu-

puericia, de huma vida, e comportamento ajustado; e então, que te parece? Vai elle, e volta-me com todo o despejo ,, Olhe, quanto ao que tenho
,, conversado, com alguns *botões* ve-
,, lhos, que forão do tempo das suas
,, rapaziadas, não rezo bem de seus
,, milagres, e se o contemplo menos
,, máo, nos dias de agora, he em rela-
,, ção ao muito máo, que delles te-
nho ouvido ,, Quando tal escutei, tive guinas de o arrancar pelo pé, mas reparei que me desabotoava, e que o tempo corria nordeste; disfarcei o caso, e fui continuando: Quer-se III. que seja varão forte: diz elle ,, Lá nisso não
,, consiste a dúvida, porque tambem ou-
,, vi aos referidos, surrados *botões*, meus
,, antecessores no seu serviço, que já re-
,, sistio a hum tiro, e quebrou as cabe-
,, ças de tres lacaios, conforme conta na
,, sua vida. ,, Essa, lhe respondi então; não he a fortaleza de que se trata; porque ao mesmo passo deve o Ministro ser manso, e clemente, e revestido de madura prudencia: aquella fortaleza,

 que

que delle se exige, consiste, em não se dobrar, nem por interesse, nem por affeição de amor, ou ardencia de odio, antes levar a Lei á sua execução, seja contra Pedro rico, ou contra Paulo pobre: passemos adiante. Pertende-se IV que tenha experiencia: „ Essa de certo „ tem Vm. (me affirmou o botão) pois „ que me consta, lhe tem ladrado muito „ gozo, corrido muitas Mafricas e resis- „ tado muitas alcancías. „ Não he essa a de que se falla no caso presente, se bem que he muito proficua, e algumas vezes, tem maravilhosa applicação; assim lhe disse, e fui dizendo. Deve V. ser diligente, e quer-se até, que se acompanhe de huma boa presença; e que te parece? „ Tome sentido, me tor- „ na elle, quanto a diligente, o que sei „ he, que me abotôa tarde, e desabotôa „ sêdo, e pelo que toca a boa presença „ não vou contra o retrato que de si „ mesmo produzio no I. Tom. da sua vida. „ Aqui entrou-me a mágoa de haverme desfigurado, depois de não ter sido dos feios nos meus tempos. Saberás, em

VI.

VI. lugar, que se carece seja clemente e pacifico; ao que elle respondeo: „ pelo que toca á clemencia, não acho „ que lhe ponha nem que lhe tire; mas „ pelo que respeita ao outro pontosi- „ nho de pacifico, dou lhe de voto que „ o não seja, visto dispôr-se a tomar es- „ tado: achei-lhe graça, e voltei a cara para a banda, a fim de não ir tomando confianças, por que se brincarmos com o tonto em casa, brincará comnosco nas praças. Quer-se tambem VII. que não seja avarento mas sim liberal: ora na circumferencia que havia elle fazer, finca as mãos nas ilhargas, e diz-me engasgando-se de riso: „ senão se preci- „ sassem mais requisitos para Ministro, „ então até Vm. era muito capaz de ser „ Secretario de Estado. „ Deve, fui eu proseguindo VIII. ser apto para o officio, e muito mais do que o officio para elle. Aqui interrompeo o botão da casaca, e pedindo licença, deo-me lugar a tomar tabaco, e continuar com o

§. XVI.

Vendo pois, que eu tinha escorri-

do

do e limpado as ventas; me reflectio:
» Essa razão de ser apto para o officio;
» e ainda mais que o officio para elle;
» olhando-se ao que está ponderado, de-
» cide, que Vm. não deve seguir seme-
» lhante modo de vida, pois se elle não
» convem ao fim, e Vm. se deslisa das
» circunstancias, para que está sisman-
» do, e muito principalmente não sa-
» bendo se lho darão; qual, e aonde? A
isto respondi eu, em voz mais alta;
agora não faço mais do que deitar con-
tas á vida, pois he rifão sabido que
quem adiante não olha, atraz fica.
Ouve ultimamente. Deve o bom Juiz,
negar-se a peitas, e dádivas; ora isto
poderia eu fazer .... ao que accodio o
botão: » pois ahi tem Vm. o de que eu
» duvido muito, e dou a minha razão:
» sempre ouvi, e tenho presenciado;
» depois que habíto as casas desta sua
» casaca, que Vm. não deixa de ser di-
» reito em rogar, nem muito vesgo em
» acceitar; e que dá por bom preço os
» seus versetes áquellas pessoas, a quem
» por elles se inculca de novo, ou com
» quem

„ quem já se acha encabeçado de tempo
„ mais antigo, e isto he vóz constante
„ na bocca dos inquilinos meus anteces-
„ sores. Tudo que nessa parte dizes, he
a pura verdade (repliquei eu) mas olha
bem, que ha ahi huma attendivel di-
ferença: pois que huma cousa he hum
homem particular, insinuar-se, e tirar
comodo de seu prestimo e prenda, outra
cousa he o Magistrado, pessoa pública,
acceitar dádivas: aquelle vende modes-
tamente o que he seu, e este vende o
alheio, que he a Justiça de huma das
Partes, pelo que acceita da outra: e
não devendo eu agora ser disso censu-
rado, com justiça o fôra, constituido
no lugar de que tratamos: pois que
o Juiz deve julgar pelo merecimento
da cousa, e não pelo merecimento do
que lhe dão, ou das pessoas litigantes:
em huma palavra dar a cada hum o que
he seu, e castigar com recta applicação
da pena ao delicto. Vê agora se eu se-
rei capaz de sahir-me bem de tantas ba-
rafundas, com o genio que tenho,
com a vida que tenho tido, e com o es-
ta-

tado que quero ter? nada, estou resoluto, e disto ninguem me tira: mas já me parece tarde, vou-me desabotoando, e encaixando na cama, e no em tanto, aqui vos repito hum Apólogo, feito em huma desigualdade de Justiça, consistente no mesmo facto, julgado diversamente, em processo diverso, pela diversidade de Réos: eilo.

APO'LOGO.

Andava de noite em ronda,
 Pelos montes o toirão;
 Era o *Rapozo* o Alcaide,
 E hum *Gineto* o Escrivão.

Entre os bichos que topárão,
 Foi o pobre d'um *Doninho*,
 Que á cova se recolhia,
 Co' a preza só d' hum ratinho.

Foi prezo, e foi posto em ferros;
 Pois de plano confessava,
 Que tinha cassado o rato,
 Na cova em qu' elle habitava.

Pois se por fóra o colhesse,
Ou fizesse sol, ou lua,
Então, pela lei dos bichos,
Vinha a cassada a ser sua.

Prezo esteve, e padecendo,
Muita fome, e muitos tratos,
Mandárão-no para montes,
Onde não houvessem ratos.

No dia desta sentença,
Tornou a ronda a sahir;
E foi, despois d' outras voltas,
No mesmo sitio cahir.

Neste tempo, vinha hum lobo,
Costa a cima, pelo oiteiro,
Trazendo vaidoso aos lombos,
Hum branco, e gordo carneiro.

Apenas a ronda o vio,
Fez-lhe sinal de parar;
E o Juiz mandou, que o fossem
Em cortezia apalpar.

Forão: disserão na volta,
 Haver-lhe hum carneiro achado,
 Mas que o bicho lhes dissera,
 Que o dono lho tinha dado.

Dizei-lhe póde passar:
 Pois a fallar a verdade,
 Não se espera hum crime destes,
 De animal de qualidade.

Certificai-lhe tambem,
 Se a muita carga o magôa,
 E precisa, quem o ajude,
 Eu irei mesmo em pessoa.

§. XVI.

Nisto me fui entregando á cama, e ao somno, e eis-aqui, o que até aqui se passou entre os *botões*, de quem me vi livre, para dar pasto ás pulgas.

CAPITULO III.

§. I.

ACordei no outro dia, e entrei logo a parafuzar no modo de meu estabelecimento: já se vê, que como eu não tinha accesso se não ás varas, ou á banca, negada huma, seguia-se a outra: agora se havia estabelecer-me, e assentalla na mesma minha Patria, ou em parte mais azada como em Lisboa, ou em alguma Cabeça de Comarca, isso he que teve suas reflexões, e não pouco ponderosas.

§. II.

Esquecia-me dizer, que no dia que cheguei a Obidos, se havia dado á terra hum Advogado, que para ahi viera de Alemquer por appelido *Nogueira*, e por alcunha o *Pitisco*, o que parecia estar dizendo, *Rei morto*, *Rei posto*, ou *Dente*, *fóra*, *etc.*

e

e a este mesmo tempo se achava o Dr. Freitas adiantado em annos, molestia, e prescindidor do Auditorio, porque não carecia do officio, por ser Sacerdote com Beneficio; e meu Pai já velho, e trabalhando pouco, pelas suas impossibilidades: o que tudo me assegurava hum bom concurso de Partes: contra tudo porém estava o texto *Ninguem he Profeta na sua Patria.*

§. III.

Para Lisboa, he bom, dizia eu, mas ao mesmo tempo, tem seus inconvenientes, porque além de haver lá muito menino bonito, he preciso muito tempo, e bom calhar, para adquirir nome, o que ás vezes pende do acaso, e não do merecimento; pois mais do que por este, geralmente se adquire freguezia por imposição, e arte, e geito: mas ainda além disto, he como impossivel, que eu em Lisboa possa dar-me á vida com a seriedade, recolhimento, e applicação precisa, por ser hum, como impossivel, que não seja desinquietado para conti-

tínuos brinquedos, e folganças, e para quantos dias de annos fizerem as mãis, filhas, e netas, da Cidade, e seus arrebaldes, afóra as outras distracções, da minha mesma invenção, e natural curiosidade.

§. IV.

Reflexionava tambem no preço das casas, que para Escritorio querem-se baixas, e no sitio baixo, aonde, quanto mais baixas, mais altas no preço: e hum Advogado deve morar em boas casas, e em boa rua, e accommodada aos interesses do seu Officio: Deve acompanhar-se de huma boa livraria; não precisa na qualidade dos Authores, basta na quantidade; porque os muitos livros ou máos, ou bons, ou se leião, ou não leião, entendão, ou não entendão, prefilados na Estante, só por serem vistos pelas Partes, não ganhão menos de sinco por cento: precisa igualmente tratar-se com decencia, e aceio de pessoa, porque tudo isto faz, com que as Partes se envorgonhem, de pôr na mão a hum homem que por a-

aceiado se acredita rico, a mesma moeda que daria a hum trapalhão, ainda que outra tanta, ou melhor obra lhe fizesse, por ser a ordem do mundo *dar mais a quem mais tem, e menos a quem mais precisa*; e cá por fóra ainda póde vogar o barrete, e o chanber, que tapa muito remendo, e encobre muita porcaria.

§. V.

Para huma Cabeça de Comarca, não he máo, porque está hum homem livre dos comprimentos, e conhecimentos, e quanto faz, quanto recebe; mas por outra parte, lá aonde quer que a escolha recaia, preciso de casas, e cá tenho-as; lá precisa comprar-se tudo, e cá de alguma cousa se ajuda a gente, porque semêa as suas favas, entaboleira a sua Horta, com que de caminho se diverte, e faz a sua ceára, que bem que pouco dê, he hum como mialheiro, que a seu tempo se quebra; e os Amigos a quem não se acceita dinheiro dão em generos, e tanto vale por si o oiro, como aquillo, que com

el-

elle se merca: e além disto viver a gente, com quem o conhece, não he máo, para quem não se lhe dá de ser conhecido.

§. VI.

O que assim visto, com o mais dos autos, reflexões, e argumentos, por huma, e por outra parte, assentei pôr banca, e acordei no Tribunal da minha escolha, que fosse na mesma minha Patria: e logo para disto dar parte á minha *Josina*, chamei pelos meus *botões*, e começando a accommodallos pelas suas respectivas casas, como estava destrahido, e alvoraçado, enganei-me neste arranjamento, e veio o debaixo a ficar de fóra, e a casa de cima, sem a assistencia de seu competente morador.

§. VII.

Já sentado na cama, tomei a minha fungadella de esturro, e entrementes, participei aos meus *botões*, a fixa resolução, em que havia ficado de seguir a vida Letradesca, e que passava a arranjar o meu Escriptorio; Ouvi-

virão elles; mas hum dos da casaca, que na prática da noite antecedente, se havia feito moita, sahindo pela casa fóra, pedio venia muito submisso, e foi dizendo, o que vamos dizendo agora.

§. VIII.

Senhor meu, eu nunca me entrometti, nem me embaraço com as vidas alheias, mas a de Vm. he a unica que me dá cuidado: onze annos conto já, que ando com Vm. de casaca, em casaca, e por isso lhe tenho grangeado amor: assim penalisa-me, que não queira seguir a vida de Ministro, e a troque pela de Advogado, sem reflexionar que o ser Ministro, constitue o homem em outro gráo, nobreza, prestimo, e respeito. Vê-se que no termo em que exerce a sua Jurisdicção, faz a primeira figura: tem a liberdade, ou a toma, de encarcerar, e dar soltura: e as suas decisões são as que vogão, sem que hum letrado tenha outro remedio do que estar por ellas: e por mais que se esfalfe, por mais Leis, que cite, por

por mais Doutores que allegue, e por mais estilos, e usos que amontôe, tudo vale dous caracóes, em elle se pondo de acordo diverso: e então para que quer Vm. que lhe fação, o que póde fazer aos outros?

§. IX.

Depois de eu ponderar estas reflexões, em novo estilo, respondi ao *botão* velho: Amigo, nem tudo o que luz he oiro. Hum Juiz para ser Juiz, he-lhe preciso ser Letrado; e hum Letrado para ser Letrado, não carece de ser Juiz; assim como tambem hum Juiz para ser bom, necessita todas as qualidades de hum Advogado, mas hum Advogado, para que bom seja, não lhes são essenciaes as que são relativas ao Juiz: Quanto ás honras não póde negar-se, que o emprego de Juiz seja mais alto, pela sua representação; mas não na essencia, porque o Gráo he o mesmo, dão-lhe as mesmas Cartas, e goza de iguaes privilegios. Jesu Christo julgando a causa de Susana, e d'outros, foi na Cruz

Advogado do mundo inteiro: a differença está em que o Juiz obra decidindo, o Letrado obra requerendo; o Letrado pede justiça, o Juiz ou a dá, ou a nega; mas o Juiz não liga o Letrado, e o Letrado liga as mãos do Juiz.

§. X.

Todas estas cousas, ao que parecem, são muito fóra do nosso caso; mas eu que cogito no futuro nada quero perder de vista: quiçá que em tudo me não atraiçoe o meu rabugento destino: Assim, e por incurtar razões quero ser Advogado, porque espero lucro, e não quero ser Juiz, por não abundar em honras, e trasbordar facilmente de escrupulos, incommodos, e responsabilidades; tenho resolvido, e d'aqui ninguem me arranca.

§. XI.

Elle aínda instou, dizendo-me: „ e Vm. sabe se terá Partes, que o „ procurem, e se fará grandes vanta- „ gens, ou sequer as precisas para o „ seu fim? „ Eu então lhe retorqui algum tanto enfadado: Ainda que ou-

tra

tra cousa me não acontecesse, bastava-me não sentencear; e pelo que respeita a Constituintes, os primeiros avisarão os segundos; se bem se derem alguns, muitos mais virão; e se mal, poucos, e finalmente nenhuns. Nisto fico; e desde agora, senhores *botões*, lhes imponho silencio, e sem licença expressa lhes védo qualquer pergunta; amuarão-se, e eu fui discorrendo sobre o caso.

§. XII.

Agora, fallava eu comigo, he preciso fazer apresentação de minhas Cartas em pública Audiencia; arranjar os meus Livros em estante, que ainda não ha, e abrir-me em Escritorio franco, para o que der e vier: Como porém estava vivendo em casa de minha Tia, e nella tambem vivia, e vive José Garcia Botelho, que então era, e ainda he hoje Tabellião do auditorio, vinha a implicar hum Letrado com Escritorio na casa do Tabellião, maxime, sendo contraparentes, e passaros de natureza que não se ajus-

tão bem na mesma gaiola: antes he o ordinario, ralhar o Letrado do Escrivão, e badelar o Escrivão contra o Letrado: mas como tinha acontecido, que meu Irmão o Padre Manoel Leonardo, havia sahido da casa Paterna, e habitava humas boas casas, e aptas para o negocio; para sua companhia fui arranjar o dito meu Escritorio, e assentar com elle sociedade interina, em que facil, e brevemente se assentou, porque eu sou facil de condescender, e o sangue não precisa ser rogado.

§. XIII.

Fez-se, e assentou-se a Estante; povoou-se de Livros de toda a casta, apresentou-se huma banca muito grande com seus pés torneados, e que tinha já servido a hum Letrado, que falleceo pelo Terremoto, e então fui eu por casa dos Escrivães gandaiar feitos de diversas naturezas de causas para me ir mettendo pela ordem do processo, e modo de preparar as acções, combinando isto com o sentir, e conce-

celho dos meus Praxistas, e consultações com os mais instruidos; e logo que justa, ou injustamente me persuadi haver adquirido as sufficientes tinturas me apresentei denodadamente com as minhas Cartas na Audiencia de 23 de Dezembro de 1789, como constará dos Portacollos; e assim me fiz ver dos Litigantes Letrado novo, e na fórma do costume, tomei no Auditorio o lugar que me competia.

§. XIV.

Eis-aqui como se passou tudo na verdade, e sem tirar, nem pôr, até eu entrar nesta occupação, chamada por todos muito honrosa, e muito util ao público, quando se exerce pelos principios da probidade, fins da Justiça, e não pelos principios, meios, e fins da protelação, e caballa: porque se huns são a doçura, e escudo dos povos, os outros são os verdugos, e peste da Republica: e eu protestei desempenhar-me do modo que as minhas forças o permittissem, e trabalhar por adquirillas para isso sem pou-

par-

par-me a trabalho, que concorresse para entrar na boa intelligencia das Causas de que me encarregasse, fazendo a prudente selecção daquellas, que devia acceitar, e das que devia rejeitar: razão esta, porque adverti logo aos Escrivães me não acceitassem, ou lavrassem Procuração em autos, sem meu consentimento expresso, e nisso ficamos.

§. XV.

Estando eu no dia seguinte muito repimpado á minha banca, com a casa toda muito enfenada, suas cadeiras de moscovia, e com pregaria, que tinha sido doirada, vi pela vez primeira entrar hum botas pela porta dentro, perguntando pelo Sr. Doutor (ora não escandalize, porque ainda que verdadeiramente o tratamento de Doutor compita aos Graduados, temse introduzido dar este nome aos Bachareis-Formados, logo que usão das suas letras) disse eu: temos Constituinte, e não me enganei; mandei-o chegar, e sentou-se; vamos ao que he o bom e o bonito.

§. XVI.

Duas cousas attendiveis ha nesta minha estrea, huma ser o homem gago, e a outra ser o caso sobre hum burro! Que bons annuncios, exclamo eu, que bellos persagios para quem entra em hum modo de vida para que se requer maduro juizo! Confesso, Leitores Amigos, que me dei a perros, e estive para mudar de tenção! e de certo o faria, se não fosse fraqueza desistir do começado, e perder a gloria de estar todos os dias vendo a minha Josina! mas não me podia fogir da lembrança ser o primeiro Constituinte gago, e o caso primeiro hum burro morto! e então com a desesperação, em que elle a atassalhar palavras me gritava que queria huma Devassa, accrescentando, que o Barbeiro, Alveitar, e Mestre de meninos da sua terra lhe tinhão dito, que o matar qualquer animal era maior delicto, do que matar hum homem.

§. XVII.

Tirei-lhe, com muito custo, esta scis-

scisma da cabeça, e regulei-lhe o caso, pela Lei Aquillia: mas para fazer a cousa mais pomposa, comecei a deitar livros abaixo, destes machuxos gordos, que já se vendem a pezo, e que servem de documentos da barateza do papel naquelles tempos; arregalando humas vezes os olhos, outras suspendendo as sobrancelhas das rugas da testa, e passando a dobrar papel, lhe fiz o preciso requerimento: e foi esta a primeira vez que recebi dinheiro ganhado por meu Officio letradesco: erão seis vintães, benzi-me tres vezes com elles, e logo os appliquei para huma Missa a S. Francisco Xavier Apostolo das Indias, para onde devem ir muitos Letrados, e para não sahirem de casa, dei-os a meu Irmão, que a disse no outro dia; e eu lha ouvi, com a devoção que estava nas minhas forças.

§. XVIII.

Destes e de outros que taes fui eu tendo muitos casos, que me fizerão entrar no verdadeiro conhecimento, de

que ha homens tão namorados de pleitos, que para que estes não lhes escapem estudão enganar os Letrados com equivocas, e maliciosas informações nas propostas, para que estes lhes achem sempre huma pegadilha, pela qual lhes não dem logo hum absoluto desengano, ou ao menos (por não andarem de porta em porta) lhes não neguem o patrocinio da causa, até ver a materia com que a Parte se defende, offerecendo-se assim, e compromettendo o Advogado a sahir a campo, para brigar com hum Gigante, ou com o Pantana.

§. XIX.

Elles promettem para prova do que dizem, o fiel testemunho de todos os seu vizinhos; mas abertas e publicadas aparece que os seus vizinhos produzidos, disserão o contrario do que elles fizerão articular: e disto fui vendo tambem, que poucas vezes se reconhece a verdade que pende de Testemunhas, senão a final; e neste mesmo caso.

§. XX.

§. XX.

Vem o feito, examina-se, falta a prova; aconselha-se a desistencia da Causa, com o pagamento das custas, para que estas não cresção, nada de novo, não se consegue este passo prudente, porque o espirito demandatriz o leva a outro Patrono, aonde ralhando muito do primeiro o faz réo da ommissão de mais isto, mais aquelloutro, ou se lembra de mais esta e mais aquella circunstancia, que nem disse, nem houve, nem ha; o que tudo desafia huns Embargos, que a final igualmente se não provão, e fundamentão a confirmação do julgado: pois isto mesmo que havia fazer o desengano, accende o fogo, e faz indefectivel huma Appellação, e no fim de tudo, tantas pragas tem o primeiro Patrono, como o segundo, se não recahe tudo sobre o Juiz, e Procurador agente, porque o Escrivão esse escreve o que lhe mandão; ainda que elles tambem dizem:
„ Boa demanda, má demanda, sempre
„ o Escrivão pela minha banda. „

§. XXI.

§. XXI.

Aconteceo-me estar hum dia no meu Escritorio, e vir hum homem muito enfiado com huma papelada debaixo do braço, e dizer-me espantado de raiva: » Senhor Doutor, muita ve-
» lhacada vai pelo mundo! já não ha
» em quem a gente se fie! O Escri-
» vão por ser compadre da Parte, co-
» mo soube agora, e o meu Procura-
» dor porque se vendeo á mesma Par-
» te, deitarão-me esta causa pelos ares:
» tive sentença contra mim: Quero
» dar conta a Vm. que me criminá-
» rão por damninho, e isto então não
» tendo eu nem gallinha, nem porco,
» nem ovelha, nem vacca: está muito
» bem feito, tirei Seguro, alleguei
» tudo isto, dei Testemunhas, e por
» fim de contas, escarranchão-me esta
» Sentença, e ahi me condemnão, não
» sei em que, porque quem ma leo
» não entende bem destas cousas: a-
» cuda-me Vm. a esta injustiça, que
» eu saberei agradecer-lho: e olhe que

» se

„ se tiver lugar, quero dar fogo ás
„ Testemunhas por juramento falso. „

§. XXII.

Lancei mão dos autos, mandei-o sentar, e examinando-os achei, que por elles com effeito se provava que o homem não tinha animal de seu, com que pudesse ser damninho, mas provava-se de plano, que o damninho era elle mesmo; pois que pela vizinhança não havia fruta em ramo, repolho em horta, pavea em terra, e maçaroca em eira, que elle não dizimasse primeiro que o Prioste; á vista do que, lhe disse: Homem, a sentença está conforme com o allegado, e provado; e você engana-se, porque não foi condemnado por damninho com os seus animaes, foi condemnado por damninho por si mesmo. Li-lhe as Testemunhas que elle mesmo tinha produzido, e a cada huma dizia: „ Esse homem he o maior velhaco, bebado, „ e trapaceiro que ha na Freguezia: então, lhe instava eu, para que deo

por

por Testemunhas da sua verdade pessoas tão defeituosas? Porque, tornoume elle »» porque assentei não serião »» capazes de mentir, mas que ha-de »» ser comprarão-nos com copos de vi- »» nho. »» Escusei-me do patrocinio, e sahindo, e pagando-me, me disse que hia procurar outro, pois que tinha conhecido que eu tambem já estava peitado.

§. XXIII.

Com que destes e d'outros casos semelhantes podia eu encher longas paginas, pois não forão apparecendo poucos pelo tempo adiante; mas dêmos de mão ao que tão frequentemente succede, não só porque nos nossos dias poucas pessoas ha que não tenhão uso das casas dos Advogados, salletas dos Juizes, e escadas dos Tribunaes, pela razão de que poucos contractos surtem hoje o devido e compromettido effeito, sem que intervenha a Justiça; o que me fez e faz muita conta, pois que forão concorrendo Partes, e eu vi

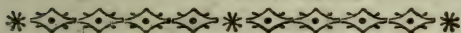
que

que já tinha meios para a comida, vestuario, e outros arrebiques, que com as ajudas de custo dos Amigos velhos e novos, já facilitavão o ver-me na posse do que tanto desejava.

§. XXIV.

Eis tendes o estado das minhas cousas, e mesmo á risca o modo com que me entaboleirei: e como a pezar de andar enfrascado em Libellos, Cotas, Excepções, e o mais desta natureza, e atrefado com Ordenações, Extravagantes, Assentos, e Doutores, nunca perdi o amor ás Musas, affeição á Guitarra, e amorosa afferração á minha Josina, e a sua vista e conversação sopravão as lavaredas do affecto, e como tudo influia no fogo poetico, sempre nos intervallos, serões, ou dias desoccupados fazia os meus versinhos, com que a entretinha á Guitarra, e adoçava o tempo, em quanto se não amoldavão as cousas, até nos ligarmos no appetecido laço. Entre outras obras de que

não

não fiz reserva, escaparão as seguintes Lyras, as quaes compuz durante o anno primeiro da minha rabulice, e que bem folgo haver guardado para agora poder fazer-vos dellas o presente que presentemente faço.

AS LYRAS.

LYRA I.

A trança.

JOsina na margem verde,
Por onde rugindo passa
O claro fresco regaça,
Buscando o vizinho mar;

A' sombra de largo freixo,
Pela tarde se assentava,
E, em quanto o gado relvava,
Poz-se a trança a Pentear.

Do

✻

Do laço, em q'andavão prezos,
Os finos, loiros cabellos,
Cahirão, como em novellos,
Nas costas a rebollar.

A linda, airoza cabeça,
Inquieta saccodindo,
Os fez de si desunindo
Ir nos ares fluctuar.

✻

Os Zephyros que adejavão,
Plantas e flores libando,
De manso as azas pulsando,
Forão com elles brincar.

Era hum gosto vellos soltos,
Em voltas desencontradas,
E a Nynfa co'as mãos alçadas,
Sem os poder ajuntar.

✻

Té que nas placidas aguas,
Aonde o Rio fazia
A modo d'huma bacia,
Em q'o vento não vai dar;

Bem

Bem como em fiel espelho
Vendo o rosto, vendo a trança
C'oa dextra os bucles alcança,
E os vai n'esquerda enfeixar.

❊

Tira da bolsa de arminho
Lizo pente, prenda bella
De quem só morre por ella,
Desde que a pôde avistar.

Quando na trança revolta
Alvos dedos o mettião,
Do Sol aos raios se vião
As luzes accrescentar.

❊

Depois que teve arranjada
Sua madeixa esparzida,
Pela campina entretida
Varias flores foi cortar.

De boninas, de açucenas
Urdio formosa capella,
Cingio a frente com ella,
E foi seu gado buscar.

Ternos Cupidos, que ao longe
Josina bella espreitavão,
Mas tímidos não ousavão
O seu descanço turbar.

Apenas d'alli partio
As leves azas pulsando,
Vierão lédos buscando,
Tão venturoso lugar.

Os fios d'oiro, que o pente
Deixou na margem quebrados,
Forão os moços alados
Soffregamente apanhar.

Com elles afoutos jurão
Maneatar o mundo inteiro,
Que suave cativeiro
Em quem ella os empregar.

****

LYRA II.

Os olhos.

ESte o sitio memoravel,
Em que benigna a ventura,
De teus olhos a luz pura
Me deixou, Josina, ver.

Eu cuidava quando os via
Rutilando meigamente,
Ser o Sol, que no Oriente
Começava a fronte a erguer.

✻

De seus lumes fiquei cego,
E cego de tal maneira,
Que outros olhos que mais queira,
Nunca mais tornei a ver.

Os meus de olhallos cativos
Inda de pranto banhados,
Dão-se por bem algemados,
Não se querem desprender.

✿

Quem verá teus olhos bellos
Com expressiva ternura,
Que não tenha por ventura
Em suas luzes arder.

Quem verá seus movimentos
A hum tempo arquejando o peito,
Que por elles satisfeito
Não queira de amor morrer.

✿

Josina, teus olhos lindos,
Donde os risos meigos chovem,
Inda que mudos se movem,
Tudo me sabem dizer.

Ou fictos no Ceo sereno,
Ou postos na terra dura,
Expressão ardente e pura
Delles vejo desprender.

✿

Tu sem fallar dizes tudo,
Gentil e meiga Josina,
Parece que Amor te ensina
Novo modo de dizer.

Quan-

Quanto n'alma, ó Nynfa sentes,
Seja d'amor ou não seja,
Bem que a bocca nem boqueja
Nos teus olhos se vai ler.

Meigos, como quasi sempre,
Infundem suave gosto,
E languidos sem disgosto
Fazem tudo enternecer.

Alegres a tudo alegrão;
Dão vida girando vivos,
Dessaboreão esquivos,
Irados fazem tremer.

Raião no Ceo alta noite
As coruscantes Estrellas;
Mas perdem as luzes bellas,
Mal q'a Aurora vem nascer.

Os olhos das outras Nynfas,
Se vaidosos resplandecem,
Logo que os teus apparecem,
Começão de escurecer.

Quan-

Quantos os vem, quantos ardem,
Por de mais perto avistallos,
Desejão todos achallos
Com piedoso volver.

Mas elles bem tem mostrado
No meio dos cubiçosos,
Que unicamente piedosos
Só comigo sabem ser.

Nem esplendor, nem riqueza,
A sua viveza atiça;
Nem ver-me pobre os eclypsa,
Sempre estão no mesmo ser.

Invejosos não teimeis,
A minha Josina bella,
Em feliz, ou triste estrella,
A mim só me sabe ver.

LY-

****

LYRA III.

As faces.

INda, Josina, me acordo
Daquelle primeiro instante,
Que afflicto balbuciante
Te entrei a fallar d'amor.

O' como nas tuas faces
Engraçadas e formosas,
Dos rubros cravos, e rosas
S'espalhou a mesma côr.

Tuas faces tem por guarda,
Armado sisudo pejo,
Que só permitte ao desejo
Vêllas, mas sem as tocar.

Desmaiadas, ou accezas,
Segundo a causa diversa,
São do que n'alma se versa
O mais fiel mostrador.

Pa-

✻

Parece que a natureza,
Quanto em seus thesouros tinha
Juntado, com mão mesquinha,
De tudo lhe fez favor.

Deo-lhe na tez delicada
Toda a alvura dos jasmins,
E o vermelho dos rubins
Em realce lhe foi pôr.

✻

Ah bella gentil Josina!
Na tua mimosa face,
Parece que o sangue nasce,
Que ás rosas mudou a côr.

Até mesmo desmaiada
Por motivo penetrante,
Não deixa de ser gallante
No meio da sua dôr.

✻

Se o riso festivo as move,
Certas covas se abrem nellas,
Tão lindas de si tão bellas,
Que pedem morrer d'amor.

As Graças ligeiras correm
Para morada tão boa,
E anhelando a ella vôa
O desejo abrasador.

❁

Se na contenda das Deosas
Tua face apparecêra,
Talvez que outro voto dera
Da belleza o julgador.

Perdoe a formosa Venus,
Essa antiga vencedora,
Porque nos dias d'agora
E's tu a Venus melhor.

❁

Tuas faces tudo encantão,
Mas que muito que assim seja,
Se as Nynfas mortas d'inveja
Não desmentem seu louvor.

Huma exalta o ar formoso,
Outra a modestia, outra os risos;
Mas conformão-se os Juizos,
Quando se trata da côr.

Ca-

Cara Josina, bem vejo,
Que sou dos mais invejado,
Quando teu modo engraçado
Se decide a meu favor.

Todos m'observão zelosos,
Quando me fallas contente,
E nas faces de repente
Mostras riso encantador.

Mas que val se a face tua
Alva, rosada, e sizuda
Não se retrata, não muda,
Inda que mude de côr.

Mal que a vi, morri por vella,
E teu peito generoso
Ostenta tornar ditoso
O seu terno adorador.

****

LYRA IV.

A bocca.

NÃo sei que tenho comtigo,
Josina, que quando fallas,
Tu enterneces, aballas
O meu fiel coração.

N'um tom de Sidonea frauta,
Por entre dous vivos cravos,
Sahe mais doce do que os favos
A tua doce expressão.

❀

Do Hibla as loiras abelhas
Seu vôo leve torcendo,
Vierão, flores colhendo,
Na tua bocca pousar.

A tua bocca discreta
He rara, ou vista, ou ouvida;
Quem a consegue na vida,
Que ma is tem que desejar?

A natureza empenhada
Para os labios lhe formar,
Foi rubro robim cortar,
E fe-los deste robim.

Quando os risos vem por ella,
Sem carecer que se dobrem,
Logo dentro nos descobrem
Duas fillas de marfim.

Pendem d'ella as Graças todas
O seu halito gostando,
E os amores adejando
Lhe querem osculos dar.

Mas a candida virtude,
Guarda da sua belleza,
Não consente que a pureza,
Nem amor lhe vá manchar.

Se ella entôa o doce canto
Nas florestas do Regaça,
Toda a Aldêa se alvoraça
Para o doce canto ouvir.

Se te ouvíra o Grego astuto
A cantiga feiticeira,
Talvez que a sua carreira
Não chegasse a concluir.

⁂

Es, na voz Serêa maga,
Nas fallas Musa divina;
A tua bocca, Josina,
Faz de tudo quanto quer.

Se cantas, a tudo encantas,
Se fallas, as almas rendes,
Aos ventos as azas prendes,
E os rios fazes deter.

⁂

Quando sisuda no braço
Encostas a frente airosa,
He ella hum botão de rosa
No tempo de rebentar.

Quando ris, a linda bocca
He como a rosa tambem,
No tempo que a Aurora vem
Suas folhas borrifar.

Ha-

⁂

Habitão nella os sorrisos,
Tem nella asylo a verdade,
Nem huma só falsidade
Sôa na sua expressão.

Fiel aos teus sentimentos
Virtuosa, e não fingida,
Só articúla movida
O que dita o coração.

⁂

Josina bella, não temo
Na minha sorte mudança,
Pois he mais do q' esperança
Dizer, que morres por mim.

De meus rivaes invejado
Heide viver satisfeito,
Até que junto a teu peito,
A minha vida dê fim.

LY-

****

LYRA V.

O collo.

SE tuas tranças, teus olhos,
As faces, e bocca linda
As almas encantão, inda
Tens mais dotes d'encantar.

A quem te avista, Josina,
Arrebata o modo airoso,
Com que o collo magestoso
Sabe tudo sustentar.

Em devidas proporções
De divina arquitectura,
A nossos olhos figura
Huma clumna de crystal.

A vista quando o consulta,
Lhe dá por termo fiel
O rosto por capitel,
O peito por pedestal.

Quan-

Quando em ar airoso, e lindo
Sobre si mais se levanta,
A farta, bella garganta
Faz de realces dobrar.

A hum lado e outro virando,
Segundo seus movimentos,
As vistas, os pensamentos
Igualmente faz virar.

De seus collos outras Nynfas,
Invejando-lhe a belleza,
Procurão da natureza
Os defeitos encobrir.

Alvas perolas do Ganges
Lhe põe em rico adereço,
Querendo que possa o preço
As suas faltas supprir.

Mas o teu collo, Josina,
Sem rico enfeite, ou adorno,
E hum simples cordão em torno.
Excede o collo das mais.

De

Debalde as outras estudão
Imitallo, que o vencello
Só podem Deosas fazello,
Não cabe em forças mortaes.

✿

Os rubins e os diamantes,
E as per'las pranto da Aurora,
Ao collo de outra Pastora
Sublime preço darão.

Mas se no teu os pozerem,
Por alvo airoso, e galante,
Nelle o rubim, e o diamante,
O seu preço dobrarão.

✿

Diz-se que a Egypcia formosa
Teve hum collo peregrino,
Que fez ao valor Latino
A fera altivez dobrar.

Tambem por seu collo airoso
Se diz, que a bella Campaspe
Fizera junto ao Idaspe,
Ao Grego a espada prostrar.

*

Mas se o Grego Capitão,
E esse grande Heroe Latino
O teu collo peregrino
Pudessem Josina ver,

Eu fôra então desgraçado,
Eu morrêra então de dor,
Pois sabendo ter amor,
Não sei as armas mover.

*

Lindo Collo de Josina,
A que os desejos se lanção,
Aonde as graças descanção,
E com quem se abraça amor,

Hymeneo permitta unir-nos
Em tão suspirado laço,
Porque só n'um teu abraço,
Irei a Rei de pastor,

****

LYRA VI.

Ó Peito.

DE que valêra, Josina,
Toda tua formosura,
Se fosses de peito dura,
E vária de condição!

Huma estremada belleza
Não faz nas almas effeito,
Se não tem hum terno peito,
E nelle hum bom coração.

O' que de lindas pinturas
Com vivas galantes côres
Tem feito doutos pintores,
A que os olhos honras dão!

Mas estes divinos quadros,
Que são o pasmo da gente,
Ferem os olhos sómente
Sem outra alguma impressão.

❦

Para qu'a alma se arrebate
D'amor no suave effeito,
Precisa encontrar hum peito,
Em que arda a doce paixão.

Não só que bello se mostre,
Mas que expressões escutando
Dê a reposta arquejando,
Sem carecer de expressão.

❦

Teu peito alteado e farto,
Bello como o de Cythera,
Sem ternura não fizera
A minha viva paixão:

Mas seus justos sentimentos,
Desinteresse e amor,
De seu raio abrazador
A Jove desarmarão.

❦

Por teu peito as graças trepão,
E nelle os meigos Cupidos,
Docemente adormecidos,
Se esquecem de seu farpão,

Mas

Mas se anciada suspiras,
Vendo teu peito arquejar,
Todos para te vingar
Erguem as settas do chão.

❦

Hum afflicto te pergunta;
Porque suspiras, Josina,
Outro que mal te amofina,
Qual he da pena a razão?

Tu sincera lhe respondes;
Segundo amante imagino,
Lembrou-me agora Francino,
A quem dei o coração.

❦

Esta a prova da constancia,
Pois menos préza o segredo,
Só porque o justo tem mêdo
Cahir na simulação:

Outro fôra que o negasse;
Mas vê bem não ha temor,
De confessar-se ao amor
Amorosa inclinação.

Peito que ama mal seguro
Da causa porque podece,
O seu erro reconhece,
E treme de confusão.

O teu, certo do motivo,
Por compensado e por justo,
No rosto não mostra susto,
Nem vacilla n' expressão.

Lindo peito do meu bem,
Thesoiro rico em belleza,
E de quanto a natureza
Espalha com farta mão

Os olhos que te desfrutão
Tem do teu bello o menor,
Por quem arquejas d'amor,
Esse he mais que os vivos são.

****

LYRA VII.

Os olhos proprios.

SE meus olhos não devêrão
A' benigna natureza
Aquelle fogo, e belleza,
Com qu' outros vejo luzir,

Devem-lhe, minha Josina,
Huma vista clara e pura,
Com que a tua formosura
Sabem fieis distinguir.

Com elles gozo das luzes,
Que brilhão no Ceo sereno;
Com elles o campo ameno
Vejo de flores bordar,

Com elles observo as ondas,
Que solta o mar nos escolhos,
Com elles vejo teus olhos
Entre os mais olhos brilhar.

Os

✿

Os meus olhos dão-me o gosto
D' espreitar o Sol nascendo,
E de o ver depois mettendo
O carro ao salso crystal:

Ah se não forão meus olhos,
Mal podia ter idéas
De tantos dons, que ás mãos cheias
Te deu o Ceo liberal!

✿

Mimoso prazer da vista
Creadora dos amantes,
Que venturosos instantes,
Teus movimentos nos dão:

Podes alta fantazia
Dar soccorros lisongeiros;
Mas prazeres verdadeiros
Teus soccorros nunca são.

✿

Qual pasmada borboleta,
Junto da luz revoando,
O seu reflexo buscando,
Sem poder-se resgatar;

Tal

Tal a minha vista errante
Por teu rosto feiticeiro,
De teus olhos no luzeiro
Se vai por gosto abrazar.

❁

Eu devo ao lume dos olhos
Aquelles suaves gostos
D' observar sobre os mais rostos
O teu, que vantagens tem.

Se no dia cego fôra
O Pastor que decidia,
Que triunfo cantaria
Entre as mais d'amor a Mãi?

❁

Se elle sómente escutasse
As promessas abastadas,
Pelo pomo desveladas,
Que Jove lhe pôz na mão,

De certo Juno vencêra,
Ou talvez vencêra Pallas;
Mas as vistas, não as fallas
Tocárão seu coração.

Jo-

Josina, por desengano,
Té a minha alma deseja
Achar alguem que te veja,
E que não morra por ti,

Que eu por minha justa gloria,
E por seu opprobrio, então
Queria dar-lhe a razão
E as causas, porque morri.

Se dizem que Amor he cego,
Nem tão cego o fação todos,
Elle vê e por mil modos,
Porque de mil sabe olhar;

Talvez de mim nasça tudo,
Ou nasça de ti tambem,
Pois vez em mim o teu bem,
E eu em ti quem devo amar.

§ XXII.

Ella ainda que muito gostava de versos, a modo, que tinha pejo dos seus elogios; e algumas vezes me disse, que se lisongeava de me agradar; mas que me dispensava de fazer alarde de sua formosura e prendas, pois via, que estas só existião na minha imaginação apaixonada, porque em si as não soppunha: eu instava por iguaes principios, e certificava, que da sua mesma imaginação procedia o fazer de mim tanto apreço, pois bem reconhecia o meu pouco merecimento. Estes erão os nossos entretenimentos, e coloquios: e deste modo fui pelo seguinte, despachando feitos, e arranjando as minhas cousas da maneira e modo, que o tempo, e as circunstancias o permittião, tendentes a nossa suspirada união, compuz os seguintes Idylios, por não deixar de fartar o meu genio, e não estar sempre occupado com *Provarás*, com *Itens*, com *diz Fuão*, *Replica Sicrão*, e outras cousas deste calibre.

IDY-

IDYLIOS.

I.

HUm Gigante imperioso,
Sobre ruinas sentado,
Hum braço lança ao futuro,
Outro firma no passado,
De seus estragos
Maravilhado.

✿

N'uma das mãos alça a fouce,
N'outra o relogio suspende;
Ora encolhe as longas azas,
Ora no ar as estende;
E com seu vôo
A tudo offende.

✿

Humas vezes se corôa
De rubras nascentes rosas,
Outras de louras espigas,
Outras de parras viçosas,
Que avaro apanha
Co' as mãos nervosas.

Ou-

❀

Outras vezes teritando
Arrepiado, amarello,
Curvado á ardente fogueira
Lhe goteja o ruço péllo;
Desfeita a c'roa
De branco gêllo.

❀

He este Gigante o Tempo,
Que em seu giro não descança,
E huns d' esperanças despoja,
Outros nutre d' esperança
Sempre inconstante
Nesta balança.

❀

Taes somos, Josina, bella,
Qual este mesmo Gigante,
Com elle, sem o sentirmos,
Mudamos de instante a instante.
A suspendello
Nad' he bastante.

❀

A principio somos flores,
Depois o fruto apparece;
Colhe-se o fruto que logo
Entre as mãos se desvanece!

No-

No maior gosto
Tudo fenece.

✻

Estes risos inquietos,
Que bolem no nosso rosto,
Se agora estão no seu Meio,
Ha de vir-lhe o seu Agosto;
Depois o Inverno
Do seu desgosto.

✻

Os annos quatro Estações
Em si differentes tem,
Pois pelas mesmas pisadas
Caminhamos nós tambem:
No mesmo ser
Não ha ningem.

✻

Ao riso segue a tristeza,
Ao ardor da mocidade
Aquelle gêlo que vem
Cahir na caducaidade,
E que entorpece
Nossa vontade.

✻

Seccão-se os troncos e tornão
A verdura á recobrar;

Só a verdura dos annos
Nunca torna a arrebentar;
Não pôde a idade
Atraz voltar!

❦

Aproveitemos, Josina,
O tempo que vai voando;
As flores do nosso Maio
Cedo se irão desfolhando,
E pouco a pouco
Se irão seccando.

❦

Move a meus olhos teus olhos;
Estuda nos movimentos,
Que eu nelles soletre ás claras
Teus occultos sentimentos,
Filhos de amor,
D' engano isentos.

❦

Não desses envenenados
Por corrupção, e maldade;
Sim desses que amor engendra
D' huma sincera amisade,
Cousa tão rára
Na nossa idade.

✿

Amar nunca foi defeso,
Como pensa a gente rude;
Amor ha que todo he crime,
Amor ha que he só virtude;
Hum dos prazeres
O outro illude.

✿

Amemo-nos, como he justo,
Em quanto o permitte amor;
Pois não podemos ao tempo
Dever hum tempo melhor.
Josina, abraça
O teu Pastor.

****

IDYLIO.

II.

JA' no Oriente rutila
A Aurora, e co' a mão rosada
Enfrêa a Phebo os Ethontes,
E lhe mostra a curva estrada.

A Por

Por onde desça
A' sua amada.

❦

As aves, em terno côro,
De ramo em ramo saltando,
Estão-se no doce canto,
Como á porfia, ensaiando;
A Primavera
Annunciando.

❦

Surge, na roda do tempo,
Abril festivo, engraçado,
Das flores, que o campo bordão,
Airosamente toucado;
Ao vê-lo fólga
O monte, e prado.

❦

O brando Zefyro surte;
Já de flor em flor adeja;
A huma sacode o orvalho,
A's outras as folhas beja;
Para que Flora
Grata lhe seja.

❦

Alli, onde a fonte ruge,
Co's concavos das collinas,

O teu canto, por seus écos,
Filomela, triste affinas;
Assim aprendes,
E a amar ensinas!

✿

Nas verdes, e densas balsas
Teu semelhante enamoras;
Alli teu sentir lhe ensinas,
Thé na desgraça que choras;
E nos teus pios
Amor imploras.

✿

Elle o seu canto suspende,
Quando tu dos ramos cantas;
E quando elle a voz modula,
Tu da sua voz te encantas;
Indice d' ambos
São as gargantas!

✿

Pouco a pouco, e face a face,
Vos conduz o terno amor;
Achais-vos de hum mesmo talhe,
E as penas da mesma côr;
E repousais-vos
De igual ardor!

❀

Instincto da Natureza
Não só vos obriga a amar,
Tambem vos dita deixeis
Quem fique em vosso lugar;
Donde vem aves
Assim pensar?

❀

Já das palhinhas do campo,
Nos troncos, que então se enfolhão,
De barro, e pêllo fabricão
Ninho côvo, em que se acolhão;
Véde ao futuro
Como elles olhão!

❀

Alli junto o bico ao bico,
(Por occulta inclinação)
Se encontra de parte a parte,
Huma com outra paixão;
Quem dar-nos pode
Disto a razão?

❀

Corre o tempo; já despresão
Ir de raminho em raminho;
Já entrão de sentinela
Aos ovos no occulto ninho;

Quem lhes deo parte
De seu damninho?

❀

Chega a Sazão dos prazeres,
Quando, rôta a casca dura,
Conhecem seus descendentes,
Inda que em tosca figura.
E o mesmo Amor
Filhos os jura.

❀

Ah Josina, em quanto he tempo,
Sigamos esta Lição,
Que as aves na Primavera
Tão cuidadosas nos dão;
Ellas são obra
Da mesma Mão!

❀

A noite succede ao dia;
Finda a noite, o dia vem;
O vivo succede ao vivo,
Por lei suprema que tem;
Por nós deixemos
No mundo alguem.

❀

Com vistas sinceras, puras,
E dirigidas ao Ceo,

Na

Na voz, que Amor articúla,
Bradêmos por Hymeneo;
Faça-te minha,
Faça-me teu.

✿

Nessa posse, em paz serena,
Com dor dos nossos rivais,
Correremos as devezas,
Que herdarmos de nossos Pais;
Sempre contentes,
Sempre leais.

✿

Ora co' as rezes no monte,
Ora soltas pela herdade,
Veremos correr as horas
Em gostosa sociedade,
Unidas duas
N'uma vontade?

✿

Ah Josina, Amor lá desce;
Lá vem com elle Hymeneo,
Os nossos votos, por justos,
Escutou benigno o Ceo!
'Stás sendo minha,
E eu quasi teu!

§. XIX.

§. XIX.

Eis-aqui com que eu me entretinha, no segundo espaço do meu segundo anno de Letrado, que dá fixamente no anno de 1791, segundo a era do Salvador (não entrando com Olympiadas, Epactas, e Computos Julianos) que vem a ser o trigesimo quarto de meu ponderoso nascimento, porque, e com effeito, me deu minha Mãi á luz, ou ás escuras, no de 1757. agora quem tiver o vagar, que eu não preciso, faça-lhe a conta, que nem lhe peço.

§. XX.

Neste anno assim, e tão miudamente circunstanciado, foi o em que eu prefixei fazer o meu casamento: como a minha Mãi... assim chamei sempre, chamo, e chamarei á de Josina, ou Josefa; (porque o nome poetico fica daqui em diante só, e unicamenre para os versos; e para a proza, Josefa) era a unica, a quem por parte della se devia dar a parte desta

uni-

união, á falta, e grande falta de seu marido, e Pai, o sábio, e justo Miguel Ribeiro da Cruz, Desembargador, que se abalizou nas Cazas de Relação do Rio de Janeiro, do Porto, e de Lisboa, aonde faleceo com as mais claras, e evidentes provas de hum heroico desinteresse... fui pedir-lhe o seu consenso, com a parte competente.

§. XXI.

Ella, a quem Deos Nosso Senhor não fez, como algumas, que nós conhecemos, disse-me, que sim; mas que se lastimava de duas coisas: huma de não poder fazer pezo na balança do interesse, a que sempre aspirão os Noivos dos tempos novos; e a outra largar de sua conpanhia huma filha, que tanto amára sempre, e que sempre fôra os amores de seu Pai. E eis-me, senão quando, mettido em outra materia, toda diversa, e toda propria do

C A-

CAPITULO III.

§. I.

EStas duas razões de dúvida, que a minha futura Mãi me apresentou, cuidei eu, á primeira instancia, que vinhão com sorrelfa de politica, e que trazião de involta hum sim claro na companhia de hum não escuro; mas todos de casa me asseguràrão, que nem era comprimento, nem fingimento; porque sabião o levava em gosto, á excepção de ver de sua companhia apartar-se a sua Josefa; trazendo-me á lembrança o quanto ella era minha amiga, e o muito que me contemplava, e nisto não ha dúvida.

§. II.

Como das cousas, que eu podia querer do mundo, não houve outra que eu mais quizesse, do que este ajuntamento, depois de vários arbitrios as-

sen-

sentei no dia seguinte em dizer, (como disse) á minha Mai: ora minha Senhora, estão vencidas as duas difficuldades; porque quanto a Vm. não poder entrar nos meus interesses, e promover-me as vantagens que appetece, isso não he do caso, porque eu nunca fui interesseiro, antes vejo que se o rico passa bem ás vezes pela diversidade das circunstancias, não passa peior o que maneja huma regulada medianía: a Providencia olha sobre todos os individuos, e o pouco em paz, amor, e descanço, he melhor, sem comparação alguma, do que o muito em guerra, desconveniencias, e cançaços; e velho rifão temos, que nos amoesta, que a grande náo grande tormenta, e o outro que ensina, que Deos da sempre o frio conforme a roupa: nem Vm. desconhece alguns entre nós, que casárão, augurando fazer antes huma albergaria do que huma casa, e deixarão casas em vez de albergaria, e outros que já achárão casa feita, por seu desarranjo, e desmazelo, tornárão

as

as casas em albergarias: bem vio em seus, e meus dias o estado da Pegada, e da Comeira, e bem vê agora o rico feito da Comeira, e da Pegada! vimos, e vemos Palacios na Praça, e galerias para o adro de S. Pedro; e cedo veremos Tribunas para S. Martinho! com que, Senhora, não se desconsole, que a diligencia sempre foi a legitima Mãi da boa ventura: todos havemos ir vivendo, porque Deos não dorme.

§. III.

Quanto ao sentimento de vêr-se por isso privada da companhia de sua filha tem-me lembrado este meio, e Vm. dirá com ingenuidade se o approva; vem a ser: como estas suas casas o permittem, cá dentro d' ellas mesmas farei o meu commodo, e aqui viviremos todos, e passaremos, como Deos for servido, e segundo nossas possibilidades, porque, segundo D. Francisco Manoel, em huma de suas Cartas, li eu.

A-

Alli n' aquella enseada,
Seus filhos cria a Cegonha,
Com bichos, não marmelada;
Cria-os, como foi criada,
Passa a vida sem vergonha.

Pois ainda que seja systema approvado que casamento apartamento, eu me nego a este plano, só porque Vm. não passe pelo desgosto que me assegura, e eu mesmo teria por muito feia cousa, por tão pouco penalizar a quem pario, e creou aquella, que faz todas as minhas delicias.

§. IV.

Com isto se alegrou ella muito, e reconheci fixamente que de certo não tinha outro ressaibo á nossa união, o que não he tão pouco, porque nos dias em que vivemos, e mesmo já nos em que isto se passou, poucos casamentos se concluem a beneplacito de todos; pois se quer o Pai, não quer a Mãi; e se querem Pai e Mãi, não concorda hum Tio Clerigo, ou Frade, pelo que já entre nós só ha casamen-

mentos por tempo de Recrutas para o Exercito, e desta exposta maneira ficou justo o meu, pelo que pertencia a mim, e a ella, e a sua Mãi, e familia.

§. V.

Restava unicamente dar parte disto a meu Pai; e como elle sempre me teve em ultimo lugar, neste mesmo puz este dever de minha obrigação: entrei pois no seu Escritorio, tomei a benção; e depois de fazer cama ao recado, como se faz á fructa, para que não apodreça, lhe disse: Ora, Senhor, dou parte a Vm. de que estou resoluto a casar-me, no caso que Vm. me não dê razão, porque deva absterme desta tenção: aquí tirou elle os seus oculos, e me disse = aposto que adivinho quem he a noiva. Vejamos se acerta, lhe disse eu: vai elle e torname, he aquí a Vizinha D. Josefa: não ha dúvida, disse eu. Pois, continuou elle, se tu estivesses em circunstancias de eu dever casar-te, e me deixasses a noiva a minha escolha, eu não te

e-

elegaria outra, pois tal he o conceito, que della faço: mas como Pai, sempre te farei as minhas reflexões.

§. VI.

O Matrimonio foi o estado, que Deos deu ao homem; esta inclinação social, e o amor de cada hum se reproduzir na sua especie até se acha consentanea com os outros animaes, em qualquer das suas diversas classes. Para ser bom, basta-lhe o seu Bonissimo Author; mas na ordem do mundo, e depois da desobediencia, e augmento de trabalhos, que a creatura, gostosamente para si acarretar, he este preciso estado, huma rosa engraçada, brilhando no seu rosal no tempo da Primavera; mas com o fixo dezar, que rarissimas mãos a colhem, que nella se não espinhem: bem vês a sinceridade com que te fallo, mas tudo deixo tambem ás tuas reflexões, e passemos a outro ponto.

§. VII.

Eu .. (continuou o bom de meu Pai) casei-me em abundancia; esta su-

subio, tive vantagens; e o sol que então me aquecia, dava ardente calor a meus projectos: pois não obstante tudo isto, tive desgostos, passei penas, e resvalei no estado, em que me vejo, e como Deos se dignou dar-me muitos filhos, me encontro reduzido ao ponto de não poder-te ser bom; em huma occasião, que he crítica: e ouve mais, me disse elle, e dizendo foi.

§. VIII.

Tu não tens azado estabelecimento; a mulher que escolheste, he muito boa, mas neste ponto acha-se em iguaes circunstancias; e por isso tomarias talvez melhor expediente, agenciando huma com soffrivel dote, ou que então a quereres deixar o teu gosto ao teu gosto, desses tempo a que o tempo, e o teu trabalho, ou fortuna, te realizasse o Estabelecimento que infallivelmente precisas, e em que eu não posso ser-te favoravel. Deves lembrar-te, que a principio tudo vai bem; mas adverte que depois vem os filhos! os affagos tambem desbotão, e por fim per-

perde tudo a sua côr nativa! Ha de chorar preza a tua liberdade! Gemer, quando ouvires que os teus gemem; chorar muito com teus filhos, e poucas vezes rirás com elles! as suas doenças, serão doenças tuas, e a sua saude fará parte dos teus incommodos! aqui fez, como reticencia, e rematou com isto; ao mesmo passo que no estado de solteiro, estás livre de tudo que te pondero, e do mais, que ao certo te ha de apresentar a experiencia, sem que seja preciso, que discorrão muitos annos: isto, pondo a mão no peito, disse elle: he o que te advirto, sem querer coartar-te a tua vontade; mas ouve mais estoutro:

§. IX.

Não te persuadas, que sempre te ha de durar a mesma paixão, que sempre has de ver a mesma amisade, e extremo, da maneira que agora se te pinta; não ha cousa que não mude, e muito principalmente em materia, aonde, por ser o dever de dois, cada hum rema para sua banda, sendo de

Jus-

Justiça, que iguaes forças conduzão o jugo á meta de seu fim devido. Com que, homem, (continuava o velho) assenta bem comtigo, porque eu da minha parte não tenho razão, com que me ponha em nega, além destas reflexões, de que tu pódes tirar qualquer resolução; mas não contes comigo, porque não ignoras o estado, em que me vejo! Grande gosto, (exclamava elle) seria para mim, continuar a minha posteridade por ti, e pela minha eleita Nora; mas que? entreguei-me a velhacos, ou subtis sanguixugas, que se encherão do meu sangue, e por ser tão bom, ainda com elle não tem arrebentado. Aqui arrazarão-se-lhe os olhos de agua! e eu tomando-lhe a palavra, como costuma dizer-se, rompi no que se segue agora.

§. X.

Pois, Senhor, eu dou parte a Vm. da minha resolução, porque assim o devo fazer, por obrigação natural, e segundo as mesmas Leis; e logo que sómente se lhe offerecem em dúvida

os

os trabalhos, que neste estado me podem cahir em partilha, como elles, com quem directamente hão de dar, he comigo, ou com ella, ou com ella, e comigo, e a eleição foi de hum, e do outro, se ella tiver causa, ralhe de mim, se eu tiver motivo ralharei eu della: eis-aqui o caso em que V.m. (como lá dizem) fica mettido em hum sino, que talvez sôe com as badaladas no seu coração, por se haver deixado chegar ao estado, em que acaba de se me pintar, e a mim me deixou; e recorrendo aos que estão em tão boas circunstancias, sirva-se da mesma frase, e diga com elles, quando as suas profecias se cumprão = E não lho fiz: sua alma, sua palma: bem o aconselhei, agora *lá se lo havengan*, *lá se lo hagan*: chora-lo na cama, que he parte quente: assim fica campando, porque nenhuma queixa tenho que soltar contra o seu proceder em semelhante materia: mas olhe.

§. XI.

Eu não faço conta de metter-me em negociações, que não maneje por mim mesmo, e por tanto, não terei de formar as queixas, de que Vm. agora, sem remedio se resente, e queixa: o pouco que tiver hão de gozallo meus filhos e não caixeiros, e administradores; e sobre os que me forem precisos, não porei a confiança, que Vm. pôz nos seus; porque eu fui a pé para Coimbra, tenho lidado com gente de todas as ordens; e ladrões, e marotos conheço-os pelo cheiro, que esta lição he huma das boas, que se toma no livro da sábia, e mestra experiencia.

§. XII.

Se escolhi mulher, falta dos bens da fortuna, he porque sempre gostei da igualdade, pois se eu lhe igualllo em pobre, tambem ella me igualla no desinteresse: ella não he esmorecida por embonecrar-se, e eu não sou nem de tafularias, nem farofias: estou costumado a passar com o que me davão, e ella com esse pouco que tem, e assim

sim não estranharemos algumas faltas; porque o máo he passar do estado commodo, para o incommodo: Deos não nos manda ser ricos, manda-nos cuidar na nossa conservação, para a qual temos por fiadora a sua Divina Providencia, sem a qual não ha riqueza, nem pobreza, logo que em sua Mão Soberana está o encher de bens os vazios delles, dar abundancia aos famintos, erguer humildes, e depôr soberbos: noto além disto.

§. XIII.

Se eu fosse rico, ou ella o fosse, ou se ambos o fossemos, isso então era oiro sobre azul; mas porque assim não he, nem por isso devo resistir á paixão, e ao amor que nos grangeámos, fundados nos movimentos de nossas almas, e estes nascidos do merecimento que Vm. mesmo nella reconhece, e ella suppõe em mim.

§. XIV.

Huma mulher rica, seria coisa commoda, se eu me houvesse inclinado a ella, e ella a mim, pelas mesmas razões,

porque esta se inclinou a mim, e eu a ella; pois a ser a inclinação estabelecida no interesse, então vinha a importar huma venda, que eu fazia dos meus sentimentos; resultando captivallos ao seu capricho, sujeitandome, a ouvir o que muitos, ouvem: v.g. „ que tinha vossê? que trouxe vo-
„ sê? o que aqui está, cá estava: se
„ compro enfeites, se gasto mais, e dou
„ muito; compro, gasto, e dou do
„ meu, contente-se com a sua sorte, e
„ não se levante com o Santo, e mais
„ com a esmola.

§. XV.

Eis-aqui tem Vm. o que acontece aos convenientes, ou contractadores de Matrimonios: eu não tenho este genio, nem isto he ser rico, nem ser feliz, e até mesmo, nem ser casado: a felicidade deste mundo, conforme o systema do seu Padre *Feijó*, he viver cada hum, segundo o seu gosto; e rico no sentir de *Owen*, não he o que possue muita terra, mas aquelle, a quem huma só terra basta. Callou-se elle

as-

assignou-me os Proclamos, que já para isso mesmo levava, deitou-me a benção, e eu desandei pela escada abaixo.

§. XVI.

Isto aconteceo em huma Sexta feira, e por signal, dia de abstinencia de carne; e logo no seguinte Domingo, dei eu com ella trambolhão do cruzeiro abaixo, nas quatro Freguezias da minha patria: mas quando tudo se julgava concluido, arrecuou a carruagem; porque o meu *Paroco* era recto sobre o tese, e atolado de escrupulos legais; e como a minha *Josefa*, havia nascido na Cidade do Rio de Janeiro, por lá se achar sua Mãi, quando foi este parto, quiz, como devia, a Certidão de seu Bauptismo: eis-aqui tudo embrulhado; e eu já deitando contas, a não casar-me, sem primeiro passar pela penitencia de hum anno de espera: e se todo, por tudo que espera, desespera, como não desesperaria eu, esperando, pelo que esperava,

§. XVII.

Estava eu nesta, como desespera-

ção

ção, eis que a minha nova Mãi, nos diz „ Não se amofinem, que não se „ precisa ir pela Certidão, lá tão longe; e tirando os oculos, ergueo-se da costura, abrio huma papeleira, e remexendo, tirou a Certidão dentre outros papeis, porque o já defunto seu marido, mais acautelado, que outros o não costumão ser, quando voltou do *Rio*, tirou as Certidões, de quantos filhos lá lhe nascerão: fui com ella saltando de contente, e chegando ao Paroco disse „ ora, Senhor, estão tiradas todas as difficuldades „ dei-lha, e com effeito, fiquei de pedra e cal, que nada mais havia, que empatasse este negocio. Eis senão quando!

§. XVIII.

Por entre hum risinho sardonico deixa escorregar esta pergunta „ então „ já cá tem os Proclamos da Cidade do „ Porto, aonde a Senhora residio, e „ donde veio em idade de poder havido „ entrar em outro semelhante contracto? Quando isto lhe ouvi, fiquei de novo enbatocado; mas, no mesmo tom, e

gei-

geito lhe respondí, que a ser absolutamente preciso, tinha facil remedio; e por encurtar razões, tive de mandar correr banhos no Porto; e com este novo trabalho, se puzerão as cousas correntes. Conto tudo isto, para que se veja, com quantos rodeios se atalha ao homem a fruição do que mais deseja, e como se lhe aplaina o caminho, para lhe chegar depressa, o que appetece, mais vagaroso!

§. XIX.

Entrei na disposição do fausto Nupcial, completo ao modo possivel, sem estrondo, bazofia, ou superfluidade; porque em vez de carruagem, fizerão-se çapatos novos; em lugar de vestir, e emplumar criados, vestimo-nos a nós sómente, mas muito bem; e por signal, ainda conservo a fatiota desse dia: cujo dia foi o seguinte á Santa Martyr, que andou na roda de navalhas, 26 de Novembro da era do Salvador de 1792.

§. XX.

Neste dia pois, erguemo-nos muito cedo, e nos dirigimos á Igreja de No-

Nossa Senhora do Carmo, extra muros da minha Patria, por ser este Titulo da minha devoção, entre os mais, que se dão á Mãi de Deos, para o que me facultou licença o Emenentissimo Cardeal Patriarca, e não só por tudo isto, como tambem por ser hum sitio de menos espectação, e muito lavado dos ventos. Ahi pois assistindo o Paroco, e fazendo as suas vezes, meu Tio o Beneficiado José Antonio Carreira, Sacerdote, o mais anciáo da parentela, consegui pegar-lhe na mão, pela vez primeira, sem ser em contradanças, ou para salto de alguma rigueira nas tardes do campo: e ahi mesmo me chamei de Josefa, e Josefa se chamou de Francisco, que he hum criado de todos os meus Leitores: e aqui está como foi tudo, sem tirar nem pôr: vamos ao mais.

§. XXI.

Muitos parabens, dizião huns: ora por muitos annos e bons, dizião outros: viva o Senhor Noivo, gritava este; que viva a Senhora Noiva, bra-

da-

dava aquelle; e nestes, e em outros regozijos, prelengas, e folias do costume, em semelhantes actos, voltamos á casa, aonde nos esperava a nossa Mãi, a qual deu muitos abraços no novo filho e Noivo, (que sou eu,) e muitos beijos na filha (que era a Noiva:) chorárão huma e outra, segundo a tarifa: e logo começou por dar conselhos, fazendo imprecações de felicidade; e lançando-nos as suas bençãos sobre as que já traziamos da Igreja, poz-se em tanto o almoço, e lembro-me muito bem, que foi a primeira vez, que almocei, no Estado de marido, e por ser em dia de Sabbado, reservou-se o jantar fausto, para o dia seguinte, que escusa dizer-se foi no Domingo.

§. XXII.

Chegou-se a noite, juntarão-se meus Irmãos, Irmãs, Tios, Tias, Primos, e Primas, em diversos grãos, Amigos sem ceremonia, e com rabecas, e guitarras, com suas frautas, e mais instrumentos se ordenárão Contradanças, Minuetes, Cotilhões, e o Solo Inglez: can-

cantarão-se modinhas Portuguezas, e Brazileiras, e ate as Tiranitas Castelhanas; porque na minha Patria ou bom, ou soffrivel, ou menos máo, ou máo de todo, de tudo se encontra.

§. XXIII.

Lá quando erão onze horas, e tantas cousas, forão-se os de fóra, e ficárão os de dentro: ceâmos, e depois de muito vai, não vai; são horas, não são horas, desfez-se a sucia, e nos fomos recolher á cama, que estava muito composta, e muito fofa: mas ou fosse, por eu não andar acostumado a tantas limpezas, ou por estranhar o somno de companhia, he certo, que toda a noite andei ás voltas, e muito pouco dormi, sendo em tempo de noites grandes.

§. XXIV.

Erguemo-nos no dia seguinte, fomos beijar a mão á Mãi, e depois passei a convidar os meus Parentes, para se acharem a jantar; ella fez o mesmo aos seus, por hum de seus Irmãos, e com effeito se achou hum bom ranchinho,

nho, porque só á minha parte contei entre Irmãos, e Irmãs seis; na ordem de Primos, e Primas cinco; Tios, e Tias quatro; isto dos de muros a dentro, porque se viessem os de fóra, não me cabião em casa: á sua parte, della Tios dois, Irmãos cinco, não entrando nesta conta minha Sogra, e o genro della; amigos sem ceremonia, e varios comparces.

§. XXV.

O jantar foi grande, muito variado, e muito bem adubado, e sem dúvida esplendido: não o tomem por exaggeração, porque confesso, que quanto se comeo, e bebeo, tudo me mandárão de presente, e ainda se não matou toda a criação, nem do mais foi tudo desta vez á mesa; e para o serviço della quasi tudo foi roupa, loiça, e prata emprestada: digo isto, para que no presuma alguem, que eu com mudar de estado, mudei de genio e fortuna, tornando-me de pobre rico, e de sincero bazofio.

§. XXVI.

§. XXVI.

Muitas festas para a festa; á saude dos Senhores Noivos (e nós assentados ambos á cabeceira da meza), vivão os Noivos, faço a razão: á saude do Pai do Noivo; que viva a Mãi da Noiva, &c. &c. cousas do estilo: e levada a tarde em folgança, desdobrou a noite o seu capote, brincou-se, poz-se a mesa, e depois da comida entre os de casa e alguns amigos, recitei o Idylio seguinte que antecipadamente tinha composto, em ralação aos outros dois, que atrás ficão, e me não deixarão mentir, na ordem dos quaes he o III. e porque pelo tempo adiante, continuei a obra, aqui os vou apresentar todos, para que melhor se passão ver, sem esperar accommodallos, nos seus lugares respectivos.

§. XXVII.

Para conciliar os animos dos que existião, e fazer-se a precisa pausa, engendrei alli mesmo a Decima seguinte, em que rompí, depois de dar huma gargalhada de palmas. Eila.

DE-

DECIMA.

INda que, bella Josina,
Consegui o porqu' ardia,
Nem por isso se me esfria
De Apollo a chamma divina:
Inda teu rosto me ensina,
Do verso a doce expressão;
Inda os que faço teus são,
E serão os mais que eu faça;
E se cuidas que isto he graça,
Repara nestes, qu' ahi vão.

Eilo

****

IDYLIO III.

O Consorcio.

ENtra Josina, formosa,
No meu antigo casal,
Bem que pobre appetecido,
Da tua varia rival:
Vem a ser nelle
Comigo igual.

A-

❦

Amor unio as vontades,
Que Hymeneo abençoou;
E este laço que apertámos,
O mesmo Ceo approvou,
E's já comigo,
O que eu te sou.

❦

Da sorte que eu nelle passo,
Aqui vivirás comigo
Sendo-me Esposa fiel,
E eu Consorte teu amigo,
O Ceo o manda,
Seu mando sigo.

❦

Que tempos há já suspiro
Por ventura tal e tanta!
Mas quanto mais se appetece,
Alcançada mais encanta;
O bem nò mal
He quando espanta.

❦

O' amorosos excessos,
Doce velar nos serões,
Gratas calmas, doces frios,
Ternas, meigas expressões,

Vós

Vós enliastes,
Dois corações.

Com que mais gosto, e descanço,
Me não erguerei agora,
Para tirar o rebanho,
Antes do lume d' Aurora,
Sendo tu delle
Meia Senhora.

Quantas rezes tenho brancas,
E malhadas tuas são;
Em teu nome mais ditosas,
Pelos montes andarão;
Com tua vista
Engordarão.

N'um sim, a meu sim responde,
Ao não, hum não te darei;
O meu seguirá teu pranto,
Quando te rires, rir-me-hei;
Est' he, Josina,
D' amor a Lei.

Nem molestos do que falta,
Nem vaidosos do que temos,

No-

Nosso muito, ou nosso pouco,
Em boa paz gozaremos;
Assim ditosos,
Respiraremos.

❊

Já mais com minhas cearas
Tive hum anno tão amigo,
Nos outros foi tudo avesso,
Té parecia castigo,
Mas he que o Ceo
conta comtigo.

❊

Feliz de quem por seu gosto,
E escolha d' amor se enlaça;
Vive alegre na bonança,
Consola-se na desgraça;
E a curta vida,
Tranquillo passa.

❊

Damitas, prepara a mesa,
Chama Albano, Althea chama,
Enfena-me a casa toda,
Frisos, e portas enrama,
Alecrim deita
Na ardente chama.

Tra-

✲

Traze esses copos, saudemos
O dia, o ditoso dia,
Em que por prémio Hymenêo
Me deu a quem lhe pedia,
Bebei pastores,
Reine a alegria.

✲

O' crueis adoradores
D' huma solta liberdade;
Inimigos de Vós mesmos,
Bastardos da Sociedade,
Passai sosinhos
A vossa idade.

✲

Suspirai, sem ter quem zele
A afflicção, que vos consome;
Dormí, como dorme a féra,
Comei, como a féra come.
Levai com vosco
Familia, e nome.

✲

Da-me, Josina, os teus braços,
Une teu peito a meu peito,
Cantemos graças ao Ceo,
Que nos une em laço estreito,

Nunca me achei
Tão satisfeito.

****

IDYLIO IV.

Desejo da reproducção.

SUrge formosa Josina,
Pois surge a Aurora rosada,
Arrebanhando as estrellas
Na vasta esphera azulada,
Ah surge, goza
Da madrugada.

✿

Vem comigo, a vez primeira,
Nosso rebanho contemos;
E nos covos limpos tarros
O branco Leite ordinhemos,
A' tarde os queijos
Apertaremos.

✿

Lá se ouvem chocas no monte,
Lá brada ao longe hum vaqueiro,

Tal

Talvez, que muito vaidoso
De guardar, n'aquelle oiteiro,
Onde eu costumo
Ser o primeiro.

❋

Já, Josina, he claro o dia;
Vem ver d'aqui do portal,
Como as ceáras verdejão,
Por todo o nosso casal:
Olha os pomáres
Com graça igual.

❋

Que doces cantão as aves
Na falda d'aquelle monte!
Como murmura o ribeiro,
Como ruge alli a fonte!
Quanto este dia
Excede ao d' honte!

❋

Não escutas o balído
Das ovelhas, e cordeiros?
Não ouves latir de roda
Os vigilantes rafeiros?
Vamos soltallos
Pelos oiteiros.

✿

Repára, como na chusma
As proprias mãis reconhecem!
Vê como as mãis amorosas
As longas tetas lhe offrecem!
Como os bafejão,
Lambem, aquecem!

✿

Olha o amor maternal
Nos mesmos brutos patente!
Vê como a Mãi se consóla,
Como o filho está contente!
Que mais achâmos
Na humana gente.

✿

Quem me déra já, Josina,
Ver hum filhinho tambem,
Em que empreguemos gostosos,
Este amor de Pai, e Mãi,
Que mal conhece
O qu' os não tem.

✿

Trabalhos não te esmoreção,
Nem dallos ao mundo em dôr;
Essas dores, e trabalhos
Adoça o materno amor,

Tam-

Tambem nascemos
De igual theor.

❦

Oh! quem me déra já vêllo,
No teu collo reclinado,
Chupando o teu proprio sangue
Em branco leite mudado,
Para nutrillo
Já destinado.

❦

Alguma noite que véles,
He incommodo preciso;
Paga serás na manhã,
Com meigo, innocente riso;
Tudo he de Deos
Alto Juizo.

❦

Tu verás como são lindos,
Quando vão engatinhando,
A quantas cousas encontrão
As pequenas mãos lançando,
Humas querendo,
Outras largando.

❦

Cresce com elles o affecto,
E aquella innata paixão,

Que

Que o Ceo para fins sagrados
Infundio no coração,
    Com sãos os desejos
    Da producção.

❦

Lá vem a idade ajustada,
Em que elles por Leis iguais,
São a paga dos desvélos,
A consolação dos ais;
    Arrimo, e gosto
    Dos velhos Pais.

❦

Quando, Josina, tocarmos
Da vida os finaes instantes,
Pois á morte caminhamos
Todos com passos Gigantes,
    Cá ficão nossos
    Representantes.

❦

Aquella mesma saudade,
Que nossos avós nos dão,
Cá por nós os nossos filhos
De igual maneira terão;
    E as cinzas frias
    Nos honrarão.

Só

✿

Só os não quer, quem não sente
A pura chamma d' amor,
E quem tonto se deslisa
Dos fins de seu creador;
Tendo em castigo
O qu' he favor.

✿

Produz a terra, produzem
Arvores, plantas, e flores,
Aves, féras, alimarias,
E peixinhos nadadores;
O Ceo fecunde
Nossos amores.

****

IDYLIO V.

Os augurios.

SEnta-te, amavel Josina,
Comigo aqui, junto á fonte,
E em quanto o nosso rebanho,
Relva na encosta do monte,

Gu-

Guarda-lo-hemos,
D'aqui defronte.

❦

Aqui foi, onde Amarilis
Me fez a grande traição;
Aqui a topei nos braços
Do grosseiro Labeão!
Aqui rompí
Essa prizão

❦

No liso d'aquella rocha,
Tinha seu nome entalhado;
Então mesmo, á vista d'ambos,
Foi por minha mão raspado.
E nunca mais
De mim lembrado!

❦

Até hũa hera frondosa,
Que junto ao Serro plantei,
E o falso nome de roda,
Pondo-a por orde' enramei,
Seccou-se logo,
Mal que o risquei.

❦

Aqui foi a vez primeira,
Que por teus olhos morri;

E

E o teu nome, a mavel nome!
Naquella faia escrevi;
    Mas vê, Josina,
    O mais que eu vi.

❦

Junto do tronco essa vide
Entre muitas escolhendo,
Plantei logo, e a fui á roda
Co' huma Sebe defendendo;
    Pegou a vide,
    E foi crescendo.

❦

Foi-se co' tronco abraçando,
E mal teu nome abraçou,
Naquelle mesmo lugar,
Huma astea nova lançou;
    Vê como disto
    Lembrado estou!

❦

A bom agoiro o tomei,
Bem qu' em agoiros não creia:
E então cresceo mais o fogo,
Que inda em minha alma se atéa!
    Vê se foi falsa
    A minha idéa,

Nos

✿

Nas duas váras crescendo,
Onde agora a vez subir,
Tres annos conta, e viçosa
Folhagem sempre a vestio.
Mas inda fructo
Não se lhe vio.

✿

Agora cachos lhe observo,
Inda qu' em miuda flôr;
E deste novo successo
Parece devo suppôr,
Que augura o fructo
Do nosso amor.

✿

Repára, Josina, agora
Como as mesmas plantas são!
A tua amor a fecunda,
A outra cahio no chão;
Olha a que chega
A ingratidão.

✿

Arda em nós o puro amor,
Por gosto puro jurado:
Vivamos hum para o outro,
No nosso escolhido estado;

Ou

Ou seja pobre,
Ou abastado.

❋

Co' a lã do nosso rebanho
Nossos vestidos farêmos;
Co' seu leite, e suas carnes
A nossa meza poremos;
Tranquilla a vida
Assim teremos.

❋

Das ceáras amanhadas,
Pela tua e minha mão,
Colheremos satisfeitos
O nosso preciso pão;
Basta que chegue,
Sobeje, ou não.

❋

Com rubros peros, e peras,
E abrunhos, por mim plantados,
Com vinho da propria lavra
Viveremos regalados;
Com isto fomos
Ambos creados.

❋

A ovelha cria com leite,
Com bichinhos a cegonha;

Animaes ha que se nutrem
Do fogo, e até da peçonha,
Seguir os nossos
Não he vorgonha.

❀

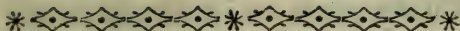
Os filhinhos criaremos,
Bem como a nós nos criárão;
Se mais não houver, que fique,
Fique-lhe o que nos deixárão,
Fazellos ricos
Não nos mandárão.

§. XXVIII.

§. XXVIII.

Acabada a leitura do primeiro destes Idilyos, porque os outros forão producção posterior, em vagas da Letradice, que estava primeiro, por súpplica dos dentes, e do ventre, que não admittem demoras, ergueo-se huma traquinada de palmas e vivas, isto á carga serrada, porque huns entendião pouco, os outros nada: Surprezos já de algum somno, pois como já disse, passei inquieto a noite antecedente, levantámo-nos da meza, e fomo-nos recolher: no dia seguinte, erguemo-nos de manhã, jantámos ao meio dia, e á noite tornamo-nos a deitar; e nisto temos andado até agora: e como já tenho confessado, sempre tive tentação com Versos, ainda que mal os faça, no meio dos *Provarás*, e de toda a *Rabolice*, em que pouco a pouco me hia ensopando, desejoso de participar aos Amigos esta nova, e attendivel Aventura do meu casamento, não podendo conseguillo em pessoa, pelas diver-

versas distancias, nem ter Dormidarios, nem o cavallo de Perseu, ou de Bellorofonte, escrevi a seguinte » Carta Circular, que indo então, á maior parte delles, agora se avança a todos juntos: E porque mudei de estado, pareceo-me justo fazer agora mudança de E'poca, sendo o seu começo a dita Epistola, porque ou boa, ou má na seguinte he que tem o seu lugar competente.

FIM DA EPOCA IX.

EPOCA X.

CAPITULO I.

Epistola ad Sodales.

AMigos, bemfeitores, que a ventura
Criou, para a ventura de Francino,
Tornando-lhe a desgraça menos dura;

A vós que lá no Tejo crystallino,
A vós, que no Mondego, e Guadiana,
E no Douro tereis feliz destino;

A vós tambem, que a terra Americana,
Contentes pizareis, vencido o vento,
E do falso Neptuno a furia insana;

Ou dos povos no justo regimento,
Ou as Leis applicando, ou deffirindo,
Pois he vário dos homens o talento,

A vós todos me envio, desferido
Ouzado vôo á Musa, qu' algum dia,
Ouvistes com amor, brincando, e rindo.

Nesta carta saude vos envia,
Já que a sorte vos pôz, onde não chega
A voz, com que outro tempo vos servia.

De cá, donde o Regaça os prados rega,
Vos offerta os suspiros saudosos,
E o pranto que nas faces lhe escorrega.

Tambem pensa, q̃ delle estais cuidosos,
Pois que não desmerece o amor antigo,
Por ser grato a favores generosos.

O tempo, das mudanças feio amigo,
Não pôde inda riscar-lhe da lembrança
Seu triste desamparo, e vosso abrigo.

Foi

Foi sempre d'almas curtas fêa usança
O bem reconhecer, em quanto dura,
E mal que recebido, logo o cança.

Mas elle assim não he, elle procura
Por qualquer geito, dar-vos testemunha,
De qu' a sua amizade he grata, he pura.

A' lisonja fallaz não se acabrunha,
Nẽ troca os termos, nẽ os gestos muda,
Co' sello da verdade as vozes cunha.

Saudoso, nesta carta vos sauda,
E para consolar-vos, vos dá parte
Do bem, a que chegou, por vossa ajuda.

Aquella, qu' entoou por toda a parte,
Lhe deu em mimo, e posse venturosa
O moço, de quem treme Jove, e Marte.

Nos laços d' Hymẽeo seus risos goza;
E que mais esperava da ventura,
Que hũ rosto alegre, hũa alma virtuosa!

Não 'stá rico de bens, mas de ternura;
E quando o tempo vai de gosto cheio,
A meza escassa, he meza de fartura!

Nesta vida gostosa, neste enleio,
Bemdiz agora as lagrimas vertidas,
Tornando o mal passado em seu recreio.

Contenta-se das outras lá cahidas,
Na rocha da Saudade, e do Mondego
Co' as aguas deleitosas confundidas.

Tem por mimo o cruel desassocego,
Em que sempre se achava noite, e dia,
Por astucia feliz do Numen cego;

Pois, como tanto bem dar-lhe queria,
Foi preciso passar por tantas dores,
Pois sem ellas talvez o não teria.

Agora em justo prémio a seus amores,
Vai com ella a passeio braço a braço,
Pelo campo escolher mimosas flores.

No

No bosque ond'entra a furto o sol escaço
Ao som da clara fonte, que murmura,
Lhe adormece no candido regaço.

O pomo, que do ramo se pendura,
Lhe desbulha contente, ella contente,
Para dar-lhos tambem, pomos procura.

Q' mais quer neste mũdo quem bẽ sẽte!
Se riqueza não tem, tem paz serena,
Dom mais rico do que oiro reluzente!

Quãdo s'ergue da bãca, e larga a penna,
Lhe canta á Lyra as lagrimas de Dido,
As desgraças de Troia, por Helena.

Nestes lédos serões todo embebido,
Parece-lhe, que está, como estivera
Junto de Venus brincalhão Cupido.

Mas gente ha muita, q̃ inda ver espera,
Num Inverno cumprido, e rigoroso
Trocada de seu gosto a Primavera.

Que filhos roubarão o seu repouso,
Porque para despeza tão precisa,
Nem ha officio, nem torrão rendoso.

O comer, não se merca, nem se guisa,
Diz hũ, sem se puxar dinheiro prompto;
Sem elle nem ha capa, nem camisa!

Casou pobre, diz outro, foi hum tonto:
Elle então só reflecte que a riqueza
De mulheres tem prigos, e desconto.

He a fonte do mando, e d' altiveza;
Pois pensão, q̃ o marido, por ser pobre,
Lhe deve dar as honras de Princeza.

Não há cousa melhor, q̃ hũa alma nobre
Que seimpre mostre hũ rosto indiffrente,
Ou falte, remedeie, chegue, ou sobre.

Tudo pende de Deos Omnipotente!
Nem elle, para ser no mundo rica,
Do barro Damasceno ergueo a gente.

D'an-

D' anno em anno as ceáras multiplicã,
Donde tirão os homens seu sustento,
E donde aos animaes sustento fica.

Reside no seu alto Entendimento,
O cuidado de toda a Creatura,
Que vive em terra e mar, ao sol, e ao vẽto.

E quando a tanto chegue a desventura,
Tem a mesma ressursa, que antes tinha,
Dos Amigos ño ter, e na candura.

Nada disto o perturba; elle adivinha,
Que pois sem nada fez, o que tem feito,
Dos mesmos lhe virá, de quem lhe vinha.

Assim respira alegre, e satisfeito,
Naquella sua tal, ou qual esfera,
Não negãdo ao trabalho o braço, e peito.

Mas ah, caros Amigos, se podéra,
Por testemunhas ter-vos deste gosto,
Milhões de Graças; ao Celeste déra!

Se

Se assim porém no Ceo está disposto,
Que de ter-vos não tenha inteira gloria,
Em quãto vive, em glorias, ou desgosto,
Não haveis escapar-lhe da memoria.

§. I.

Assim vivia eu, e com a satisfação de saber logo, que a mulher que elegi, não era estéril, nem eu inutil para a reproducção do genero humano: fui em tanto, e pouco a pouco adquirindo alguma reputação no meu Escriptorio, e com elle, e com as mãos pendentes me sortia de tudo, passando, não digo em pompa, mas ao menos com aceio, descanço, e fartura: e por isto esquecendo-me de rapaziadas, comecei a compôr as cousas, e a arranjar-me, ao modo, e costume dos que se tratão á grande na minha terra, que não consiste em mais, do que em ter cavalgadura ou grande ou pequena, fazer ceára, horta, e crear porco.

§. II.

§. II.

Comecei a trastejar estas tres cousas; quanto á cavalgadura reflecti, ser mais acertado principiar por menor, e acabar por maior, do que começar pelo mais, e acabar pelo menos, de que tinha exemplo fresco; por tanto sorti-me de hum jumento, que era da côr da burra que na mocidade, me levou a ver os bonecos, e que foi a inveja de todos os curiosos de semelhante fazenda. No capitulo porco, comprei dois: hum dei-o de meias, outro metti-o em casa, e algumas vezes hia a campo: o das meias ficou infezado, e o caseiro sahindo á fraina com outros camaradas, entrou na fazenda de hum campião, que pilhando-o a geito, não fez escrupulo de o estender ás pauladas: donde coligi, que para negocios sahi a meu Pai. Horta havia de casa, mas mal tratada; eu então dei-me a este ramo de Agricultura, e tanto me embebi nisto, que todas as tardes, e muitas manhãs era alli fixo, com o prazer, e gosto de ter sempre os melho-

res

res repolhos, côves, alfaces, broculos, cove flor, muitos morangos, e outras cousas estranhas no paiz: dei-me tambem a enxertador, de garfo, borbulha, e entrecasco, e sahi nisto melhor que os mestres: fiz, e tenho de minha mão damasqueiros, pessegueiros, limoeiros, e outras fructas; que assim fiz conduzir de varias partes: exercicio de que muito gostei, e gosto.

§. III.

Vejo, ou alcanço muito bem, que estas cousas pouco interessão, mas como assim se passárão assim as conto, e tambem, porque trabalho em hum Tratado ,, Do modo, tempos, e maneiras de inxertar. ,, e por aqui saberão os que o virem, e lerem, a razão de escrever de Enxertias, tratando de Advocacías: nem os Historiadores perdem por miudos, quando não passão a enfadonhos. Ora vamos ao mais, e mais breve, para que não digão alguns, que levo em vista fazer o Livro grande para que renda mais.

§. IV.

§. IV.

Fação de conta, que neste tempo nenhuma outra cousa me occupava o tempo, ou devia cuidado, mais do que *Minha mulher*, a horta, e os enxertos, logo que me escapava a constituintes, e fechava o Escriptorio, consolando-me mais com a esperança de hum filho, ou filha, cousa que sempre desejei, para conservar a raça de Malhões, assim como o Esganarelo, quiz dilatar a dos Esganarelos.

§. V.

Veio finalmente o dia 25 de Agosto do mesmo anno, e alli por horas de cea, entrou minha mulher a sentir o mesmo, que sentem as que se sujeitão a ser Mãis: chamou-se a Comadre, e em tanto lhe deitárão sua barrelada de polvilhos, e dispoz-se tudo, e aguardámos todos a ver o que d'alli sahia: a Mãi accendeo velas de Devoção, os mais fizemos promessas a N. Senhora do Bom Successo, todos a animámos: e eu a exhortei com estas, ou com outras palavras „ Não entres no em-

„ empenho de levar com pressa este
„ trabalho, a natureza ha de fazer os
„ seus deveres; não és a primeira que
„ passas por isto; as diligencias hu-
„ manas neste caso são peores, deixa
„ estar, que em chegando a hora ha-
de sér. „ Isto lhe dizia eu, e ao mes-
mo tempo, para estar como ella, só-
mente me faltavão as dores physicas.

§. V.

Alfim, neste cançaço estivemos to-
dos, até que veio o outro dia 26, no
qual se completárão á risca, os nove
mezes, ou Luas do nosso ajuntamen-
to, e lá pelas oito horas da manhã,
veio á luz, o primeiro fructo de nos-
sos amorosos trabalhos;

Mas ah! que quando cahio
Aos pés da Mãi a pessoa,
Esperando-se hum Malhão,
Achamos huma Malhôa.

De ser menina ficou a Mãi muito
contente, e eu pouco satisfeito, pelas
razões que sabem huns, e dizem outros.

§. VI.

§. VI.

Propuz-me eu logo a achar huma mulher sádia, que fosse mesmo em casa fazer a criação da menina, pois ainda que isto, como a todos, dá em dispendio, com tudo assentei de fazer esta fineza, attendendo á constituição de minha mulher, e tambem a que este gasto, poupado em outras algumas cousas, conservava o mesmo equilibrio, sem atrazo consideravel: ella vendo isto, chamando-me ao leito, me disse:
» Vejo que procuras achar Ama para
» a criação da nossa filha, e eis-ahi,
» huma cousa, em que eu não consin-
» to: eu posso muito bem crialla, e
» não só posso, mas até não quero,
» que se nutra de leite estranho, em
» quanto tiver, o que Deos me deu,
» para ella mesma: além destas ra-
» zões, não estamos nas proporções
» desse desnecessario desembolso, e
» mesmo que o estivessemos, eu não
» o consentiria: pude trazella em meu
» ventre, tambem a posso ter a meus
» peitos; pude ter os enjôos da gravi-

da-

„ dade, posso tambem ter o incommodo
„ de seus choros, trazella em meus bra-
„ ços, e o mais que passa pelas ou-
„ tras, que se sujeitão ao que eu me
„ sujeitei: assim não trates de seme-
„ lhante cousa, porque eu não desis-
„ to.

§. VII.

Instei eu lembrando-lhe o perigo do desfalque de sua sustancia, inconveniente de ouvir-lhe os berreiros, o incommodo de andar em banhos do seu desbeber, o nojo de limpar o seu descomer, e outras cousas deste genero: nada foi bastante e na mesma constancia me tornou em troco, que para isso se dispozera logo, que se dispoz a casar comigo; e que muitas Amas que eu lhe désse, de nenhuma a fiava a dormir de noite, nem entregava para administra-lhe o leite; e que quanto ao mais, tinha a sua preta, e suas Irmãs, que a tudo a ajudarião gostosas: teimou, e nisso ficamos; vejão agora os meus Leitores, se eu tive boa escolha, em preferir amor e juizo, á riqueza: outra se-

seria então, que exigisse de mim ir conduzir-lhe huma Ama, lá da Georgia, Corintho, Chipre, ou Rhódes, que dizem, que por formosas tem bons dentes, e bom leite.

§. VIII.

Dispostas assim as cousas, tratava-se de lavalla na Fonte Baptismal, abrindo-lhe assim a porta, que Jesus Christo com seu exemplo no Jordão deixou patente, para se entrar no caminho da Salvação; minha mulher escolheo-lhe Madrinha, a Mãi de Deos, debaixo do seu Titulo, e Invocação da Piedade, e eu para Padrinho, fui convidar José Pereira Caldas, a quem sempre fui muito e muito obrigado em quanto Estudante, e agora mesmo em quanto Capitão no Regimento de Mecklemburgo; partí para Lisboa, dei-lhe parte de minha tenção pela qual elle esteve, sem o menor repáro, e fez-me a competente Procuração, mas indo-me a despedir da minha Madrinha a Excellentissima D. Maria do Carmo Henriques da Motta e Mello, achei, que

no dia seguinte fazia annos seu marido o Illustrissimo e Excellentissimo D. Rodrigo de Alencastre, actual Coronel de Olivença, fui obrigado a demorarme, e em parte dessa noite, e parte da manhã, fiz o seguinte Soneto, com a glosa que se lhe segue.

SONETO.

Não preciso, Senhor, para os louvores,
Que mereces no Dia de teus annos
Relatar tantos feitos soberanos,
Que a Patria deve a teus Antecessores:

A' Fama deixo a gloria dos Penhores
Da paz da Hespanha, e povos Lusitanos;
E os méritos de Gante soberanos,
Honra eterna de Regios Sucessores.

Não canto nos meus versos, que são rudes,
Que Regio sangue de João Segundo
Gyra em Tí, e qual Rei, por mim acudes;

Mereces elogio mais profundo,
Pois não timbras de Grande, e tens virtudes,
Dom do Ceo, raras vezes dado ao mundo.

GLO-

****

GLOSA.

1.

SUbir ao monte, que espumando rega
Aganipe, e beber na clara vea,
Que de erguido rochedo se despega,
Banhando de Ilicon a fulva arêa;
Na Lyra que de Smintha o Deos m' entrega
Elogíos tecer co' a fama alhea,
E dar á vil mentira estranhas cores,
Não preciso Senhor, para os louvores.

2.

Do excelso Olympo as roupas desprendendo,
A' brancura da neve assemelhada,
Incorrupta verdade vem descendo,
De Celestes Virtudes rodeada.
Sobre hum throno de nuvens estendendo
A linda mão, de estrellas recamada,
Me nota os elogíos Soberanos,
Que mereces no Dia de teus annos.

3.

Mas fraca voz me dêo a natureza,
Para assumpto levar da Fama dino,
De polo a polo, e a toda a redondeza,
Contra estragos do golpe Libitino;
Não póde tanto não minha rudeza,
Nem tão ousado, ó Musa, me imagino!

Não he dos versos meus, todos humanos,
Relatar tantos feitos Soberanos.

4.

Heroes famosos, que benigna estrella
Nos tempos fez nascer da dura guerra!
Do Reino Portuguez e de Castella
Os seccos ossos levantai da terra.
Só de vêllos o sangue se me gêla!
Pereira, diz victoria, d'alta serra;
Seguir-se a paz divina são favores,
Que a Patria deve aos teus Antecessores.

5.

Clandestinas pelejas, Guerras tantas,
Portugal venturoso não receas;
Os ramos da palmeira ao ar levantas,
E de oliveira enfeitas as amêas;
Os osculos se dão de Pazes santas,
Já no fogo de Marte não te ateas,
E em quanto applaca Amor velhos rancores,
A' Fama deixo a gloria dos Penhores.

6.

Já nas margens do Téjo crystallino,
Não se escuta o romor da guerra horrenda,
E debalde pertende astro malino,
Que a *Discordia* cruel o fogo acenda;
Do frio Norte veio o *Duque* dino,
De fazer nos dois Reinos santa emenda;
Sendo causa as *Belezas* dos Britannos,
Da paz de Hespanha, e povos Lusitanos.

7.

Se *Filippa*, do Luso na campanha,
Do Valente João o ardor mitiga,

Ca-

Catherina ao Leão d'altiva Hespanha,
Por cadêas de amor sua alma obriga;
Cada qual o que he seu em paz apanha,
Ficando em consequencia desta liga,
Venturosos os Povos Lusitanos,
E os méritos de Gante mais que humanos.

8.

Não he famoso *Duque* o Sangue Augusto,
Que as veas te animou, ó que te exalta
Entre o Luso, Britano, e Hespano injusto,
Aos quaes para louvar-te a penna falta;
Não he teu braço impávido e robusto,
Que a tua fama faz subir tão alta,
He sim o laço destes dois *Penhores.*
Honra eterna de Regios Successores.

9.

Tudo o mais, que teu nobre peito incerra,
Além de Sangue Illustre bom seria,
Escutallo da boca d' Inglaterra,
Onde viste risonha aluz do dia:
A Lisia que te-vio raio da Guerra;
Diz que até Scipião te invejaria,
Mas tamanho valor, e as mais Virtudes
Não canto nos meus Versos, que são rudes.

10.

Lá donde em paz descanças, hoje estende
Os olhos venturosos, vê benigno,
Hum *Ramo*, que do Tronco teu descende,
De teu Nome, e Grandeza nunca indigno;
Vê que illustre humildade n'alma acende,
De Reis o *Neto*, de mil Reinos digno,

Que mais ama em bondade ser profundo,
Que o Regio sangue de João Segundo.

11.

Nascer Rei, ou Vassallo está pendente
Só de hum mero accidente da ventura;
Nem seu sangue na côr dos mais desmente,
Nem lho troca a purpurea vestidura;
He Rei todo o que ampara a humana gente,
Isto fazes: se o Sangue se procura,
Regio sangue, inda além d'outras virtudes,
Gira em ti, e qual Rei por mim acudes.

12.

Se parece, que ousado o campo trilho,
Tecendo-te talvez louvor mentido,
Engana-se, pois quem de Reis a hũ Filho,
Rei lhe chama, tem pouco de attrevido;
Mas Tu que segues da Virtude o trilho,
Tu dos Pobres hum Pai compadecido,
Ind' he pouco chamar-te hum Rei do mundo,
Mereces elogio mais profundo.

13.

Se he costume nos Grandes, elevarem
O seu respeito á custa dos pequenos,
E aos despidos de bens, nunca mostrarem,
Nem se quer agasalho em seus accenos,
Que motivos não tens para te amarem!
Mas se applausos não queres, sabe ao menos,
Que és amado das mesmas gentes rudes,
Pois não timbras de grande, e tens Virtudes.

14.

A candura em teu peito fez morada,
Abraçando-se á santa Caridade:

Por

Por teu rosto divisa-se espalhada
A luz pura de meiga urbanidade,
Amas o ser, com regra acautelada,
A virtude antepondo á qualidade,
E's humilde de Sceptros oriundo,
Dom do Ceo raras vezes dado ao mundo.

§. IX.

Marchei logo para minha casa; e estando para sahir o acompanhamento, consultou-se sobre o Nome, que se havia pôr á creatura; remetteo-se a decisão a sua Mãi, e ella louvou-se em mim: vai eu que faço, como as duas Avós, huma foi, e a outra ainda era Maria, seguindo o trilho dos Grandes, que nisto he facil de seguir, decretei que fosse Maria, visto que até a Madrinha se chamou, e chama Maria Mãi de Deos.

§. X.

Baptizou-se, voltamos a casa, houve cópo d'agua, forão-se os da rua, ficárão os de casa, e a Mãi a tomou nos seus braços, e a seus peitos; e assim a foi criando pelo tempo adiante, sem sentir incómmodos, porque sahio mui-

muito mansinha logo de pecorruxa, e muito sadía; e pelo tempo adiante se foi fazendo muito bonita, de sorte que era o feitiço dos domesticos, e dos vizinhos, sem haver huma só pessoa, que pela galantaria e viveza nã o confessasse ser o meu retrato; porque no anellado, e loiro do cabello, dizia a Avó vó, que era eu mesmo, mesmo no tempo de menino; na esperteza, e côr dos olhos, todos á comparavão comigo; e muitos até lhe descobrião huma certa quebra na testinha da mesma feição que eu sempre a tive: Muitos davão-lhe feições da Mãi, entre as quaes lhe pertencia o sobre olho, com as pestanas, e os dedos, por muito cumpridos e espontados, entrando a boca por muito bem composta: só ácerca dos dentes nada se dizia, porque ainda os não tinha, mas quando lhe sahirão, parecêrão-se com os da Mãi, e quando os foi mudando, com os meus, pelos intervallos.

§. XI.

§. XII.

Neste tempo achavão-se na Villa das Caldas da Rainha várias Pessoas, Cavalheiros, e Fidalgos de meu conhecimento; e por isso quando eu imaginava, que a minha Guitarra se entulharia de poeira, e vestiria de teas de aranha, e que as suas cordas, e a minha voz terião geral sueto, aconteceo pela parte do avesso, porque as visitas filhas da politica, e do reconhecimento que ora huma, ora outra me obrigavão (e tinha para obedecer-lhe mil motivos) a passar os dias em Obidos feito Letrado, e as noites nas Caldas, feito Poeta; e deste modo levei aquelle resto do verão, compondo letras para novas modinhas; cançonetas, segundo o informe dos namorados, e improvisos conforme as diversas circunstancias, composições a motivos dados, ou casos acontecidos: pelo que dessas producções não posso dar conta, pois humas entreguei-as aos áres ambientes na modulação das vozes, e

as

as outras as levarão comsigo os freguezes, que as encomendárão.

§. XII.

Restou-me com tudo, a seguinte Parafrase, e já digo que he Parafrase de huma pessoa, que isso me deo huma Senhora de bom gosto, a qual eu, por ser então moda, reduzi a Metamorfose, em razão da liberdade Poetica.

****

PARAFRASE

De huma peça Grega
De Author desconhecido.

HUm dia que andava errante,
Pelas florestas de Idalia,
Com cefyse a mais formosa,
Logo depois de Accidalia;

❁.

Encontrei Amor dormindo,
Fazendo berço das flores,
Variadas nos feitios,
Diversas no cheiro, e côres,

❁

Os ramos crespos dos myrtos,
Que docemente cedião
Do Zéfiro aos sopros brandos,
Fresca sombra lhe fazião.

O prazer alegre, e os risos,
Seus companheiros constantes,
Deixando o Numen sosinho,
Folgavão d'alli distantes.

❀

Podia as armas roubar-lhe
Neste momento feliz;
Soltas as tinha a seu lado,
Ninguem me via, e não quiz.

❀

Mas quando tal não soppunha,
Travêssa, e sem que me avise,
Ao arco, que a tudo assusta,
Alva mão deitou *Cefyse*?

❀

Huma das settas temiveis
Da aljava ao Numen furtou;
E ao arco as pontas juntando,
Contra meu peito a soltou.

❀

Voltei ao golpe surrindo;
Ella surrio-se tambem,
D' aquelle ar, d' aquelle geito,
Que se ri d' Amor a Mãi.

Eu

Eu lhe disse então: *Cefyse*,
„ Repete huma igual ferida;
„ Não sentí cousa tão doce
„ Nos dias de minha vida!

⁂

Vai a ajustar outra setta
Tal, qual a que me ferio,
Mas escapou-lhe da mão,
E sobre hum pé lhe cahio.

⁂

Então disse ella carpindo,
Galante na mesma dôr:
„ He o farpão mais pezado,
„ Que n' aljava tinha Amor!

⁂

Ergue-a da terra; e do arco,
Onde galante a firmou,
Despedio ligeiro vôo,
E no meu peito ferrou.

⁂

Tremí entre gosto, e susto,
E no amoroso transporte,
Lhe bradei = Gentil *Cefyse*,
„ Tu queres a minha morte?

Ce-

Cefyse nada responde;
E, em malfazeja alegria,
Pé ante pé chega a Amor,
Que a largo sono dormia.

✿

N'um riso, que nutre os risos;
Cruzando na boca o dedo,
Boceja a Nynfa mimosa,
Como quem pede segredo.

✿

„ Não temas, porque elle dorme:
„ Talvez seja de cançado,
„ De vibrar tamanhas settas,
„ D' arco tão longo, e pezado!

✿

„ Agora teço huns festões
„ De trêvo, e plantas cheirosas;
„ Com elles quero ligar-lhe
„ Alvos pés, e mãos formosas.

✿

Ah *Cefyse*! he crueldade!
Ah não queiras ser ingrata!
Eu não soffro, que assim trates
Hum Deos, que tão bem nos trata!

Po-

Pois bem; me torna *Cefyse*:
„ Vou-lhe as armas esconder,
„ Depois de fazer-lhe hum tiro
„ Com quanta força eu tiver.

❀

Mas póde acordar: lhe disse:
Responde *Cefyse* a rir:
„ Que nos póde elle fazer?
„ Continuar a ferir!

❀

Deixa-o, tornei: he melhor
Nos sentemos a seu lado:
Elle fará que seu fogo
Arda em nós mais inflammado.

❀

Cefyse, no seu regaço,
Co' as mãos nevadas, e bellas,
Muito á pressa colheo flores
Brancas, azues, e amarellas.

❀

Desfolha as rosas de Venus,
Os Jacynthos, Açucenas,
As Tolipas, alvos Lyrios,
E as Violetas pequenas.

Vou

Vou cobrir Amor com ellas :
(Me diz, em farça, e sorrisos)
E farei, debalde o busquem
Depois o *Prazer* e os *Risos*.

Despeja-as sobre o Mininoς
E com tão felice acerto,
Que desde as plantas á testa
Ficou de flores coberto.

Era hum gosto vêllo assim !
Cefyse porém travêssa,
Inda achou, no genio inquieto,
Fazer-lhe mais outra peça.

Diz ell' : em que me demoro ?
„ Eu vou-lhe as azas cortar !
„ Elle ensina os inconstantes,
„ De peito em peito a voar !

Toma afiada tisoira
Na mão, desta vez cruenta;
E muito de vagarsinho,
Ao lado de Amor se assenta.

Hu-

Huma das azas do Nume
Co' a mão esquerda tomando,
A' outra subtil a ajusta,
Por suas guias pegando.

✿

Eu qu' isto vi, tive hum susto,
Que alma, e corpo me opprimio,
Qus fazes *Cefyse* disse?
Mas *Cefyse* não me ouvio.

✿

D' hum golpe as Guias lhe corta;
Mas da aventura assustada,
A tisoira larga, e foge
Pela selva emaranhada.

✿

De frio temor passado
E da farça pezaroso
Me fui esconder no bosque
Atras d'hum cypreste annoso.

PAR-

****

PARTE II.

NEste tempo os *risos* meigos
Que longe de Amor brincavão,
Para acordallo do sono,
Em lindo bando voavão.

❀

Chegárão quando acordado
O Deos, o seu vôo erguia,
Mas quando os ares tentava,
Na verde relva cahia.

❀

Tres vezes se ergueo, tres vezes
Tornou a cahir no chão;
Até que se achou sem arço,
Sem aljava, sem farpão.

❀

Co' a vista correndo a selva,
Vio as pennas espalhadas,
Acodio co' a mão ás azas,
Achou as azas cortadas.

Su-

Subio-lhe a tristeza ao rosto;
E perdido o usado rir,
O lamentavel estrago
Entrou afflicto a carpir.

⁂

Em torno d' elle os *Prazeres*
Consternados adejavão;
E tanto Amor suspirava,
Tanto os *Prazeres* choravão.

⁂

Ai de nós, dizião elles,
No meio da sua dôr!
Aonde irão os *Prazeres*,
Sem ir com elles Amor!

⁂

Ai de mim, gritava o Nume,
Em triste pranto banhado!
Sem azas que me conduzão
Da Mãi ao Cólo rosado!

⁂

A este tempo se ouvírão,
No bosque as aves, saudando
Venus, que as pombas regendo
Vinha dos ares baixando.

Ao filho vôa ligeira;
O filho os braços off'rece,
E a terna Mãi a pegar-lhe
Do rápido carro desce.

❀

Ai Mãi, Amor lhe dizia,
„ Minhas azas me cortárão!
„ Olha as pennas espalhadas,
„ Que entre essas flores ficárão!

❀

„ Como hei de seguir-te agora,
„ E teus decretos levar,
„ Donde Phebo o carro esconde,
„ Té onde se vê raiar?

❀

„ Basta de pranto, meu filho,
Dizia a Mãi carinhosa,
Em quanto na eburnea testa
Lhe corria a mão formosa.

❀

„ Basta; pousa-te em meu peito,
„ Terno me aperta, que então
„ De novo, e por novo modo,
„ Tuas azas crescerão.

„ Este fogo activo, e doce,
„ Que até Jove faz arder;
„ Tem a virtude precisa;
„ Já eu tas sinto crescer.

❧

„ Abraça-me, terno filho,
„ Objecto dos meus amores;
„ Alviçaras, meu Cupido,
„ Tuas azas 'stão maiores!

❧

„ Tenta hum vôo: disse Venus:
Amor hum vôo tentou;
Mas medroso só três passos,
Da vez primeira voou.

❧

Alegre, d'Mãi ao peito,
Volta o Nume; e novamente
Torna a voar, e animado
Fez hum vôo mais valente.

❧

Bem como as aves os ninhos
A vêz primeira deixando,
Vão de tronco em tronco as azas
Ao ar leve acustumando;

Tal andava o Deos de Gnido,
Fazendo diversas provas;
Té que aos ares se elevou
Na força das azas novas.

✿

Então as settas dispersas,
Na eburnea aljava metteo;
E o arco erguido da relva
A tiracolo prendeo.

✿

Chegou-se ao cólo da Mãi,
Ella o beijou, e em sorriso
Lhe disse: agora, Cupido,
„ Tomar vingança he preciso.

✿

Torna-lhe Amor: 'stou vingado:
De que modo? ah filho dize?
Deste modo: e pôz veneno
Na tesoura de *Cefyse.*

✿

Ente os *Risos*, entre as *Graças*,
Venus seu carro subio;
As pombas o ar cortárão,
Amor alegre as seguio.

Apenas eu vi, que os Deoses
O sitio livre deixárão,
Entrou a bella *Cefyse*
A occupar o meu cuidado.

❀

Corri as selvas por ella,
A dar-lhe parte fiel
Do mal, que em sua tesoura,
Derramára, o Deos cruel.

❀

Fui correndo, e fui clamando,
Pelo nome de *Cefyse*!
E o *Ecco* fiel, dos valles
Me respondia = *Cefyse*.

❀

Então cuidando ser ella,
Que me dizia alli 'stava,
Levado da voz, no bosque,
Já sem tino me enredava!

❀

Tanto julgava mais perto
Os *eccos*, que hia buscando,
Tanto mais longe os ouvia
A meus ouvidos soando.

Mas tantas voltas na selva
Anhelando afflicto dei,
Que sem saber o por onde,
No fatal sitio m' achei.

❀

Oh que dôr! não sei de nojo,
Como a vida não perdi,
Quando na mão de *Cefyse*
A fatal *tesoura* vi!

❀

Quiz dizer-lhe não pegasse
Naquella *tesoura* impía:
Mas o aviso neste tempo,
De nada já lhe servia.

❀

Já o veneno cruento
Por suas veias girava;
Já nova luz nos seus olhos
Nova côr no rosto andava.

❀

Expliquei-lhe em voz truncada
Quanto ouvíra, e quanto vi,
E da côr de seu semblante
As minhas faces tingi.

E-

Eis entra *Cefyse* a arder
Na chama a mais abrasada!
Amando a todos que via,
Sem de nenhum ser amada!

❀

Ella amava a *Lino*, e *Lino*
De seu amor não cuidava;
Eu a ella amava, e ella
O meu amor despresava.

❀

A *Lieno* moço, e louro
Os seus affectos rendia,
Mas *Lieno* louro e moço
De seus affagos fugia.

❀

No meio destes despresos
Morria sempre por ella;
Ella gemia por mim,
Mas sem vencer sua estrella.

❀

Até que os Deoses piedosos,
De nosso mal condoidos,
Em duas pedras deixárão
Nossos corpos convertidos.

O

O Nome *dos Dois Irmãos*
Nos honra em marmore os Ossos,
Na Ribeira da dos *Negros*,
Dita assim dos fados nossos.

❋

Calládos 'stamos sentindo
A nossa paixão primeira,
Nem ella vê quem mais ame,
Nem eu cousa que mais queira.

❋

Passageiros escapados
Do fero Amor aos rigores!
Respeitai do triste *Alfeno*,
E de *Cefyse* os amores.

§. XIII.

§. XIII.

Com isto me entretinha eu, com as minhas Demandas, com minha mulher, e com as macaquices da minha filha, e já como certo de abandonar brincadeiras, e não fazer versos, mais do que por dar descanço á seccatura, de *diz este*, *diz aquelle*, *Provará isto*, *provará aquell' outro*; mas chegou-se a função dos Cirios da Nasareth, e então mais por cumprir a promessa de huma Missa, que prometti á Senhora, quando foi do parto de minha mulher, do que por ir em farofia, como d'antes sempre lá hia, me aprومptei : trato desta sahida, porque contém hum caso com sua esquipação; e vem a ser :

§. XIV.

Era meu antigo costume, hospedar-me sempre em casa de meu Compadre o *Illustrissimo Francisco Manoel de Alcobaça*, nas casas, que para seu retiro ahi fez seu Avô, e aonde este Fidalgo se aloja pelo tempo das Festas : e por que o dito hospicio foi constru-

truido para a estáda temporaria de huma só pessoa com dois, ou tres criados, em se ajuntando mais gente, tem seu melindre a accommodação. Ha nellas dois quartos, que tem morador destinado hum he de meu Compadre, o outro do seu Guarda-roupa, mas este segundo padece suas alterações; segundo as enchentes, ou vasantes dos hospedandos, e qualidade delles: eu que cheguei de madrugada, por ter feito o caminho de noite, por conta das calmas, de que já neste tempo fazia algum caso, e agora muito, não sabendo do que por lá se passava, levando somno, e não querendo desaccommodar ninguem, antes sim accommodar-me, e ao jumento que me conduzio, prendí-o á porta, tirei o alforge, entrei, e vai senão quando

§. XV.

Encaminho-me ao quarto do Guarda-roupa, metto á tranqueta, obedece, abro a porta, entro, e pela escassa luz, que escondida ministrava huma bruxa, vi huma cama feita no chão,

e

e dentro hum vulto que respirava muito de macío, e em muito socego: e por não desaccommodar a *Antonio Baptista*, que tive por certo ser o agasalhado, e com o cuidado no commodo do jumento, e em que não mo furtassem, peguei no alforge, e muito de geito, o lancei para os pés da cama, de sorte que errando o calculo, se encontrou com os pés do supposto *Baptista*: a isto acordou o vulto, sentio, e quando eu fechava a porta muito mansinhamente, ouvi dizer de dentro; quem vai ahi? a isto respondi eu, como quem respondia ao *Baptista* = logo se lhe dirá.

§. XVI.

Está muito bem: sahio dalli, deito mão ao cabresto do animalejo, e vou de volta em demanda da cavalharice; aonde achei já dois criados no comêço de seu ministerio; apenas me vírão, fizerão muito festa, tomárão logo entrega da bestialidade, e passárão a darme conta, de que nesse dia havia chegar a *Fogueteira* de Alcobaça com o seu numeroso, e cantaril esquadrão de

san-

centopêas ; nisto me demorei algum tempo ; e voltando a casa na fixa tenção de ir metter-me na cama com o *Baptista*, por ser sadío, e muito socegado, porque aliàs não faria tal, logo da rua lhe ouvi a falla, o que me admirou ; mas assentei, que como o tinha acordado, o recordaria de alguma cousa, que tivesse a fazer mais cedo ; mas o caso foi outro ; e eu conto, como isso foi :

§. XVII.

Dirigia-me eu á casa, aonde o alforge ficára, eis se não quando o sinto no corredor, da banda de fóra da porta, dizendo para dentro : *Isso he sonho, cá não vinha ninguem*, e lá de dentro, huma falla muito macia, tornando „ Essa he boa ; não veio ninguem ? então quem pôz aqui este alforge, que está aos pês da cama ? pois eu, e a Mãi, não usamos destes trastes ! pois quem seria, quem não seria, estavão dizendo, e eu sumindo-me de parte que ouvisse, sem ser visto : vai neste tempo, dá o *Baptista* dois esta-

talos com os dedos, a modo de quem se escalda, e diz-lhe morto de riso; a-posto que a estas horas foi o Padre Fuão de *Patais*, ou donde quer que elle disse, porque em verdade nem me acorda do nome do Padre, nem da terra, que lhe dêo, que, ficou de vir hoje aqui ao amanhecer; pois seria, disserão, rirão-se, e nisso ficárão.

§. XVIII.

Logo que o *Baptista* se desencantonou, lhe sahi ao encontro, recommendando segredo, com o dedo atravessado na boca, e fomos para a casa das melancias, aonde elle se havia agasalhado, por conta das ditas Pessoas, e ahi soube então, quem lá se achava, e o venturoso engano, que me hia acontecendo: porque eu, sem a menor dúvida, se a menina tem o somno pezado, na idéa de que me deitava com o *Baptista*, deitava-me com *Susana*, e ella tendo-se deitado só, a manhecia com hum velho, ainda que sem a malévola intenção dos seus accusadores; e eis-aqui tendes como ás vezes succe-

dem

dem cousas, que parecem armadas pelo diabo.

§. XIX.

Desenvolvido assim o caso, foi-se logo o rapaz correndo á porta, e em altas gargalhadas, reportando-se, delatou-me da postura do alforge, o que a Mãi, e menina celebrárão muito, e eu chegando-me á porta, no ar de réo, roguei muitos perdões, allegando a minha ignorancia: fui á cama abraçar o meu Compadre, e sobre o acontecimento se rio muito, e se fizerão algumas reflexões jocosas, a isto seguirão-se versos, a são e salvo da galhofa, e que só sabião os entendedores della, vogando para os improvisos o verso

O meu venturoso engano.

Im-

****

IMPROVISO.

SE Ixion revira a pedra
Lá no Reino do Sumano,
Que pena não merecia
O meu venturoso engano.

Elle huma nuve abraçava,
Pelo numen soberano;
Cá era Deosa, e não nuvem
O meu venturoso engano.

Saturno engolio a pedra,
Involta em mentido panno;
Cá era fogo, e não pedra
O meu venturoso engano.

Jove feito chuva d' oiro,
Depondo o raio tyranno,
Imitou diversamente
O meu venturoso engano.

Ta-

Talvez que, mudada a fórma
Passasse o vasto Oceano,
Pois era só digno delle
O meu venturoso engano.

✿

Mas se Deosas não fugírão
D'elevar o ser humano,
Porque foi nascido, e morto
O meu venturoso engano?

✿

Por sua mesma innocencia,
Aqui o canto de plano,
Presando as obras do acaso
O meu venturoso engano.

§. XX.

§. XX.

Por alli se passárão os tres d'as do costume, no folguedo propr.o dos Romeiros folgazões; a saber: pela manhã, o dizimo da gente na Igreja visitando, e beijando a *Santa* e *veneravel Imágem*, ouvindo Missas cantadas, e Sermões, com muito aperto, suór, e risco de ficar com as algibeiras despejadas; o resto, por suas turmas, comprando aziviches, continhas, e medidas; os rapazes gaitinhas, berimbáos, e navalhas; os *saloios* melancias, os *Arreeiros* cintas, e nastros para as bestas; os *Provincianos* vendendo, e trocando burros, e Gallizianos; os *Lisboeta* registando ranchos, e janellas, etc. etc. Ao jantar muita gritaria, muita borracha entrando, e sahindo pelas portas, como formigas na cova, no tempo das debulhas; de tarde visitas ao *Forte*: e á *Praia*; toiros, gazôla, e patentes, pagas nos botequins, e tabernas; á noite fogo de vista, do ar, e de cajado, com suas rodas de facada, e ligeireza de mãos ás bolsas, e a quanto se offerece; depois danças

graves para os *Graves*, e *Comporta* e *Fandango* para os pequenos; seus versos ás vezes; e a final deitar tarde, e mal, dormir pouco, e sem socego: eis-aqui ao que *se* chama ir ás Festas da *Nazareth*: e eis-aqui, o que eu lá fiz tambem; e o que assim feito, tornei ao meu albergue, trazendo para a familia as prendas do estylo, que são figas para o demo, medalhas para o peito, continhas para o pescoço, e poeira para consummo de escovas.

§. XXI.

Seguio-se o tempo da vindima, e reçolhimento de frutos, no que não tive maior incommodo, á excepção de hum bom *meloal*, e hum par de maçãs: e correndo Outubro, deu lugar a Novembro, mez em que faz seus annos a minha *Josefa*; determinei, e fiz banquete primoroso, assistindo já a elle, mas ainda em pouco vulto, hum germiosinho, que veio depois, a fazer o numero segundo na ordem dos filhos; e a estes annos fiz eu os Verssos seguintes.

EN-

****

ENDEIXAS.

NÃo das rosas que nascêrão
Do sangue da *Deosa* bella,
Desejo tecer-te agora
A rescendente capella.

❀

Não appeteço de *Paphos*
Os verdes mirthos cegar,
Para aquí junto ao *Regaça*,
Hum fofo berço t'armar.

❀

Honre-se Venus em Chipre
Com várias plantas e flores,
Que a seu culto consagrárão
Os fabulosos cantores.

❀

Sejão as rosas, e os mirthos,
Dignos de Venus divina,
Eu tenho brinde mais digno
Da minha amavel *Josina*.

Ind' ha pouco o Deos menino
Com mão fagueira me dava
Huma grinalda de cravos,
Que para ti preparava.

⁂

Não lha quiz, porque os teus annos
Já não precisão de flores,
Tu amas sómente o fruto
Dos nossos ternos amores.

⁂

Outros mimos, outras prendas,
Indifferentes nos são;
Minha prenda he a tua *alma*,
A tua o meu *Coração*.

§. XXII.

§. XXII.

Fui pois indo com a minha vida por diante, já com mais, já com menos fortuna, mas sempre alegre, comendo, e bebendo o que Deos dava; e no meio deste tempo, e com o andar do tempo, foi N. Senhor servido, fazerme presente de mais hum filho: parti logo para Lisboa a dar parte aos Compadres, que tinha eleito; e de muito boa vontade quizerão tomar parte no menino o *Excellentissimo* e *Reverendissimo Principal Castro*, e a *Illustrissima* e *Excellentissimo D. Catherina Micaela de Sousa Cesar*, e *Lencastre*, hoje dignissima Viscondeça de *Balsemão*: e eis-me aqui tem crescendo em despezas, e empatado em receita, porque meu Pai, em todo o tempo que pôde, e que viveo, sempre me reteve o que não devia tomar em si, nem repartir pelos outros; mas Deos lho perdôe.

§. XXIII.

Em quanto as Procurações se lavrárão, estivè na Corte visitando os Ami-

os

gos, frequentando os Theatros, celebrando Annos, correndo Quintas, e ultimamente na volta para casa levei hum pontapé de besta em huma perna, e neste estado cheguei, e cuidei no *Baptismo* que se fez com devoção na Igreja, o seu côpo d' agua em casa com os doces, que costumão amassar-se no paiz.

§. XXIV.

Correo este Inverno, sem acontecimento memoravel, mais do que o desastre de morrer-me o meu jumento, e ficar apeádo para visitas, vistorias, e o mais do seu prestimo, que desempenhava, com toda a guapice; e vendo-me nesta falta, e desarranjo, occorreo-me felizmente mandar pedir huma poldra ao *Compadre* de *Alcobaça*, que na quinta de *Alfazirão*, cria muito deste gado, e muito bom: e como as moedas dos *Poétas* são versos, em versos lhe fiz a supplica, ponderando-lhe as circunstancias, e são os seguintes.

Ao

****

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

FRANCISCO MANOEL DA SILVA E AFFONSECA, &c. &c.

MEu Compadre d' *Alcobaça*,
Queira vossa Senhoria
Informar-me como passa,
Desde a nossa romaria
A' Virgem cheia de Graça.

⁂

Eu, depois que me partí
No meu jumento montado,
Hum só desastre soffrí;
Quanto ao mais, tenho passado
Como passava até 'quí.

⁂

O desastre, vou contallo
Nos versos que lhe remetto,
Bem póde remediallo,
No *recife* d' hum *bolêto*,
Caso resolva mandallo.

Já

Bem sabe, que n'outra idade
Fui Senhor d' alguns sendeiros
De vista, e de qualidade:
Depois, qu' em parches Guerreiros,
Marcharão de má vontade.

⁂

Deu-lhes a morte de rosto,
Pois nem a brutos perdôa.
Hum delles n'hum mez d' Agosto
Deitou-se á praia em Lisboa
Aos cães, e aos negros exposto.

⁂

Do Mondego as margens frias
Ao outro os ossos mamárão
No brilhante de seus dias:
E com elles se acabárão
As minhas cavallarias.

⁂

Vendo-me em fim mal fadado
Com bestinhas cavallaes,
Da minha sorte zangado
Atirei-me ás burricaes,
Comprei hum *Ruço* affamado.

Ne-

Nelle airoso, e tezo andava
Por todas minhas Gravanas;
Mas quando mal o pensava,
Aqui ha duas semanas,
Deo-se á terra em que relvava.

❁

Huma válla quiz saltar,
Segundo o meu moço cró;
E não podendo galgar,
Deixando-me a mim a pê,
Ficou de pés par' o ár.

❁

Pregou-lhe a *Parca* este mono,
Roubando-me os meus vintães!
Mas dando-lhe largo somno,
Fez a alegria dos cães,
E a tristeza de seu dono.

❁

Faz-me huma festa negaça,
Convida-m' algum amigo,
Vem Vistoria, ou trapaça,
He nesta terr' hum castigo
Achar-se besta de graça.

Já se vê, que besta macha
Não he para meu calção!
E tu bem pódes, sem taxa,
Fazer qu' em *Alfazirão*,
Se me dê huma de raxa.

❊

Não precisa ser d' aquellas,
Que dão poldros Andalúzes,
Airosas, nédias e bellas,
E que no lombo, e nas cruzes,
Nunca soffrèrão bostellas.

❊

Basta-me huma poldrazêta,
Destas mais arrecuadas,
Quer alvada, quer preta;
Mas qu' inda ao dar as passadas,
Não precise de molêta.

❊

E se o destino cruel
Assim me tem perseguido,
Quero mudar de papel;
O que farei attendido
D' outro *Francisco Manoel*.

Te-

Temos contratos diversos,
Qu' adoptou o mundo inteiro:
Se huns dão herdades aos terços,
S' outros alugão dinheiro,
Poétas comprão com versos.

❧

Por tanto, Senhor, remetto
Esta minha Petição;
Se a sorte cahir em preto,
Das Eguas para o *Patrão*,
Faça mandar-me hum boleto.

§. XXV.

Sahio o caso como eu pensava, porque sempre tive por costume não occupar senão a Pessoas capazes, não me faltando o dôm de conhecellas pela pinta; mas como era de Inverno, e a manada andava pela serra, reservou-se a remessa para a Primavera, o que se verificou, logo que a terra se entrou a vestir de hervas; e eis-me aquí já constituido em mais hum grão de decencia, e apto para mais airosas felestrias, e desempenho de meu officio; e vista esta mudança, mudemos tambem de Capitulo.

CA-

CAPITULO II.

§. I.

NAs entradas d'aquelle Março entrei eu logo com atentação das minhas enxertias, e arranjamento da horta precisa, e cultura do meu morangal, dividindo as occupações pelo tempo do dia; a saber: de manhã até á huma hora, aviamento de feitos, e audiencia de Partes; á huma hora jantar o que havia, de tarde horta; ás Ave-Marias, casa; ahi conversação até á cêa, e depois cama: e deste modo, e com esta methodica receita, passava os dias serenos, sim passava eu os meus dias e com muita semelhança com aquelles, que os Poetas figurão na idade, que por isso chamárão de oiro; o que foi tendo suas alterações, como iremos vendo pelo decurso desta historia.

§. II.

§. II.

Veio concorrendo gente para as Caldas; e entre outras Personagens, se achárão tambem esse anno o *Excellentissimo Marquez* das *Minas*, já defuncto, e o *Exllentissimo* e actual *Conde* de *Villa-Vede*, com quem tive occasião de fallar a vez primeira; e com effeito me fizerão muito agasalho; e logo aconteceo achar-se tambem hum *Pinete*, Sobrinho de outro *Pinete*, com quem tinha aprendido as *Artes*, que exercitou na Cidade de Lisboa: como estava em casa de D. *Maria Justina* da *Cunha*, ahi se propôz a fazer huma noite as suas habilidades, o que com effeito se verificou; e porque esta Senhora Açafata, tinha muita amisade, e antiga, com minha Sogra, mulher e Cunhadas, convidou-nos para irmos ver aquella raridade.

§. III.

Fômos em fim; e como ahi concorrêrão tambem o *Marquez*, e *Conde* referidos, acontecêo, que hum tal Cade-

dete, esperto ao ultimo ponto, na sua pouca intelligencia, não quizesse fazer allí huma especie de terceira pessoa, em quem se verificavão as raridades: offereci-me eu logo; e o *Marquez* penetrando o motivo, sahio tambem á casa, e me acompanhou no mesmo emprego. Fez o *Pinete* muita cousa admiravel por obra de sua ligeireza, e mechanismo, que o dito Cadete quiz desgraçadamente averiguar, registando tudo miudamente, com riso dos circunstantes, e alguns encontros em seu castigo, que he o que se tira de huma viveza indiscreta.

§. IV·

Nessa noite conversei eu muito com os ditos Fidalgos, e naquella modesta Jovialidade, que pedia o caso, e o seu respeito; e por fim, e pela vez primeira tive a honra de improvisar perante elles, a hum verso dado, de que mostrárão gostar muito; e porque no que disse misturei parte de meus infortunios, isto lhes ábalou os corações, faceis em ceder á compaixão;

po-

pois quem nasce assim, escusa ser feito; e no fim, e á despedida se derão no número dos meus Amigos por obra, e por palavra, do que folguei muito pelas circunstancias de então, e pelas que então olhárão bem, para as que depois vierão, e virão vindo, porque o mundo dá muita volta, os tempos mudão, e nós mudamos-nos com elles.

§. V.

Vim para casa folgando com tão venturoso acaso, e pareceo-me muito justo, que pois os versos me grangeárão tão optimos *Amigos*, e generosos Bemfeitores, em versos lhes mostrasse a boa vontade de ser agradecido, ou ao menos o reconhecimento do beneficio, que de mais a mais tive a vantagem de ser de mêro impulso, e não rogado: e por isso remettí ao *Marquez* a seguinte

CAN-

****

CANÇÃO HEROICA.

MArquez, Gloria dos Teus, honra do Estado,
Se huma vez penetrando, quanto avessa
Me tem ventura olhado,
Por mim te decidistes não pedido,
As Mãos beijar-te venho,
Avarento de ser agradecido.

Estranho me não foi que largamente
Despendesses comigo: immensas vezes
Ouvido tenho á gente
A copia dos favores, que repartes
Aos genios, que veneras,
Sublime animador das bellas Artes.

Qu' hum' alma ceda aos ais, se dobre ao rogo
Do pallido indigente, pouco espanta,
Que o ferro cede ao fogo:
A graça anticipar-lhe em Ti só vejo,
Em ti, qu' em tudo grande,
Té poupas de pedir o susto, e pejo.

Ainda que de Reis o Sangue augusto
Nas tuas leaes vêas não pulsára,
E o braço teu robusto

Pe-

Pela gloria da Patria não se erguesse,
Só nisto merecias,
Qu' eterno monumento se t'erguesse.

Não fez Roma sómente respeitavel
O nome dos Heroes de morte armados
No bronze perduravel :
Rindo s'observão dos vorazes annos
No antigo Capit'lio,
As Estatuas dos *Titos*, e *Trajanos.*

Já mais fará guerreiro enthusiasmo,
Qu' o feliz honrador da humanidade
Não leve o nosso pasmo!
Se hum *Cesar* rege o carro da Victoria,
Hum *Marco* vai sem susto
Assentar-se no Templo da Memoria.

Em tudo Grande, escutas o pequeno:
Com Reis hombrêas, sem mudar no rosto
Aquelle olhar serêno,
Qu' he fiel mostrador, próva sobeja
D' hum' alma que não céde
Ao poder da Soberba, nem d' Inveja.

Que Varão (sem lisonja mentirosa)
Té hoje produzio o mundo inteiro,
Na classe perigosa
D' aquelles, que dos Reis cercão os lados;
Que, tropeçando a intriga,
Abrangesse valído a tres Reinados?

Tal he, *Grande Marquez*, toda a justiça
Da tua Alma, onde nunca fez morada
Vaidade, nem Cobiça!
A tua Alma do Throno dimanada,
Por lei, que o Sceptro inspira,
Costumou-se a dar tudo, e pedir nada.

Tu sabes o que he solido na terra.
Não provas teu valor em dar fadiga
No plano, ou n'alta Serra,
De mastins rodeado á féra brava,
Que aos bosques se concentra,
Onde a proprio suor o ninho escava.

Não te encanta subir lazão brioso,
E prostrar pelo jugo atravessado
O touro furioso;
E mestre d'arte, bem logrando manhas,
Abrir-lhe á dura espada
Caminho ao Sangue, e espuma das entranhas.

Vasios de Credores consternados
Se encontrão teus umbraes, já mais te nega
A voz dos teus criados!
Occupão tua vasta galeria
Aquelles, que proteges,
E vês cheio d'amor, e d'alegria.

Entr' estes venho disfructar de novo
Aquelle abrigo, proprio da Grand' Alma,
Qu'em Ti observo, e louvo:
Grato venho, Senhor, ao bem de que usas;

Não

Não peço graça alguma ;
Pois Tu para a fazer, meu rogo escusas.

Por este raro, pouco usado trilho,
Mais Nome ganhas, que em nascer no mundo
De Netos de Reis Filho.
He este o portentoso monumento,
Qu' ha de fazer teu Nome
Zombar da morte, rir do esquecimento.

Canção, podes bradar, qu' eu sou ditoso
Depois qu' em meu ampáro,
Vejo erguido este Braço generoso.

§. XVI.

Fez elle hum bom acolhimento á minha *Canção*; de que muito me desvaneci; pois não era voto de quem não entende, pois que muitas vezes observei a curiosa applicação, que dava aos livros, e com boa escolha; e passei logo a fazer iguaes deveres ao Conde, a quem remetti as quintilhas, que se seguem, as quaes tiverão boa acceitação; e assim confirmei dois Amigos de tanto pezo na balança de minhas desventuras, que humas vezes se me adoçavão, outras vezes se me tornavão azedas.

****

QUINTILHAS.

VEnho a teus pés confundido,
Noronha, as graças render
D' aquelle favor subido,
Que me quizeste fazer,
Sem precisão de pedido.

⁂

Este he d' aquelles favores,
Que poucos usão prestar;
Pois ha certos protectores,
Que fazem bem por comprar
Em conta graças maiores;

⁂

Mas quando me dás a mim,
Logo reluz a certeza
D' independencia do fim;
Sem que possa tal fineza
Ter quebra em lingua roim.

Não

Não sou arvore viçosa,
Que possa no fruto meu
Compensar a mão piedosa,
Que frescas aguas me deu,
Pela Estação calorosa.

❊

Não terreno cultivado,
Que pague aquelles suóres,
Com que pelo tempo azado
Foi por mestres lavradores
De aveia, e joio catado:

❊

Aquelle bem, que m' he feito,
Não póde soffrer a nota
Do mais pequeno defeito;
Por isso raízes brota,
Que nunca seccão no peito.

❊

Nem Tu podias, Senhor,
Prestar o teu valimento,
Senão de mero favor;
Seja por teu nascimento,
Ou pôr principio melhor.

Tu,

Tu, em tudo igual aos Teus,
Imitas com dó profundo
Os Justos dictames seus;
Pois vês, que os Grandes no mundo
Sois commissarios de Deos.

Nem melhor occasião
Tem na terra as Grandes Almas,
Para colherem á mão
Aquellas viçosas palmas
Das florestas de *Sião*.

Quem exerce a Caridade,
Das Virtudes a mais nobre,
He honra da humanidade;
E até nelle se descobre
Não sei que de Divindade.

O hom' aos outros igual,
Na ordem da natureza,
Dos Deoses se faz rival;
E com piedosa Grandeza
Torna o seu Nome immortal.

Assim Tu, que tens no peito
Alma propria de teu ser,
Depois do barro desfeito,
A sempre entre nós viver
Tens recobrado direito;

❧

Ou seja a Patria servindo
Nas incumbencias do Estádo,
Por seu descanço punindo;
Ou a qualquer desgraçado
Na fèia urgencia acudindo.

❧

Não penses que lisongeiro
A' penna lancei a mão:
Blasono de verdadeiro;
Esta mesma confissão
Faz de Ti o Reino inteiro.

❧

Todos sabem que honra, e zelo
Empenhaste pelo bem...
Mas eu não devo dizello;
Agora só me convém
Confessallo, e agradecello.

Nem

Nem aquelle que he geral
Nos meus hombros tomar devo;
Apenas Vate boçal
A teus pés humilde chego,
E beijo a Mão liberal.

Por qu' outra cousa não resta,
A qualquer que nada póde,
Mais que fazer manifesta
A Mão, que por elle acode,
E que se occulta modesta.

§. VII.

Caldas, e mais Galdas, passicos da cópa, rezisto aos tendalhos, pecuinhas ás Madamas, presidencia ao tomar dos cópos, observações sobre as caretas, e enjôos das Senhoras, analyse sobre as modas, sahidas de campo, partidas com jogo, cantorias, e versos, encommendas, e motivo para ellas, já por satisfação, já por queixas amorosas, requebros sobre ciumes, etc. erão as cousas, a que não podia escapar-me em me escapando do Escriptorio, e da minha horta: por esta causa fiz alguns versos a assumptos dados, que escrevo, sem dizer as circunstancias, nem as Pessoas: ellas os reconhecerão, quando os virem; os mais poderão colligir, e eu em ser callado, faço o que está da minha parte, porque eu escrevo a minha vida, e os mais não me encarregárão de escrever-lhes a sua. Ora eis-aqui huma cantata, que está nestas attendiveis circunstancias.

CAN-

****

CANTATA.

INgrata, linda e bella,
Anfriza branca e loira,
Composto qu' enthesoira,
Quanto ha que desejar;
Por ti, á calma ardente;
Por ti, sem mêdo a frios,
Nas mótas destes rios
Queixumes deito ao ar;
E tu sem querer
Meus ais escutar.

✽

Por ti a tempo azado,
Regendo o curvo ferro,
No rêgo o trigo enterro,
E a tempo o vou cegar;
Nos valles deleitosos,
Nas altas penedias
Do gado engordo as crias,
A fim de t'as levar;

E

E tu sem querer
Meus dons acceitar.

❁

Por ti o vago enxame
Disponho em campo aberto;
Por ti a fruta enxérto
Mais grata ao paladar;
E disto que assim faço,
Hei tal consolação,
Que sinto o coração
No peito alvoraçar;
E tu sem de grata
Huns risos me dar.

❁

Por ti, como tu sabes,
Sem hora de socego,
Na serra, valle, e pégo
Meus dias vou passar;
A caça mais gostosa
Por ti ligeiro canço,
Das ondas no remanso
Os peixes vou fisgar,
E tu sem querer
Meu zelo pagar.

As

As flores no mez lindo,
Em farto ramalhete,
Que adorne o teu topête,
Nos prados vou cortar;
 Nas balsas, nas florestas
Te apanho os passarinhos;
Implumes em seus ninhos,
Aos pés tos vou lançar;
 E tu nem lhes queres
 A vista deitar.

❦

Anfriza bella, ingrata,
Repára que a dureza
A mesma natureza
Ensina a detestar,
 As aves do ar franco,
Os peixes do Oceano,
O mesmo tigre hircano,
Sujeitos são a amar;
 E tu sem querer
 Exemplos tomar.

❦

Pois já que mal acceito
He tudo quanto faço,
Não hei de mais hum passo
Por teu respeito dar;

Te-

Terei por lenitivo
Na minha desventura,
Ir esta mágoa dura
Lá longe prantear;
Lá onde não possas
Meus ais escutar.

✿

Já tenho de semente
Lançado á terra hum moio,
E não me dá qu' em joio
Se venha a transformar;
Tres duzias de cordeiros
Contei, e brancos muitos;
Que morrão todos juntos
Bem pouco me ha de dar;
Pois só para ti
Os hia guardar.

✿

Lá sobre erguidos montes
Distantes desta Aldêa
A sorte injusta e fêa
Por ti irei chorar;
Se disto satisfeita
Ainda não ficares,
Lá onde tu mandares,
A vida irei passar.

A vêr se com isto
Te posso obrigar.

✿

Mas ah ! que vã discorre
A louca fantazia !
Sem ti, quem póde huma dia
No mundo respirar ?
Pois antes que a saudade
Me renda o fraco alento,
Acabe o meu tormento
O tempo que restar ;
E vá o meu mal
Meu Bem alegrar.

✿

Hum dia virá 'inda,
Que tu arrependida
A minha extincta vida
Pertendas recobrar ;
Mas tarde o desengano
Terás, ó peito esquivo ;
E a quem deixastes vivo,
Virás já morto a amar.
Decide, que he tempo,
Meu gosto, ou pezar.

§. VIII.

§. VIII.

Sempre por este tempo, e muito frequentes apparecem naquelle theatro da cópa figuras recommendaveis, por este ou por aquelle feitio, deste, ou d' aquelle modo: entre outros, representou neste anno hum velho de authoridade, tanto ao vivo, o papel de mancebo, que no desempenho deste caracter, levava as lampas ao melhor escudeiro servente, na idade de dezoito annos: elle ladeava no passeio com todas as Senhoras, e de todas as castas, elle assistia a toda a que bebia do poço, quando não lhe administrava o copinho; e em hum, ou outro exercicio, sempre o riso andava nos seus labios, e o farfantismo em todos os seus movimentos: eu fui muito atacado para cahir-lhe em cima; mas por ser quem era, temi alguma roda de páo: com tudo, sem sahir do serio, sempre organizei esta pequena peça, mais de admiração, e desculpa, do que de critica, pelo sim, e pelo não.

Eu

Eu pensei que Amor sómente
Entrava em fogosos peitos,
E qu' os mais fracos deixava
A seus Ministros sujeitos.

⁂

Desenganei-me de todo;
Pois, tratando-se d'Amor,
Ricos, pobres, sabios, tontos,
São todos da mesma côr.

⁂

Iguala o rapaz travesso
Nos golpes dos seus farpões,
Tanto as almas elevadas,
Como humildes corações.

⁂

Os ais, que por elle solta
O soberbo, o máo, o bom,
O velho, o moço, o menino,
São todos no mesmo tom.

⁂

O sabio, quando s'explica
Possuido da paixão,
Não diz mais, sendo eloquente,
Que diz rugindo hum leão.

Sentillo, he de todo o vivo;
Disfarçallo, he fortaleza;
Mas de todo abandonallo,
He dar chasco á natureza.

§. IX

Achava-se tambem na dita Villa a banhos a Excellentissima D. Maria do Carmo Henrique, a qual na sua retirada para Lisboa, quiz a toda a força que eu a acompanhasse; e não houve outro remedio, senão compôr as cousas caseiras, e partir feito Ajudante de Ordens; mas esta jornada foi-me tyranna; porque além de eu estar acostumado ao meu socego, e descançado destas madrugadas, como ella se mettia em huma carruagem a quatro Macharrões, e ás duas horas da noite, ó eu me trepei em hum cavallicoque, ao tempo que costumava, ainda mesmo na vespera, ser o melhor do meu somno, e a mais portura do meu corpo, vi-me na precisão de não dormir, e galopar pela maior parte, para acompanhar, ou não fi-

ficar desacompanhado por charnecas; de sorte que quando amanhecêo, respirei de contente, mas moído, tresnoitado, e mais para deitar-me, do que para continuar a marcha.

§. X.

Serião sete horas, quando se fez pausa, e se mastigou alguma cousa; e sem mais aguavai entrou a desandar a máquina por *Espinhaço de cão* abaixo; e eu á saculijar no tal arenque, de maneira, que depois de dar-me á perros, resolvi não passar de passo, assim o fiz e a poucos passos, perdi a balandrá de vista, e pouco á pouco lhe appareci nas horas da sesta, e no lugar da pousada; e no outro dia pela mesma maneira; mas moído, não passei de *Sacavem*, donde erguendo-me ao outro dia, fui acompanhalla ao almoço em sua casa.

§. XI.

Estive tres dias de empáda, ouvindo descomposturas de fraco, e eu cá por dentro jurando de nunca mais em minha vida experimentar minhas forças

desta maneira: passados estes, procurei os amigos, vi os *theatros*, e ao oitavo dia, quando projectava partir, cahio-me huma desesperada dor de dentes, que me embargou dois dias, vindo a passar-me, por eu não querer ferro, pela situação do tal ossinho, com tabaco de fumo, a que vulgarmente se chama *sigarro*: por esta razão preparei-me de fuzil, pederneira, isca, e hum rolo de tabaco; e não achando besta em conta, senão hum macho de albarda, nelle me escarranchei, e vim dando ás trancas para a minha casa.

§. XII.

Chegado ao *Lumiar*, cheirou-me bem huma chanfana, que se estava fazendo á porta de huma tenda: apeei-me; e fui servindo-me mais o dono do macho; acabou-se a comida, e eu á cautéla accendi o meu *sigarro*, e puz-me a fumar neste intervallo; olhando para dentro, vi na cantareira hum rolo de isca da solla, de que não tinha achado em Lisboa; e comprei huma gran-

de porção della, que metti na aljibeira, e continuei a minha jornada.

§. XIII.

Alli por onde chamão a *Póvôa*, entrou a roer-me o dente; e eu para evitar que se adiantasse, ou para experimentar a ferramenta, fiz novo *archote de beiço*, e fui pitando; mas como o fazia por pouco, apaguei o sigarro, e metti-o na algibeira; mas dahi a pouco espaço comecei a sentir hum cheiro estranho, que me parecia cousa morta; e porque me acompanhava, assentei fixamente que era matadura do macho, que se escarmentava, pelo excesso, e roçar da albarda; e fui indo.

§. XIV.

Sabidas as contas o sigarro foi mal apagado para a algibeira, topou-se com a isca, beijárão-se, e foi callando pouco a pouco; e como eu hia assentado, e o vento dava contra a algibeira, que fechada, e com o lenço em cima, e o embuço, ou traço do capote não recebia ar algum, só deo mostras do estrago, quando chegando á porta da esta-

la-

lagem de *Loures* me desembucei, e saltei a terra, porque então ergueo fumaça, e entrou-me a gente a gritar: dei fé da caçada, despi a casaca, sobre cuja algibeira se entornou hum balde de agoa, e acudio-se com outro a huns saccos, que vinhão no albardar, que já tinha hum oculo, que se encaminhava á enxerga; e se mais cedo anda, e chega á palha, então eu sentiria, que era queimadura, e não suppozera que era matadura: está feito, queimou-se a isca toda, a algibeira, e parte do forro do gabão e huns insignificantes papeis, que hião na algibeira: vejão lá se levo *papel moeda*! eisaqui a primeira jornada, que fiz com o fogo no *rabo.*

§. XV.

Acabada que foi esta tormenta, tornei a trepar á dita varanda, e continuei a minha jornada, e fui pernoitar a *Runa*, e no outro dia cheguei a casa feito huma sopa, porque logo de manhã entrou a chuviscar, e parecendo nada, veio a dar nisto, pois he como certo que logo que eu faça jornada

por

por mais de cinco dias, seja em que tempo fôr, sempre ha de haver chuva, ou maior, ou menor: e talvez que se disto estivessem advertidos os Lavradores, já tivera recebido algumas pechinchas, comendo á custa dos astros, por me haverem algumas vezes feito observador das estrellas no pino do dia.

§. XVI.

Dados os abraços do costume, e devidos á mulher, filhos, e parentes, por hum, e por outro lado, reçolhi-me á cama, e no outro dia comecei com o aviamento das Partes, e começou por partes o Inverno que levei, sem maior novidade, e sem motivo que desafiasse a minha Musa, mais do que algumas brincalheiras de casa, e a birra que tomei com hum cujo avarento da minha amisade, de sobrescrito, a quem fiz a seguinte versalhada, que apresento, porque ainda que não o nomeio, a carapuça serve a muitos dos que hão de conhecer os meus Leitores, pois destes ha muitos, e todos leem pela mesma cartilha, e se ajustão por iguaes bitolas.

****

A AVAREZA.

Em Lieno.

NAscestes, Lieno,
Co' as unhas fincadas
Nas palmas mirradas
Das mãos pequeninas.

❀

Teu Pai lá nas Minas
Do rico *Brazil*,
Em trato servil,
Dinheiro forrou.

❀

A ti o deixou
(Herdeiro forçado)
Mas como! enterrado,
Qual elle o queria.

Da

Da terra qu' o cria,
O oiro extorquio,
E nelle imprimio
Os Rostos, e a Cruz;

⁂

O Sol, qu' o produz
Com tanto desvelo,
Não pôde mais vêllo,
Dês qu' elle o pilhou.

⁂

Na *burra* o lancou;
E além do ferrolho,
Foi guarda o seu olho
D' Inverno, e Verão.

⁂

Finou-se, co' a mão
Na chave agarrada,
E a cara voltada
Ao sitio em qu' o tinha.

⁂

Na casa mesquinha,
Com tanto dinheiro!
Soltaste hum berreiro
Por gastos do enterro;

E quando o desterro
Julgava acabado,
Ao oiro, coitado
Os ferros dobraste!

✿

Nem barbaro ousastes
Seu carcere abrir,
Temendo fugir
Da rija masmorra!

✿

Qu' importa o Pai morra,
Se tu, meu *Lino*,
Com ser mais pequeno,
E's nisto maior!

✿

S' o velho era dôr
Andar mal vestido,
E sempre comido
Nas Leis do jeju'.

✿

Mais dó fazes tu,
Co' as carnes á véla,
E a pobre goéla,
Com musgo, e bolôr!

Com

Com muito suor
Tão mal applicado
Já tens ajuntado
Dinheiro a dinheiro,

Mas dize, sendeiro,
Que vale ajuntallo,
Se vás encerrallo
Na mesma cafúa?

Se a carne anda núa,
Se a cama não presta,
Se aos dentes não resta,
Mais qu' alhos, e pão,

Por lei da razão,
A tua riqueza
He como a pobreza
D' hum triste mendigo.

De ti inimigo,
No teu aposento,
Estás no tormento
De *Tantalo* Rei.

Dos

Dos Deoses por Lei,
Num rio encravado,
'Stá d' aguas cercado,
Que aos beiços lhe vão.

❊

Por cima lhe estão
Os pomos a dar;
E ao illos buscar,
Lhe fogem da mão.

❊

Nem aguas lhe vão
A' boca anciosa,
Nem fruta gostosa
Lhe estalla no dente.

❊

Tu és fielmente
Hum tal condemnado,
Pois sendo abastado,
De nada te serves.

❊

Só misero ferves
Na çuja avareza,
De ter mais riqueza;
Porém para que?

Se és, como se vê,
De tanto dinheiro
Fiel thesoureiro
Sem uso nenhum!

Sardinhas, atum,
Cebolas, e alhos,
E pão d' esfregalhos
Só sabes comer!

Já mais pude ver,
Por tua desgraça!
No acougue, ou na praça
Teu servo comprando.

Tu sempre ajuntando,
A' força de usuras;
E o bem que figuras
Se perde no ar!

Podia fixar
O douto Alciato
Em ti o retrato
D' aquelle jumento,

Que

Que fino alimento
A's costas levando,
Estava mascando
Os cardos, e o tojo.

Tomaste o entojo
A' boa comida,
Só queres na vida
Nadar em dinheiro!

Não és o primeiro:
Já tens por herança
Os gritos da pança,
O pranto da fome.

Emenda-te, ó home,
De tal mesquinhez,
E quando não dês,
Mastiga sequer.

Escolhe Mulher,
Hum filho trasteja,
Que herdeiro te seja,
E fique por ti.

Diverte-te, rí,
Dá uzo a teus bens:
O muito que tens
Não gastas já 'gora.

❋

Tu vás d' hora em hora
A' morte chegando,
E sempre ajuntando!
Porque? para quem?

❋

Já viste a alguem
Com seu cabedal
Comprar o fatal
Instante da morte?

❋

Ah! segue outro norte,
Que assim vás errado;
E d' oiro cercado
E's menos que pobre!

❋

Que importa se dobre
A *burra* que tens,
Se quatro vintaẽs
Não sabes gastar!

Não posso chamar
A alguem opulento,
Se o vejo sebento,
E muito esgalgado.

❊

E's mais desgraçado
Na tua riqueza,
Do qu' eu na pobreza,
Que o Ceo me destina.

❊

A provida China,
Que ás vezes possúo,
Fiel distribúo
No justo preciso.

❊

O ventre anda liso,
O corpo vestido,
Em paz o sentido,
Sem mêdo a ladrões,

❊

E tu com milhões
Estás lazarento
Trombudo, choquento,
Em mil embaraços!

Da

Da morte nos braços
Te vemos cahir,
E sempre a carpir
Por mais cabedal.

❧

Pegou-se-te o mal
D' hydrópico triste,
A quem sempre assiste
A sêde cruel.

❧

Se bebe hum pichel,
Dobrado o deseja,
Mas sem que se veja
Da sêde curado.

❧

Lieno, coitado!
Cá deixas a burra,
Que herdeiro caturra
Fará galopar.

❧

Em cães de filar,
Cavallos volantes,
E seges farfantes
Se irá converter.

E tu, póde ser,
Que, dando-te a perros,
Estejas aos berros
Nas chammas a ardér.

§. XVII.

Em boa harmonia corrião os mezes da chuva, e eu atrafado com autos, a minha familia com fiações, e costuras; festinhas aos meninos, etc. viviamos em hum descanço invejavel, comendo e bebendo do producto dos nossos trabalhos, que he o pão que melhor sabe; e quando eu pensava, á imitação da formiga, não sahir da minha ceva, senão quando a Primavera vestisse os valles, e os montes, houve huma intrigasinha, que não posso contar, em razão de não misturar factos Ecclesiasticos, com que me foi preciso recorrer a quem me desaffrontou; e á proporção que hia arreigando na minha patria, aonde pelas longas, e continuas ausencias, vim a ser planta nova, á proporção tambem fui descahindo de afagos, e perdendo o nome de bom rapaz: tal he a sorte

das

das terras pequenas, aonde sempre medra huma intriga, que sopra a emulação, e atiça hum não sei que, que ha sempre de visinhos a visinho, huma vez que na povoação vivem homens, que se arrogão huma especie de authoridade que não tem outro fundamento mais do que hum capricho indiscreto: foi por tanto preciso, tomar o caminho de Lisboa, e por-me em representação com o meu Bemfeitor o Eminenissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarca, que vendo a minha razão, me desaffrontou em breve, e melhor do que eu queria.

§. XVIII.

Por occasião desta vinda visitei, como devia, a meu Compadre o Excellentissimo e Reverendissimo Principal Castro, que ha muito não via, e depois de attender-me, e brindar-me, me encarregou de dar-lhe conta exacta do que tinha por mim passado: e como me aehei nesta obrigação, huns dias depois lhe levei os versos que aqui vão adiante e que são hum resumo do attinente á minha vida, no novo estado.

Meu Compade, o teu compadre
Ha doze Luas, ou mais,
Nem tem a dita de ver-te,
Nem sabe como tu vais,

❦

Agora pois, que negocios,
E d'alta ponderação,
Derão com elle em Lisboa,
Vem á sua obrigação.

❦

Vem buscar-te, e chega em versos,
Que taes quejandos verás,
Cortados pela bitola
Da prosa dos Provarás.

❦

Nelles se conta huma historia,
Não das civís de *Granada*;
He moderna, he verdadeira,
Escrita em frase lavada.

❦

Toma sentido, Senhor,
E verás no fim de tudo,
Qu' inda qu' a frase graceje,
Seu argumento he sisudo.

Era

Era huma vez hum *Malhão*,
Estudante aventureiro,
Cheio de tanta feição,
Como falto de dinheiro:

⁂

Este sem ter hum real,
Pisou os frios *Geraes*,
Comeo, bebeô cerceando
O patrimonio dos mais.

⁂

Achou no claro Mondego
Hum largo, e constante abrigo,
Por amigos tendo a todos,
E de todos sendo amigo;

⁂

E finalmente depois
De brincar co' as tripas fartas,
Entrou na Patria vaidoso
Co' sello das suas Cartas.

⁂

Poz Banca, deo-se á defeza
Dos opprimidos clientes,
Qu' inda co' furto na mãos,
Jurão, qu' estão innocentes.

N' hum Escritorio adornado
De Praxistas d' alto bordo,
Muitos papeis em magotes,
E hum Codigo velho, e gordo;

Não teve pejo Cupido
D' entrar com móssas de páo;
E quando o julgava menos.
Fez-me amante menos máo,

Casei-me em fim, e forçoso
Foi á minha obrigação,
Pôr aquelles meios justos
De dar de mim hum Malhão.

Cumprio-se isto a tempo azado,
Contra o estilo da terra;
Pois lá quando o nó se aperta,
Já no berço o filho berra.

Mas, Senhor, quando cahio
Aos pés da mãi a pessoa,
Esperando-se hum *Malhão*,
Achámos huma *Malhôa*.

Pe-

Pegando-lhe, de contente
Não podia em mim caber,
Vendo-me Pai da menina,
Sem escrupulos de o ser.

Eu disse então para ella:
Ainda que pobre sou,
Não has-de achar em mim
O que achei em teu Avô.

Era de Lei, e vontade
Lavalla na fonte pura,
Qu' herdeiros nos habilita
Desses bens da summa Altura.

Dei-lhe hum Padrinho na terra,
Que muita chelpa me deo;
E por madrinha escolheo-lhe
Sua Mãi a *Mãi do Ceo.*

Eu pensei qu' o meu Compadre
Com esta nova união,
Mettesse a nossa amizade
Mis dentro do coração.

As-

Assim acontece aos outros,
Que s' achão na minha esteira;
Mas, Compadre, as cousas minhas
Correm por outra maneira.

Tanto assim, qu' em dia avesso,
Em que depois o busquei,
Da temp'ra da neve fria
Suas palavras achei.

Puz a tratos o discurso,
Sem poder lembrar-me nada,
Que me tivesse com elle
A consciencia gravada.

Até que por fim de eontas,
Assentei qu' esta mudança,
Tinha o principio na filha,
Por eu ser Pai da criança.

Muito bem: vamos agora
A outra historia que tal,
Quero que saibas, Senhor,
Do meu bem, e do meu mal.

Sa-

Sahe segundo á luz do dia,
Sahe macho, como hum coelho,
E na classe de Varão
Cobra as honras de mais velho.

❦

De seus Padrinhos es Tu,
O que me chamas Compadre:
Da outra não ha Padrinho,
Deste não tenho Comadre.

❦

A razão de se acabar
Tamanha estima, e favor,
Assento ser outra tal,
E qual, sem tirar, nem pôr.

❦

Agora saber quizera,
Em paga destas historias,
Se as mercês, que tu me fazes,
Virão a ser transitorias.

❦

Por qu' a vir do compadresco
O mal que sonho, e relato,
Suppõe tu, que tal não houve,
Qu' eu já renuncio o pacto.

De quantos bem me fazião,
Ha poucos em meu favor;
Os mais assentão que tudo
Sobeja, a quem he Doutor.

✿

Não se recordão que tempo
Para demandas vai máo;
Que temos manteiga a doze,
E a cem reis o bacalháo.

✿

Qu' engordou o azeite em preço,
Tufou em preço o toucinho,
E os çapatos de dois pintos
Entrão-lhe os pés a quartinho.

✿

E eu posto na minha casa,
A' maneira da *Santolla*,
Sou Francisco arroz, vinagre,
Alhos, coentros, cebola.

✿

Dirão: porque me casei?
Mas qu' hei de fazer-lhe agora?
Hei de matar os pequenos,
Hei de pôr a mulher fóra?

As

As criancas, por crianças
Estão em peior esteira;
A mãi, como ha gente pia,
Não faltará quem a queira.

❧

Mulheres fazem mais dó,
Os seus ganhos são pequenos;
Homens, por molles que sejão,
Esgravatão mais, ou menos.

❧

Mas huma desordem, d'outra
Nunca seja o consequente;
E tu caso te arrependas,
He por Compadre sómente.

❧

Por qu' eu do modo possivel,
Trasbordando de razões,
Oro por ti, quando faço
Minhas ralas orações.

❧

Quando, ao vestir-se, co' a mãi
Reza, o prende o *Chiquinho*,
Entra nas súpplicas d' ambos
A saude do Padrinho.

Pois se ao Ceo trepar não podem
Do pai os rogos ardentes;
Ao throno de Eterno subão
As petições d'innocentes.

❁

De maneira, qu' eu supplico
A par de razões bastantes,
Se Compadre não m'estimas,
Seja pelo qu' era d'antes,

❁

D'antes, unico motivo
Foi a tua compaixão;
Pois não mudes, porque existe
Em nós a mesma razão.

❁

Senhor, preciso he que saibas
Que todos meus cabedaes
Vem de ti, da minha horta,
E das desordens dos mais.

❁

Mas hoje he diversa a intriga
No meio d'aquelles póvos;
N'outra idade tinhão brigas
Por qualquer frango, e dous óvos;

Ago-

Agora bem que lhe tirem
O olho esquerdo, ou direito,
Pedem vista n'hum berreiro,
Mas não a querem n'hum feito.

❊

Bem sei me podes dizer,
Ao ler estas queixas minhas,
Qu' és meu amigo, porém
Que as faltas não adivinhas.

❊

He assim: hum farto amigo,
D'ordinario não conhece,
Se o frio em Janeiro afflige,
Se a calma em Agosto aquece.

❊

Mas bem vês qu' o Ceo se cobre
D'esses tufões carrancudos,
E leves chitas degradão
Grossos baetões felpudos.

❊

Vem d'aqui, que hei de mudar
Aos filhos ou fato, ou pelle;
E se acaso não me acodes,
Ensina-me aonde appelle.

Aos Provarás, ah! mudou-se
Já das Demandas o trilho;
A's searas? Deo-m' o tempo
Muita palha, e pouco milho.

❋

Parece-me que m'entendes;
E se disfarças, em fim
Deixa correr o joguinho,
Deixa-o ir ao galarim,

❋

Que mais dia, menos dia,
Em tu sentindo enforcado,
Dirás! » lá vai meu Compadre,
Era bom moço, coitado.

XIX.

Como havia tambem visitado o Excelentissimo Minas, fui despedirme, e elle como adivinhando, que a minha bolsa não levava vantajozo provimento, sem que eu em tal lhe falasse, á sahida da porta, até onde me fez a honra de vir comigo, me apertou a mão, deixando-me nella, muita ajuda de custo: e porque ainda me demorei mais dous dias á espera do Estafete, lhe escrevi estes versinhos sobre o caso.

Eu li, Marquez, nos poëtas
De respeitoso conceito,
Que a Magestade, e o Amor
Não s'accommodão n'hum peito.

Mas este ditado antigo,
Vejo qu' em nós se desmente;
Pois eu conservo-te amor,
E respeito-te igualmente.

Tu

Tu tambem d'igual maneira,
Sem quebra em tua gtandeza,
Agasalhas amoroso
De meu merito a escaceza.

He bem verdade, senhor,
Que não pode haver reparo,
Qt' isto comtigo aconteça;
Pois qu' em tudo o bom és raro.

Tu és livre de quimeras;
Quem t'agrada vai achar,
No centro da fidalguia
Hum homem particular.

A candura da tu' Alma,
Junta ao que tens de nascença,
Entre os Dynastas do mundo
Dão-te real differença.

As fallas da tua couca
Não levão mescla comsigo;
O respeito do teu rosto
Não desmente o ser d' amigo.

O

O que sentes lá por dentro,
Apparece cá por fóra;
E sem trocar os instantes
E's o mesmo a todo a hora.

❀

De muita gente sei eu,
(Devo seus Nomes callar)
Qu' he d' hum modo ao recolher,
D' outro modo ao levantar.

❀

Tu és como o sol doirado,
Que limpo na esféra nasce;
E vai aos braços de Thetis
Sem mancha alguma na face.

❀

E se adivinhas, e acodes
A' desgraça dos mortaes,
Para amor, para respeito
O qu' he que te falta mais?

§. XX.

Feitos estes, e outros comprimentos tomei o caminho da patria, já se sabe que com muita chuva, e vento, e continuando no socego, de que me havia arrancado, quem gostando do seu, se recreia com o incommodo alheio, fomos entrando pelo mez de Setembro, com a commodidade que podiamos chegar; e porque o Verão he que ministra mais acontecimentos e assumptos, deixemos aqui esta E'poca X., e entrando na primavera, trataremos das mansas heroicidades, que vão fazer os objecto da seguinte.

FIM.